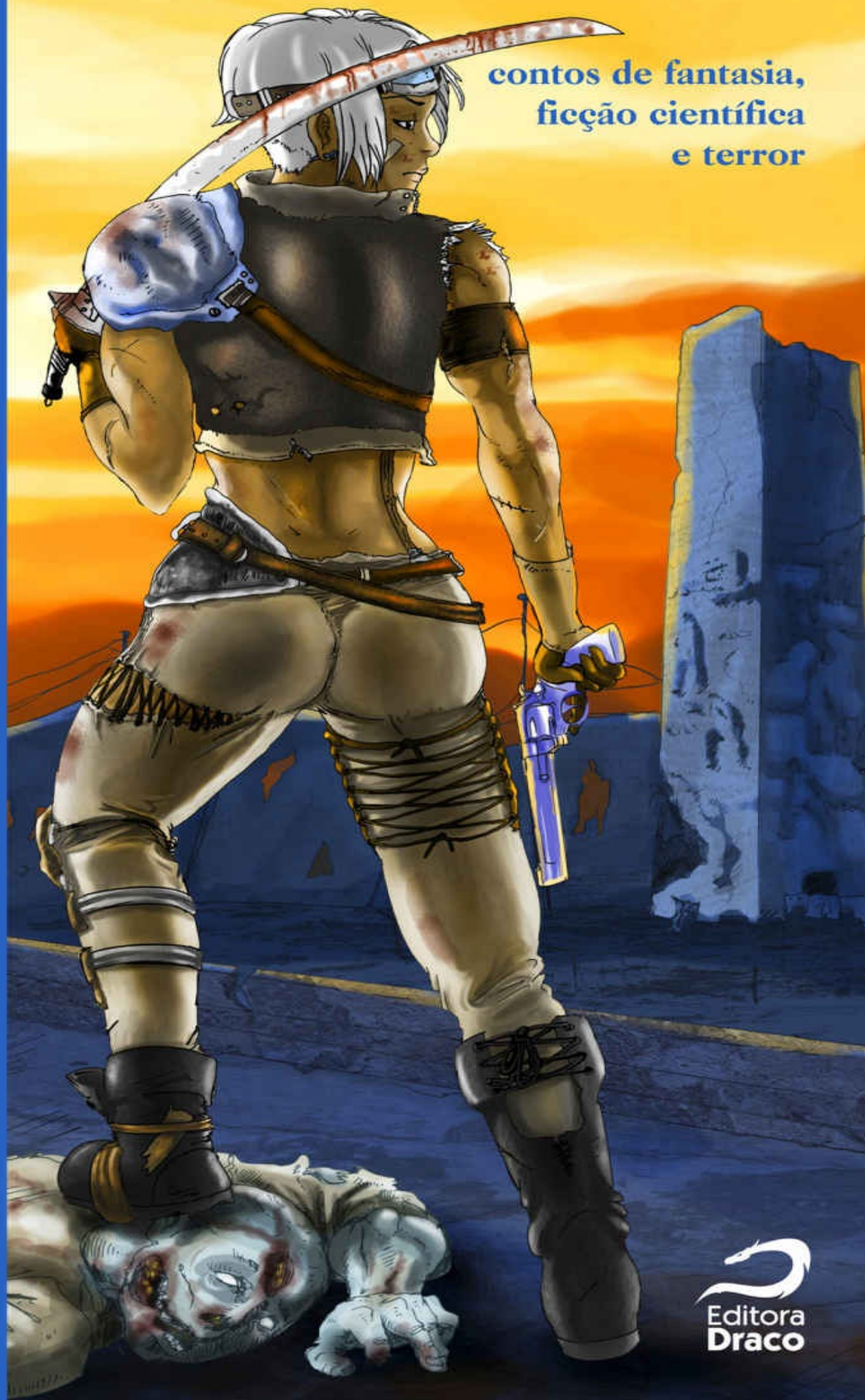


soisôjãpios

volume 15

contos de fantasia,
ficção científica
e terror




Editora
Draco



imaginários
contos de fantasia, ficção científica e terror

volume

5

Organizado por
Erick Santos Cardoso

1ª edição

Editora Draco

São Paulo
2015

© 2012 by Jim Anotsu, Alícia Azevedo, Eduardo Kasse, Lucas Rocha, Hugo Vera, Dennis Vinicius, Pedro Vieira, Alliah, Renan Barcellos e Bruno Nunes Ribeiro.

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Edição: Erick Santos Cardoso

Produção editorial: Janaina Chervezan

Leitura crítica: Antonio Luiz M. C. da Costa

Revisão: Eduardo Kasse

Ilustração de capa: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Cardoso, Erick Santos (org)

Imaginários: contos de fantasia, ficção científica e terror / Erick

Santos Cardoso (org). – São Paulo: Draco, 2015 – (Coleção Imaginários, v. 5)

ISBN 978-85-62942-25-9

1. Contos brasileiros 2. Literatura Brasileira I. Título II. Coleção.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2012, 1ª edição digital, 2015

Editora Draco

R. César Beccaria, 27 - casa 1

Jd. da Glória - São Paulo - SP

CEP 01547-060

editoradraco@gmail.com

www.editoradraco.com

www.facebook.com/editoradraco

Twitter e Instagram: @editoradraco

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Garota Invisível - Jim Anotsu](#)

[O Prenúncio de uma Guerra - Alícia Azevedo](#)

[Nota](#)

[Sobre guerras e deuses - Eduardo Kasse](#)

[O Peixe-Homem - Lucas Rocha](#)

[Um novo sol para contemplar - Hugo Vera](#)

[Amor de Esqueleto - Dennis Vinicius](#)

[O Relojoeiro Cego - Pedro Vieira](#)

[Vender e vender - Alliah](#)

[O Último dia de Bad Block - Renan Barcellos](#)

[Senhora Dolores - Bruno Nunes Ribeiro](#)

[Sobre os autores](#)

Garota Invisível **Jim Anotsu**

Para Ralph Ellison e Thomas Pynchon. Os verdadeiros subterrâneos.

Eu sou uma garota invisível. Tenho uma doença nos olhos e alguns dentes me faltam. Dores constantes atentam contra as minhas mãos e o simples ato de abrir uma porta faz meus ossos rangerem como uma sinfonia desafinada. Não falo sobre a invisibilidade banal – ser ignorada por colegas de escola ou coisa do tipo. Tampouco estou falando sobre algo no estilo H.G Wells. Minha invisibilidade, aquela que me trouxe ao subsolo, é aquela que me aproxima do Homem Invisível. Abandonei a sociedade e ela, obrigado, retribuiu o favor. A minha invisibilidade pessoal e intransferível é aquela que encontrei debaixo da terra, enquanto espero a hora – porque como o velho Eclesiastes comentou: *Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu*. Aleluia, aleluia – de subir ao mundo, deixar o ar viciado sair. Vivo há alguns anos aqui embaixo e se escrevo agora essas memórias do subsolo é apenas porque tenho tempo de sobra. Sou privilegiada, veja bem, tenho bons livros ao meu dispor – Ellison, Baudelaire, Dostoievski, todos comigo no subterrâneo – e música boa – Radiohead, Flaming Lips, Talking Heads e mais e mais. Tenho tudo o que preciso aqui. Não pense que o meu subterrâneo é um buraco escuro, rústico ou sem elegância, fiz questão de que houvesse luz, mil lâmpadas que cobrem o teto e o chão. Concordo com o Homem Invisível nisso, precisamos de iluminação. Até mesmo o abismo pode ser aconchegante se preparado com cuidado, delicadamente ajustado. As pessoas raramente pensam no submundo, esse espaço que acolhe os loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar e os loucos para serem salvos, como disse Jack Kerouac em algum lugar lá atrás. Tenho permanecido aqui pacientemente, mapeando todo o caminho que vou precisar percorrer para levar a minha vingança até aqueles que me trouxeram ao submundo. Porque ninguém escolhe a invisibilidade, ela é escolhida para você, imposta por *eles* como chagas foram impostas a Jó. Um dia você existe e no outro, tudo lhe é tomado. E assim tenho vivido os últimos vinte anos – ou menos, não se tem muita noção de tempo aqui embaixo. Nessa existência tão escura quanto minha pele. E agora – na extremidade do fio de minha vida – registro essa história e ato as duas pontas. Pessoas velhas gostam desse tipo de coisa. Nem sempre fui velha, pelo menos eu não era quando tudo isso começou naquele dia de maio, quando cheguei à cidade grande num ônibus sujo e repleto de crianças choronas. Eu tinha um chapéu, herança de minha avó e uma bolsa *Superflat First Love* – presente de aniversário de meu pai. Você não sabe como essas bolsas

eram populares, tinham todas essas cores e desenhos e toda garota queria uma delas – havia também um desenho animado sobre a bolsa. Um acessório desses pode não ser muito relevante para um observador casual, contudo, ele revela mais sobre seu dono do que se imagina. Assim como o gosto musical de alguém pode explicar algumas coisas. Um garoto que ouve Pinkerton em seu quarto tem um mundo interior bem diferente daquele que anda com Skrillex nos fones de ouvido. Essa pequena digressão serve para afirmar que a minha bolsa dizia que eu era uma garota comum e estúpida vinda de uma pequena cidade pequena, que embora tivesse uma bolsa cara, usava sapatos de segunda mão e uma mala de couro surrada. E assim voltamos ao início de tudo isso. Ainda me lembro de ter descido na rodoviária e perguntado a um policial qual caminho fazer para chegar até a escola de música. Pois o meu objetivo era este. Após muitos anos de estudo com esse professor de piano na cidade pequena, era meu dia de ingressar na Greenwood School of Music, tentar alcançar meu sonho de me tornar uma pianista conhecida. Eu havia chegado à cidade com o dinheiro para minha matrícula e para sobreviver uma semana – tempo para encontrar um emprego e um lugar para morar. Eu era ingênua, estupidamente ingênua. Melhor teria sido permanecer em minha cidade e encontrar uma vidinha medíocre e sem graça, como minha mãe fez e como a mãe dela havia feito antes dela. Os jovens têm o direito de ser idiotas. Permissão divina para serem incapazes de pensar adiante. Lá estava eu, deslizando feliz pelas ruas e avenidas, observando vitrines e imaginando como cada um daqueles vestidos ficaria bem em mim. O interessante em andar num lugar novo é a sensação de estar olhando uma vitrine, calçada ou prédio pela primeira vez, como se nada houvesse existido antes e pudesse existir depois. Eu estava no cruzamento entre Beck Street e Oderlay Avenue quando a primeira das coisas ruins aconteceu. Vindo de aparentemente lugar nenhum surgiu um homem sujo – do tipo que se encontra onde você nunca teria vontade de visitar – e puxou minha bolsa. Tentei lutar contra aquilo da melhor forma que pude, chutei e gritei por ajuda. Algumas pessoas pararam e observaram, gritando xingamentos – outras simplesmente continuaram a andar. Com um último arranco a bolsa se soltou dos meus dedos e o homem sumiu por entre a multidão, desaparecendo num átimo de segundo. Você não sabe muito bem o que fazer quando esse tipo de coisa acontece. Simplesmente fica lá, sentindo o golpe psicológico aos poucos. Uma mulher tentou me consolar, outras pessoas ficaram ao redor. Eu simplesmente permaneci. Lá se fora todo o dinheiro para a matrícula na escola de música. Naquele momento, eu era algum tipo de Carson McCullers numa situação bem pior, a presa solitária. Eu não poderia voltar para casa e nem poderia me hospedar num hotel barato. E foi dessa forma que um homem levou tudo o que eu poderia querer na vida dentro de uma bolsa *Superflat First Love*. Tudo o que aconteceu depois é meio borrado nas minhas memórias, é como se tudo o que se sucedeu naquele meio tempo houvesse fluído em

piloto automático. Existe um tipo de tristeza tão pungente que é capaz de fazer com que você se perca num mar de insensibilidade, impossibilitando a capacidade de experimentar o sofrimento como deveríamos. Uma paciente anestesiada sobre a mesa. Meus pensamentos iam de um lado para o outro, prendendo-se ora num pequeno detalhe no chão ora em conjecturas sobre o meu destino e todas as porcarias pelas quais eu provavelmente passaria dali em diante. Não poderia simplesmente ligar para os meus pais – preferia não desapontá-los com os meus fracassos. Eu estava cansada e o suor descia do alto de minha cabeça até entre os dedos dos pés – e para piorar tudo, eu estava menstruada. Definitivamente, aquele não era um bom dia. Suspirei e fui me sentar na calçada em frente a uma loja de discos perto do centro da cidade. E foi de lá que comecei a assistir aos eventos que me trariam ao subterrâneo. O mundo explodindo através do céu. Ou um som muito parecido com isso. As explosões reverberaram em cada superfície. O asfalto se dividiu ao meio e tudo tremeu. Os meus gritos se misturaram aos de centenas de outros e as lágrimas vieram sem controle. Eu me levantei com dificuldade e a próxima coisa que vi fez com que eu tivesse vontade de ter continuado deitada. É a partir desse ponto que o leitor tem todo o direito de não acreditar em nada do que digo, de pensar – e eu não os culparia em pensar isso – que tudo não passa de delírios de uma mente idosa. Sinta-se a vontade para decidir. Porque queira alguém ou não, eu ainda o enxergo em minha mente como se fosse ontem. Começou com um coelho pela cidade. Quarenta metros de pelos brancos caminhando sobre o centro da cidade, esmagando carros e prédios da mesma forma com suas patas. Dias depois um noticiário diria que era um ataque terrorista, enquanto naquele momento uma senhora gritava que aquela era uma besta enviada por Deus para punir aqueles que não acreditavam nele. Eu observei aquilo durante um longo tempo, forçando um pouco a visão, consegui ler as palavras escritas num pedaço de madeira que o monstro trazia em seu pescoço. Em grandes e brilhantes letras vermelhas, uma simples mensagem: DÊ-ME SUA MAIONESE! Quão poderoso era o efeito que aquela frase imprimia no coração da cidade? Ninguém é capaz de avaliar até mesmo nos dias de hoje. Até mesmo as frequências mais baixas não falam sobre isso. Uma das coisas mais interessantes nas pessoas que testemunham destruição – seja um acidente de carro ou uma criança que cai – é que sempre há alguém por perto para registrar em isso numa câmera amadora, e dessa forma, a destruição empreendida pelo coelho era capturada por todos os ângulos possíveis. Como se as lentes fossem capazes de filtrar tudo aquilo que assistiam. Ah, cara, dizia um garoto ao meu lado, isso é a coisa mais legal que eu já vi. Eu estava empenhada em me afastar quando senti um forte aperto no meu braço. Um homem gordo e suado estava caindo. Tentei ajudá-lo a se levantar, mas ele me impediu. Não deixe que eles façam isso, disse ele me entregando um cartão com um coração verde desenhado. O que significa isso,

perguntei, o senhor precisa de cuidados médicos. Fiz um esforço considerável na tentativa de ajudá-lo a se levantar, mas em segundos isso deixou de ser necessário. O homem gordo morreu de olhos abertos e tentando balbuciar algo. Continuei a caminhar o mais rápido que conseguia. De todas as formas e maneiras, aquele era o dia mais estranho de toda a minha vida – sem sombra de dúvida. Olhei para o cartão que me fora dado. **Os Dublês Paranoicos – Apresentação Única: É proibida a entrada sem a apresentação deste.** Continuei a olhar aquelas palavras durante um bom tempo, imaginando o que poderia significar. Nenhum sentido emergiu e fui obrigada a continuar minha corrida enquanto o monstro destruía parte da cidade, fazendo com que prédios caíssem feito dentes de leite. Caminhei até uma rua não muito adiante e deixei que todas as lágrimas viessem: Estava cansada e desejosa de largar tudo para trás, voltar para minha cidade e esperar que o último dos meus dias viesse me buscar. Precisava colocar minha cabeça no lugar e decidir qual seria o meu próximo passo. Olhei para a rua em seu trânsito engarrafado e as pessoas que tentavam fugir, tropeçando, caindo e pisoteando umas as outras. Todas as atitudes haviam se resumido àquilo: desespero. Nossa humanidade havia se transformado naquilo, pensei, uma debandada por ruas tão organizadas algumas horas atrás. Deixei que meus olhos laçassem o coelho mais uma vez, avançando por entre as construções. Eu pensava num cubo de gelo que vai se derretendo até virar uma poça disforme. O coelho era o calor transformando a cidade em um círculo de água que em breve engoliria a mim e a todos fraternalmente. Eu estava perdida em meus pensamentos quando minha atenção foi chamada para algo no fim da rua. Os gritos vieram primeiro e a fumaça em seguida, pude então enxergar o fogo consumindo árvores e pessoas, telhados e paredes. Um grupo de crianças maltrapilhas com máscaras de gás e lança-chamas se divertia sem fazer distinção entre alvos. A cidade era tingida com o vermelho dançante. As crianças riam enquanto as cinzas formavam um cobertor escuro sobre o meu rosto. Continuei a caminhar, porque é isso o que você faz quando tudo ao seu redor começa a se desmanchar. Um passo. Perna adiante, perna para frente. Outro. Perna adiante, perna para frente. Um padrão vai emergindo no meio de tudo aquilo. As crianças incendiárias se divertiam com um grupo de freiras aglomeradas dentro de um fusca. Nossa, que bom, gritava um dos garotos, a roupa delas tem muitas camadas para se queimar. Foi a última coisa que ouvi antes de desaparecer por uma ruela fedida. As casas haviam sido abandonadas e saqueadas, um homem e uma garota de uns doze anos eram os últimos a saírem apressados, ele ajeitava o cinto enquanto andava. Pensei em perguntar qual seria o melhor caminho para me afastar dali, mas antes que pudesse fazê-lo minha atenção foi atraída para uma porta no meu lado esquerdo. Uma pequena placa anunciava um bar no segundo andar onde comediantes se apresentavam nas terças e quintas. Contudo, o que capturou meu olhar foi o pequeno coração desenhado no canto.

Retirei o cartão que o homem gordo me dera e comparei os dois, eram definitivamente iguais. Talvez a resposta para tudo aquilo estivesse ali. Empurrei a porta e subi as escadas com cuidado, parando a cada lance de escada para escutar o barulho que vinha de lá: havia música, assim como vozes. A poeira fazia com que eu sentisse vontade de espirrar, fiz um esforço para que isso não acontecesse. No fim da escadaria havia um pequeno corredor que levava ao *lounge*, caminhei até o canto e estiquei o pescoço, observando tudo o que se passava por ali. A fumaça dos cigarros e os perfumes enjoativos se misturavam no ar fazendo com que eu me sentisse atordoada. Dezenas de pessoas estavam espalhadas pelas mesas e perto do balcão em seus ternos caros, vestidos de grifes famosas e máscaras de porco. Todos riam com a piada do homem no palco. Mas, doutor, eu sou o Pagliacci, dizia o humorista ao microfone. Risadas ecoaram em todo o lugar. Hoje é um dia especial, dizia o comediante, o coelho já está aqui, os nossos amigos do correio já fizeram o truque deles e logo mais a grande apresentação – ah, não deixem de cumprimentar a moça que está se escondendo ali atrás, ela é importante para nós. O meu sangue parou de correr e o meu coração confrangeu. Todas as máscaras se viraram na minha direção, quietos por alguns segundos – longos, silenciosos e pesados – e então o céu desabou. Todas as pessoas se levantaram ao mesmo tempo, derrubando taças, garrafas e cadeiras, corriam na minha direção, grunhindo e de braços esticados, alguns corriam de quatro. Desci as escadas o mais rápido que consegui, saltando degraus enquanto ouvia os perseguidores no meu encalço. Então aquilo era o fim do mundo, pensei, o choro e o ranger de dentes. Meus pensamentos não conseguiam mais processar aquilo. As coisas desmoronavam e o centro não conseguia suportar. Deixei que as minhas pernas me guiassem para longe, até uma rua deserta de onde todas as outras pessoas já haviam fugido. Sentei-me na calçada e abracei as pernas, desejava apenas ficar ali, afundada em meus medos, escutando a destruição perpetrada pelo coelho. Eu não tinha ideia de qual poderia ser o passo seguinte e cada poro da minha pele se arrependia mais do que o outro de ter saído de casa. Talvez existisse um limite que a mente fosse capaz de suportar – como um elástico que se estica até se arrebentar – e eu sabia que o meu estava logo adiante. O fato era que o mundo havia enlouquecido e poderia estar acabando naquele exato momento. Olhei para o alto e observei os fios que passavam de um poste ao outro, alguns eram da companhia telefônica certamente. Cabos que ligavam pessoas numa rede confusa, ainda que organizada. Foi aí, pela primeira vez, que minha mente, de forma ingênua, começou a formar aquilo que seria o evangelho da minha vida no subterrâneo: Talvez, lá, nas frequências baixas, se ocultasse um elo entre o que acontecia – ou alguém que conectasse todas as variáveis, usando cada indivíduo como peça inconsciente de um jogo complexo. Era possível que todas as informações estivessem espalhadas pelo globo numa escala estúpida de incerteza e

imprevisibilidade. Símbolos, signos e mensagens disponíveis para quem pudesse enxergar os fios escondidos entre mil ruídos, contudo, estas mesmas informações estariam se formando e expandindo continuamente e em todas as direções, de forma que alguém pouco saberia mesmo que descobrisse um grande segredo por dia. Eu estava perdida nessas correntes quando coisas começaram a cair do céu. Foi uma chuva rápida e barulhenta que quebrou vidros e cobriu a rua em milhares de tons. Escondi-me sob o toldo de uma loja e estiquei a mão para apanhar uma das coisas. Era uma revista em quadrinhos de poucas páginas e embora uma chuva de quadrinhos fosse algo surpreendente por si só, o conteúdo era bem mais perturbador. *A Garota Invisível – Edição de Colecionador*, anunciava a capa com a ilustração de um coelho segurando um pote de maionese. Ali estava toda a minha história desde o momento em que botei os pés fora de casa, minha chegada à cidade grande, o assalto e o aparecimento do coelho – incluindo meus pensamentos! Fui lendo cada página ali mesmo, em pé num canto, acompanhando minha versão ficcional num mundo de tons pastéis. Cada pequeno detalhe das últimas horas estava presente ali, os lugares pelos quais passei e cada poça de pensamento enfiando em recordatórios e letras bastão. Minhas mãos tremiam enquanto passavam as páginas, eu acabara de fugir do bar na revista e chegava até aquela rua. A cena logo após a chuva de quadrinhos me exibia atravessando a rua e enfiando a mão numa lixeira. Tirei os olhos do papel e olhei adiante, sem me surpreender em encontrar o item mostrado na revista. De pé, li todas as páginas da publicação e isso fez toda a diferença: eu sabia o que precisava ser feito para salvar a cidade. Talvez eu não devesse confiar numa revista em quadrinhos, mas eu sentia dentro de mim que era a única opção. Resolvi fazer um teste e verificar a lixeira do outro lado da rua, pisando e amassando capas e páginas espalhadas pelo caminho. Enfiei a mão dentro da lata, afastando embalagens vazias até puxar uma sacola do Walmart. Abri e retirei o revólver que estava dentro. Era uma coisa fria e pesada que mal cabia na minha mão. Voltei a folhear o material. Precisava seguir até o fim da rua e virar na Avenida *La Fête*. Havia grande movimentação naquele lado. O coelho acabava de cruzar a rua e saltava sobre um hotel famoso. Não me desviei do caminho. Um mendigo bêbado pedia um abraço a quem passava. O barulho de mil buzinas no engarrafamento adiante e os helicópteros militares que cruzavam o céu. Não me importei com nada daquilo. Eu estava sendo movida por um novo tipo de propósito, disposta a compreender aquelas linhas. Atravessei por entre veículos e pessoas. A arma pesava em meu bolso. O cansaço consumia todo o meu corpo, mas eu não desistiria. Não quando eu era a única capaz de resolver todos aqueles problemas, quando eu era a peça central daquela conspiração. A *Rua Harvey* era a próxima, com todos os seus bares e restaurantes fechados ou destruídos – exceto um. Enfiei a mão no bolso e peguei o cartão que o homem gordo me entregara – de acordo com a revista o nome dele era Gabriel. O

asfalto estava coberto com os quadrinhos sobre mim. Um segurança de braços fortes guardava a entrada do *Dom Unabomber*, o único lugar aberto naquele dia. Não fiquei surpresa ao ver o coração verde desenhado na placa. A entrada, com seus cartazes anunciando bandas e shows me lembravam das fotos do CBGB – o clube berço do punk –que vi numa matéria da *Rolling Stone* certa vez. Apenas convidados, disse o segurança ao ver-me. Sorri e mostrei o meu ingresso. O homem conferiu se tudo estava correto e deu passagem. Desci as escadas escuras com cuidado, um cheiro azedo impregnava as paredes. Uma explosão de sons vinha de baixo. Meus olhos levaram um tempo até se acostumarem com as luzes quando cheguei até a pista. Holofotes e luzes coloridas em todas as direções, dezenas de jovens amontoados na beira do palco onde uma banda se apresentava. Era uma multidão selvagem que gritava e dançava como que em transe. Eu me enfiei no meio do público e forcei passagem até o palco. O nome da banda estava estampado na bateria: *Os Dublês Paranoicos*. As guitarras distorcidas e barulhentas misturadas a vocais etéreos enchiam o lugar. O vocalista cantava sem interagir com a plateia, apenas encarando os próprios sapatos. Fiz um esforço para enxergar o *set list* aos seus pés: 1 – *Coelho e maionese*, 2 – *Crianças em chamas*, 3 – *Porcos*, 4 – *Céu de Quadrinhos*. Ali estavam os culpados, capazes de fazer com que cada uma de suas músicas se tornasse realidade. Quando a quinta música – *Garota Invisível na Estrada* – acabou, o vocalista ergueu a cabeça pela primeira vez, olhando para os rostos em silêncio. Nós temos uma música nova para vocês, disse ele em seu timbre baixo-barítono, e será a última de hoje, o nome dela é: *O Fim do Mundo*. Cada pequeno evento havia me levado até ali, onde acordes matariam cada um de nós. O guitarrista foi o primeiro a tocar. O chão tremeu. Eu precisava fazer alguma coisa, caso contrário...

*Everything is gonna die, now or later,
Layers like a bog keep me preserved,
From the hater inside you, fool prayer*

...tudo estaria perdido. Os jovens já abriam um círculo e se agitavam sem dar atenção às rachaduras no chão que não estavam ali dois minutos antes, assim como o sacolejar no teto, estavam apenas se divertindo. O que eu precisava fazer a seguir não seria fácil. Por um destes motivos que ninguém conseguia explicar, eu me vi pensando em Francisco Fernando – o arquiduque cuja morte foi o estopim da Primeira Guerra Mundial –, mais do que isso, eu me vi pensando em Gavrilo Princip, o homem que puxou o gatilho. Como teria se sentido ao ter a arma em suas mãos e o inimigo a sua frente? Qual pensamento teria atravessado sua mente antes da fazer aquilo? Segurei a arma em minhas mãos e apontei. Os olhos do cantor se cruzaram com os meus. O fim não estava próximo, era aqui. Tomei um último gole de ar e

deixei que a arma fizesse sua função. As balas cortaram o ar mais rápido que o pio de uma ave e se alojaram na camisa branca do *frontman*. A música parou naquele instante e todos os demais integrantes correram para se esconder. Olhei para a figura que sangrava no palco, tentava falar alguma coisa. Eu não quis ouvir. Virei as costas e saí com a multidão que fugia. O leitor não é capaz de imaginar a felicidade que tomou conta de mim ao retornar às ruas e ver que os horrores haviam desaparecido. Tudo em seu devido lugar. Bem, as coisas não acabaram por aí, eu sabia que *eles*, o inimigo sem rosto que conectava tudo, viria atrás de mim. Os corações verdes continuariam a se espalhar pelo mundo sem que eu pudesse fazer o mínimo acerca disso. Foi isso o que me trouxe ao subterrâneo, onde estou até os dias de hoje, enviando minhas palavras como mensagens dentro de garrafas. Eu não estou sozinha. Outros subterrâneos estão por aí, escondidos, lutando contra o inimigo sem rosto que se infiltra em cada camada da sua vida. O adversário está nos jornais, na TV, nas ruas e na sua casa e fará de tudo para que a inércia seja mais interessante do que a ação. Talvez *você* o seja ou talvez você seja aquele por quem eu falo aqui embaixo. Ninguém precisa acreditar em uma palavra do que digo, isso não as faz menos verdadeiras. É uma batalha que você não poderá vencer nem largar. Eu me lembro da primeira investida *deles* contra mim, foi no dia seguinte ao tiroteio. Um jornal pertencente aos inimigos postou uma matéria na primeira página. Falava sobre um médico da minha cidade que trocou os remédios de seus pacientes por ácido lisérgico. O meu nome estava na lista de pacientes perigosos. É isso o que eles irão fazer se você não se cuidar, colocarão os cães na sua cola e criarão mentiras que se tornarão verdades em mentes alheias. Ao contrário do Homem Invisível, eu não sou milho verde, do bom, sou velha demais para isso. Meu caule está morrendo e minhas folhas se amarelaram, mas isso não vai me impedir de dizer a eles que estou aqui, ainda inteira e que lutarei até os meus últimos dias. Louis Armstrong toca *What Did I Do To Be So Black And Blue* no rádio. Eu estou aqui, falando para você numa sintonia baixa, vivendo no subterrâneo. Eu sou uma mulher invisível.

O Prenúncio de uma Guerra **Alicia Azevedo**

Si vis pacem, para bellum – Epitoma rei Militaris, Vegetius. [11](#)

1 O Som do Vento

Um vento frio soprava pela janela e o coração de Yani se encheu de temor. Do alto da torre mestra de seu palácio na Cidade do Vento, ela contemplava o imenso azul profundo do mar. O pressentimento vinha com o vento e lhe dizia claramente que algo estava errado. Inspecionava cada espaço vazio do oceano à sua frente com a velha luneta que seu mestre lhe presenteara, mas não encontrava nada.

Alguns dias antes, vira uma enorme coluna de fumaça negra cortando os céus vinda da terra do povo serpente e, agora, o vento lhe dizia que algo estava errado. Era a princesa do vento, ele nunca lhe mentiria. Se esperasse mais, poderia ser tarde. Desceu da torre em direção aos estábulos suspensos e o viu. Simorg estava deitado, encolhido em suas penas, descansando. A princesa se aproximou da enorme roca com o respeito que lhe era devido e a cumprimentou.

Desde tempos imemoriais os Cavaleiros do Vento montavam em rocas. Por ser o único exército capaz de cobrir os céus eram temidos, apesar de poucos. Ser um Cavaleiro do Vento era um privilégio da família real e da elite do exército. Somente os mais hábeis e mais qualificados se tornavam cavaleiros e, antes de sê-lo, precisavam passar por provas que testavam desde seu caráter até suas habilidades.

Simorg foi presenteado a Yani quando ela completou três anos de vida. Era a ave mais bela de todo o Reino. Suas penas furta-cor, algumas vezes, deixavam-no quase invisível durante o voo. Crescera com a princesa e nunca admitiu que ninguém o montasse, além dela.

Sentou-se ao lado de seu mais antigo amigo e acariciou sua plumagem com ternura.

–Velho amigo, faremos um longo voo. Devo circular o vasto mar que cerca Alluim. O vento me trouxe notícias ruins.

A enorme ave levantou a cabeça, pronta para atender ao chamado da princesa. Yani colocou a sela branca com o emblema dourado de sua cidade sobre o dorso da roca e a prendeu. Pendurou o arco nas costas e a espada na sela. Fixou a luneta na cintura e montou em Simorg. Lentamente a ave se aproximou da beirada dos estábulos suspensos, presos por palafitas aos quatro grandes picos da Cidade do Vento. Da beira da plataforma ela se inclinou para baixo e Yani pôde ver as pequenas casas e as pessoas como se fossem formigas vistas da altura de uma pessoa normal. Simorg se lançou no ar, em queda livre, até abrir suas asas

compridas e planar em direção ao oceano.

Yani sentia o vento batendo em sua face e o ouvia zunir. Direcionava Simorg conforme o que ouvia do vento. Atravessou todo o Reino do Vento, o Pântano da Desilusão e a Garganta do Dragão até entrar nos domínios do Reino do Gelo. Passou alta e furtiva pela Cidade do Gelo e rumou ao mar. Era ali que o vento a mandara ir, talvez o problema fosse começar naquele Reino.

Sobrevoou o oceano que separava Alluim de Nagakal esquadrinhando cada pedacinho dele com a luneta. Já bem afastada da terra, avistou aquilo que ela mais temia. Partindo de Monar, uma enorme frota singrava os mares à Cidade do Gelo. Eram dezenas de navios, talvez uma centena. Todos fortemente armados. Os galeões de guerra eram pesados e lentos, mas cortavam o mar com grande determinação. Sua luneta encontrou o foco de algo que ela já suspeitava: a bandeira vermelha com a serpente estampada. Nagakal estava declarando guerra a Alluim e seu primeiro ponto de ataque seria a Cidade do Gelo.

Como princesa e herdeira real da Cidade do Vento, tinha um protocolo a seguir. Primeiro deveria comunicar a descoberta aos seus pais para que eles enviassem emissários às outras três cidades e mobilizar as tropas para absorver o impacto do ataque. Mas não tinha tempo. Pela sua estimativa, tinha uns quinze dias até a frota chegar de forma maciça em seu objetivo. Uma vez destruída a Cidade do Gelo, toda a frota naval de Alluim estaria perdida. Precisava avisar primeiro a Rainha do Gelo.

Esquecendo o protocolo e tomando para si a responsabilidade de comunicar o que vira, Yani partiu na velocidade do vento para a cidade de Seleska, conhecida como Cidade do Gelo por sua paisagem inóspita e seu clima insidioso. Era um reino coberto pela neve em quase todas as épocas do ano, localizada ao norte de Alluim.

Desceu com Simorg dentro da amurada principal do palácio e logo os guardas vieram ao seu encontro. Foi reconhecida pela grande ave e pelo selo real da sela, e conduzida à rainha com a urgência que pedira. Adentrou o palácio com postura imponente e olhar de superioridade, mas por dentro tremia por estar à frente dos grandes portais prateados da sala do trono. Foi anunciada e entrou cruzando o longo tapete vermelho que a conduziria até a sala do trono. Ela a esperava, sentada no centro do enorme salão, cercada pelo rei e por seus descendentes. Fez uma mesura para a poderosa Rainha do Gelo e se ergueu, aguardando a sua vez de falar.

– Seja bem vinda, Princesa Yani, da cidade de Eolan, herdeira do vento. Nós a saudamos.

– Obrigada, grande Rainha Freja. Infelizmente minha visita não é social. Trago péssimas notícias.

– Quais são essas?

– Há quinze dias daqui, pelo mar, uma enorme frota vem ao encontro de Alluim. Eles rumam em direção à Cidade do Gelo. Provavelmente pretendem entrar em

nossa terra por aqui e destruírem a frota de Seleska para impedir o contra-ataque.

– Quinze dias apenas?

– Exatamente, grande Rainha.

– Tem certeza disso?

– Absoluta. Vi com meus próprios olhos.

– O alerta já foi dado?

– Estou cuidando disso.

– Você está dando o alerta sozinha?

– Por enquanto. De volta a Eolan, meu pai enviará emissários para as outras duas cidades. Por motivos de segurança, desobedeci ao protocolo e vim comunicá-lhe primeiro o que vi. Afinal, eles rumam para cá.

– Aprecio a sua coragem, mas não devia ter feito o que fez sem o consentimento de seu Rei.

– Sou a general dos Cavaleiros do Vento. O exército da minha cidade responde a mim. Minha obrigação era garantir a sobrevivência de nossa cultura. Muito tempo seria perdido no deslocamento de emissários e os quinze dias cairiam para menos de dez. Acha que pode mobilizar seu Reino em dez dias? Pois eu acho que em quinze já é difícil.

A rainha sorriu. A ousadia de Yani a fazia lembrar-se de si mesma quando jovem. Não sabia o que aconteceria à jovem pela desobediência, mas sabia que, quando ela agiu de acordo com seu coração, deu-lhe tempo para lutar.

– Muito bem. Vou preparar um destacamento para confrontá-los antes que desembarquem, mas deve me prometer o apoio de seus cavaleiros.

– Retornarei à minha cidade para reuni-los e viremos ao seu encontro. Lutaremos e morreremos juntos se essa for a vontade dos deuses.

– Ótimo. Saxa, dê o alerta imediatamente e cuide da mobilização naval – disse a Rainha para seu filho mais novo. – E você, Njord, vá com a princesa e sensibilize o Rei do Vento sobre a decisão de sua filha. Expresse diretamente ao Rei que não é da minha vontade que a Princesa Yani sofra qualquer retaliação pelo grande favor que ela nos prestou. Vou enviar uma carta que deve entregar ao Rei quando chegar lá.

De pé, ao lado de sua mãe, Njord ouvia com atenção. Era o filho mais velho e herdeiro direto do trono. Era jovem e bonito e Yani ainda não havia reparado nele. Olhara somente nos olhos da rainha e não desviara o olhar um único segundo até que ele se levantasse. Depois desse breve momento de distração, retornou os olhos para a rainha e agradeceu. Despediu-se com uma mesura e deixou a sala do trono com Njord.

Os preparativos para a partida foram rápidos e logo os dois estavam no pátio interno do palácio. Njord estava distraído com as últimas ordens da guarda e não prestou atenção à grande ave furta-cor ao lado de Yani. Assustou-se ao se virar e

vê-la.

- Eis seu transporte, alteza – falou a princesa, enquanto apontava para Simorg.
- Só pode estar brincando!
- Nunca voou antes?
- Os homens não foram feitos para voar.

Ela sorriu para ele e montou em Simorg, fazendo um gesto para que ele montasse com ela. Como príncipe, não podia se recusar. Tinha uma reputação a zelar. Era o mais bravo guerreiro de seu reino, jamais temera batalha alguma, mas sentia um enorme medo daquela ave naquele momento. Afirmara que os homens não haviam sido feitos para voar, e acreditava firmemente nessa afirmação, mas sabia que o vento estava no sangue de Yani tanto quanto a água estava no seu e ela se sentia tão bem montando aquela ave quanto ele se sentia envolto em água. Por um momento pensou na peculiaridade dos elementos que lhes davam forças e equilibravam o mundo. Pensou no quanto eram curiosos os poderes dos herdeiros dos elementos e como, apesar de sua experiência, ele sabia tão pouco sobre si mesmo e os limites de suas habilidades.

– Você foi feito do Gelo e da Água e eu fui feita do Vento. Nada vai lhe acontecer enquanto estiver aqui comigo. Confia em mim?

Não confiava. Permaneceu em silêncio por alguns segundos. Respirou fundo e subiu em Simorg.

2 O Confronto

Simorg alçou voo com sua leveza costumeira, mas para Njord, aquela era a mais desconfortável das posições. Agarrou-se à sela em pânico crescente ao ver o chão se distanciar de seus pés. Yani falava com ele para acalmá-lo, mas parecia em vão. Ela podia sentir as mãos do rapaz crispadas sobre a sela.

- Posso lhe chamar de Njord?
- Sim.
- Ótimo, também pode me chamar pelo meu nome. Não gosto muito de formalidades.
- Bom.
- Sabe não há nada a temer aqui. Monto Simorg desde os meus três anos de idade. Confio minha vida a ele.
- Sim.
- Se você relaxar e aproveitar a oportunidade vai perceber como seu Reino é bonito visto de cima.

Njord criou coragem para olhar para baixo e, ao fazê-lo, seu corpo relaxou. Seleska era belíssima de cima. Os jardins e o castelo. A neve e o mar se chocando

contra as pedras do porto. Nunca imaginara ver algo assim em sua vida. Contemplar o Reino do Gelo de cima dava-lhe coragem e força para defender aquilo que tanto prezava. De repente, seu medo sumiu.

– Yani, fale-me da frota que você viu.

– Ah! Deixou de ser monossilábico.

– Desculpe o meu choque inicial.

– Não tem problema, acontece com todo mundo.

– Obrigado.

– Pelo quê?

– Por me mostrar minha cidade daqui.

– Tudo bem. Voltemos à guerra. Acredito que era uma centena de galeões de guerra. Muitas armas, muitas pessoas. Pelo peso e a distância, calculo que levem quinze dias para chegar à Cidade do Gelo, mas não posso precisar.

– Cem galeões? Não temos contingente militar para combatê-los.

– Esse é o meu medo.

Ele olhava o curto cabelo avermelhado de Yani que esvoaçava. Podia senti-lo resvalando em seu rosto. Ela era jovem como ele e nunca tinham tido a chance de se conhecer. Não imaginava a beleza que vinha da terra do vento. Permaneceu em silêncio. Muitas coisas passavam pela sua cabeça, mas os cabelos da jovem batendo em sua face desviavam seus pensamentos do curso que eles deviam ter.

Chegaram a Eolan durante a noite. Yani saiu dos estábulos às pressas, subindo e descendo as escadas, atravessando as pontes que ligavam os picos até a colina que abrigava o Palácio do Vento. Irrompeu no escritório de seu pai e começou a tagarelar descoordenadamente, sem se lembrar de que Njord estava com ela.

– Yani, pare. Não entendo o que diz. Alluim está sob ataque?

– Ainda não, mas estará em breve. Temos pouco tempo. O ataque será em Seleska. A Rainha está mobilizando suas tropas. Eu devo reunir os cavaleiros e retornar à Cidade do Gelo.

– Você descobriu a frota?

– Sim, pai.

– E foi primeiro à Seleska, ao invés de vir a mim?

– Sim.

– Sabe que isso é uma violação gravíssima do protocolo. Você não possui a autoridade para comunicar atos de guerra, nem a autoridade para comprometer nossos exércitos sem o meu crivo.

– Sinto muito, pai, mas o tempo é escasso. Se não avisasse a Rainha, ela não teria o tempo necessário para se defender.

– Tem ideia do problema que poderia ter criado com a sua impulsividade?

– Mas pai... Tentei fazer o lógico e preservar Alluim.

- E se eu não puder enviar as rocas que prometeu?
- Então deverei retornar sozinha e cumprir a promessa que fiz.
- Você é minha filha e herdeira desse Reino. Jamais deixarei que parta sozinha.

Um pigarro veio do fundo da sala. Os olhos do rei se desviaram da filha pela primeira vez e encontraram o jovem curvado em reverência.

– Quem é você?

– Desculpe a intromissão, meu senhor. Sou Njord, Príncipe herdeiro da Cidade do Gelo. Minha Rainha lhe enviou esta carta.

Njord se aproximou do rei e lhe entregou a carta da mãe. Enquanto a lia, nem o sussurro do vento atravessando a janela foi capaz de interromper o rei. Ao terminar, olhou novamente para a filha. Seu rosto ainda parecia impaciente e irritado, mas através da carta, compreendeu que ela fizera o melhor e uma ponta de orgulho brotou dentro de si. Sempre a pressionara por atitudes régias e, quando finalmente teve uma, repreendera-a com grande despropósito. Às vezes não conseguimos ver aquilo que está a nossa frente, até que nos esfreguem a verdade no nariz.

– Seja bem-vindo, Príncipe do Gelo. Yani se encarregará de reunir um destacamento de Cavaleiros do Vento para enviar em resposta ao pedido de auxílio de sua Rainha. Isso deve demorar alguns dias. Deverá ficar conosco e esperar. Temos planos de batalha para fazer.

– Obrigado, senhor.

– Yani, leve o príncipe aos aposentos e providencie para que nada lhe falte.

– Mas, pai, precisamos agir imediatamente.

– Yani, chega de discussões. Amanhã conversaremos. Deve compreender que quando fazemos as coisas às pressas, estamos mais sujeitos a erros do que quando pensamos sobre elas. A paciência é uma virtude e não deve ignorá-la.

Yani baixou a cabeça e saiu. Não adiantaria forçar uma discussão. O rei a acompanhou com o olhar. Apesar de já ser uma moça feita, ele ainda a via como sua menininha. Deu a ela o posto de general dos Cavaleiros por sua coragem e habilidades em combate, mas sendo Eolan um reino pacífico, ela nunca teve a chance de demonstrar essas habilidades em batalha. Ainda era jovem e impetuosa e tinha muito que aprender sobre seus poderes e suas limitações, mas certas coisas só se aprendem na prática. Suspirou com tristeza. Queria poder poupá-la da guerra, mas sabia que a guerra não poupava ninguém.

Yani acompanhou Njord até um dos quartos de hóspedes e pediu aos criados que o servissem. Sentaram juntos na mesa do quarto de Njord e fizeram uma refeição tranquila. A lua estava alta no céu, e eles permaneceram sentados, comendo, bebendo e conversado até muito tarde. Até o corpo de Yani sentir o cansaço e ela pedir licença para se retirar.

3 Preparativos para a Guerra

O dia que se seguiu foi de grande agitação. Ao acordar, a princesa soube que seu pai já havia enviado os emissários aos outros dois Reinos de Alluim. Também enviara um batedor para fazer uma ronda periódica na costa e saber se aquela era a única frota que se dirigia ao encontro deles.

Mandou uma carta ao Rei da Cidade da Terra, pedindo que ele direcionasse tropas de seus cavaleiros. A Cidade da Terra era conhecida por ter o maior exército de Alluim. Montavam corcéis fortes e se deslocavam em grande velocidade. Ejar, Rei de Eolan, sabia que o Rei da Terra tinha um contingente militar considerável em suas fronteiras e pediu para que deslocasse o número que conseguisse em dois destacamentos, um para Seleska e outro para Ninrolin, a Cidade do Fogo.

Por estar no extremo oposto, Ninrolin, com sua infantaria pesada e lenta, não teria tempo de chegar a Seleska. Pediu ao seu rei que deslocasse um destacamento para proteger o centro de Alluim, para a eventualidade do ataque ser bem sucedido e as tropas conseguirem desembarcar. Frisou que a cidade não poderia ficar desprotegida, pois ainda não sabia a extensão daquela guerra.

Preocupava Ejar que aquele ataque não passasse de uma distração. Todas as quatro grandes cidades antigas de Alluim ficavam na costa. Outras frotas ainda não descobertas poderiam estar sendo enviadas para as outras cidades. Desguarnecê-las seria imprudente. O povo serpente há muito ansiava pela chance de anexar Alluim. Eles eram maiores e mais fortes. Tinham tecnologia de guerra mais avançada. Eram uma ameaça que não podia ser ignorada nem subestimada. Apesar da animosidade que as cidades do Fogo e do Gelo nutriam entre si, sabia que lutariam juntas naquele tipo de ameaça.

Contando três dias do dia que Yani chegou a Eolan, tudo que tinha conseguido de seu pai eram vinte rocas para rumar em direção a Seleska. Sabia que seu pai estava agindo com prudência, evitando deixar sua cidade desprotegida, mas vinte aves era muito pouco para combater os galeões que vira.

–Pai, não existe uma possibilidade de deslocar mais rocas para Seleska?

–Não, Yani. Estou sobrecarregado com os emissários e não posso desproteger Eolan. Pedi ao Rei da Terra que deslocasse um contingente de cavaleiros para Seleska, mas chegarão lá depois de você. Apesar de serem rápidos, nada é tão rápido quanto as rocas.

– Não seremos suficientes. Njord me falou que conseguirá no máximo quinze ou vinte navios. E você sabe que os navios de Seleska, apesar de serem os melhores que temos, não são páreos para os galeões de guerra de Nagakal. Como vinte navios e vinte rocas vão combater uma centena de galeões?

– Estratégia, minha filha.

– A estratégia que eu concebi exigia um contingente militar maior.

- Você tem vantagens sobre os galeões.
- Que vantagens?
- Os navios de Seleska são mais rápidos, leves e menores. Fáceis de manobrar. As rocas podem atacar por cima e você pode colocar o vento a seu favor. Assim como Njord pode colocar a água a favor dele. Os elementos estão no sangue de vocês. Mesmo em desvantagem numérica, o controle de um único elemento pode fazer a diferença. Sei que encontrará um jeito.
- Tenho medo de fracassar. Ainda não controlo plenamente os meus poderes, não como você.
- Você é a melhor guerreira deste Reino e seus poderes são mais fortes que os meus, só não compreendeu ainda como utilizá-los em batalha. Enquanto usar sua razão e seu coração juntos, não fracassará.

4 À Beira do Caos

A expectativa da guerra é muito pior que a guerra em si. Se os soldados não são bem preparados, seus nervos começam a fraquejar e, logo, incidentes começam a aparecer. Brigas internas, cisões... Seleska estava beirando o caos. As palavras fortes de conforto e encorajamento da rainha tiveram um efeito de curta duração. Na boca do povo, boatos de traição e conspiração se espalhavam como fogo no óleo. Freja sabia que chegariam, sabia que uma mobilização militar não era feita do dia para a noite. Estava informada dos planos de guerra das outras cidades. Contudo, a cada dia que os galeões de Nagakal se aproximavam, seu povo perdia um pouco mais da fé.

Depois de sete dias angustiantes, vinte das criaturas mais belas de Alluim desceram no pátio interno do Palácio. Da janela de seu gabinete, Freja as viu descer suavemente e não conseguiu esconder o alívio e a admiração ao ver tão graciosas aves. Foi para a sala do trono esperar por Njord e Yani e lá ficou.

Não esperou muito, pois Njord, logo que desceu de Simorg, foi direto ao encontro da mãe. Conhecia seu temperamento o suficiente para saber que não devia deixá-la esperando. Yani o seguia, não queria ser deixada de fora de qualquer decisão que pudesse ser tomada. Ficaria até que a rainha lhe mandasse embora.

- Minha Rainha – disse Njord com uma mesura formal.
- Sejam bem-vindos. Espero que estejam trazendo boas notícias.
- O Rei Ejar nos cedeu vinte rocas para a batalha. Em breve um destacamento de Cavaleiros da Terra virá até nós. As outras cidades estão se mobilizando para proteger o centro e a costa de Alluim. O Rei teme que esse ataque seja o prenúncio de algo maior. Os moradores das cidades estão sendo transferidos para as aldeias satélites.

- Eu sei, o Rei Ejar me avisou, mas acredito que temos um problema.
- Qual?
- Nossa frota é muito pequena comparada a deles. Tudo que consegui foram quinze fragatas. Meus outros navios não estarão prontos a tempo.

A rainha se levantou e foi até eles. Tinha um olhar perdido, distante, como se sua fé na vitória estivesse se esvaindo.

– Meu filho, Saxa está fazendo o que pode, mas sinto que não será o suficiente. Seu pai está na Ilha Kunt apressando a construção e adaptação de mais navios, mas também não há grande esperança. Se tivéssemos uns trinta dias nossas chances seriam melhores.

Yani estava calada. Ouvia a rainha e se recusava a acreditar no que estava sendo dito. Deveria haver um jeito. Eles tinham certas vantagens, seu pai a lembrou disso. Precisava usar essas vantagens agora.

- Vossa majestade, desculpe por interrompê-la.
- Pode falar, minha jovem.
- Qual é o maior navio de Seleska?
- O maior?
- Sim, o maior em comprimento e capacidade.
- Acredito que seja o meu.
- Ele está sendo contabilizado nas quinze naus disponíveis?
- Não. Não é um navio de guerra. É lento e pesado. Foi projetado para transportar a família real.
- Tive uma ideia, mas para funcionar, vamos precisar desse navio.

Por um minuto, a rainha vacilou. Não sabia o que a jovem planejava, mas seus olhos brilhavam. Via neles a esperança que faltava em seu povo. Via naquela jovem a disposição necessária para ganhar aquela guerra.

- Tudo bem. Podem usar meu navio.

5 A Guerra

As brumas que cobriam o mar acobertavam os inimigos. De pé no porto, ao lado de Simorg, Yani e Njord esperavam o sinal de uma das rocas. Somente do céu os homens seriam capazes de avistar a frota inimiga, contudo, a mesma regra se aplicava aos galeões. Parte do plano de Yani surtia efeito. Njord controlava a água, esse era o dom que os deuses concediam aos regentes da família do gelo, assim como no sangue da linhagem de Yani corria o controle do vento, em todas as suas possibilidades. Eles eram herdeiros daqueles elementos. E ela pedira para criar a névoa que encobriria a aproximação de suas fragatas.

Do céu veio a confirmação de que a frota inimiga havia parado. Achavam

arriscado atravessar a neblina estando tão próximos da costa. Era a hora de agir. A grande nau negra da rainha sofrera severas modificações. Foram colocados remadores e o mastro principal estava deslocado do centro. De proa à popa foi aberto o máximo de espaço possível, onde as vinte rocas aguardavam o ataque. Yani embarcou Simorg e se dirigiu à proa, onde Njord observava pensativo o manto brumoso.

– Em que está pensando, Njord?

– Estou apenas preocupado... Vamos avançar em silêncio.

Yani deu o sinal para as outras embarcações e todas se puseram em um movimento cadenciado e silencioso.

– Njord, aproxime a névoa dos galeões. Deixe-a envolvê-los lentamente.

Da proa da nau capitania, Njord ergueu seus braços e a névoa avançou, abrindo caminho para as tropas que a seguiam. Quando já estavam ao alcance das flechas, mandou que parasse.

– Sua vez, Yani.

– Quando eu dissipar a névoa, lance as flechas.

A jovem se virou e caminhou firme em direção a Simorg. No meio do caminho uma mão segurou seu braço e a puxou para trás. Era Njord, receoso.

– Tenha cuidado.

Ela sorriu pela preocupação do rapaz. Segurou a mão dele. Naquele momento teve vontade de beijá-lo, mas não o fez. A guerra vinha primeiro. Fechou o semblante e soltou seu braço das mãos de Njord.

– Sempre tenho.

Ela se virou e partiu. Njord sabia o quanto aquilo era mentira. Ninguém era mais impulsiva e teimosa que Yani. Olhou para a pequena fragata ao seu lado e viu seu irmão, Saxa. Ele sorria zombeteiro. Njord sabia o que aquele sorriso queria dizer e o ignorou.

– Saxa, preste atenção. Quando Yani dispersar a neblina, lance as flechas.

A princesa do vento alçou voo, acompanhada de seus cavaleiros. A densa névoa cobria o inimigo. Sobrevoou-os, mas eram muitos. A névoa cobria uma extensão muito grande do mar. A vista de cima a preocupou. O contraste era enorme. Não sabia se surtiria efeito, mas aquele era o plano e precisavam tentar.

Dispersou a bruma criando uma rajada de vento curta e veloz e Simorg lançou o primeiro barril acertando em cheio um dos galeões centrais, espalhando um líquido espesso e negro. O barulho do impacto chamou a atenção dos outros, mas, antes que percebessem, também se viram acertados por barris que caíam dos céus, encharcando os seus navios. Não viam as rocas que, ao soltarem os barris, afastavam-se em direção a outro galeão para lançar o próximo projétil. Cada uma trazia consigo dois deles, um em cada pata.

Ao ver a névoa se dissipar, Njord e Saxa ordenaram o ataque. Flechas incendiárias foram acesas e lançadas em direção aos galeões. Muitas acertaram a água, mas algumas acertaram o alvo. Óleo inflamável. Segundos depois, as labaredas começaram a se espalhar. Os navios que escaparam ao fogo levantaram âncora e iniciaram uma manobra de afastamento dos galeões em chamas.

A neblina estava dissipada agora. Os galeões tinham visibilidade total. Sabiam de onde vinham os ataques e rumavam em direção às pequenas fragatas com uma fúria destrutiva. As rocas voltavam à nau capitania para buscar mais barris e, com mais um sobrevoo, acertavam os galeões. A saraivada de flechas incendiava mais alguns, mas ainda restavam muitos.

As aves estavam agora sob ataque. A ordem era derrubá-las a qualquer custo. Flechas cobriam os céus por todos os lados. As rocas se desviavam e subiam para fugir do alcance das flechas, mas duas foram derrubadas. Njord temeu por Yani. Mas o maior dos problemas estava por vir. Dos galeões, portinholas se abriram nas laterais e largas bocas redondas de metal surgiam lentamente. Um grito ordenou o ataque e, das bocas metálicas, enormes bolas de fogo romperam o casco de três das quinze fragatas. Saxa ordenou uma manobra evasiva. Precisava ficar longe do alcance de fogo dos galeões. Njord se assustou. Nunca vira algo parecido em nenhuma parte de Alluim.

– Yani! – gritou – Eles estão se espalhando e nos atacando. Precisamos mantê-los próximos aos navios em chamas. Use as velas deles.

Ela assentiu com a cabeça.

– Simorg, hora de desaparecer.

A roca voou na direção da frota inimiga. Yani estendeu seus braços e logo o vento mudou seu curso. Uma corrente de ar muito forte soprava nas velas dos galeões, levando-os de volta à formação inicial. Remos foram colocados para fora, em uma tentativa de lutar contra o vento. Alguns começaram a recolher as velas.

– Saxa! – gritou Njord. – Ajude-me, precisamos de gelo ao redor do inimigo.

Os irmãos se puseram próximos à água. Entreolharam-se e tocaram o mar. Uma grossa camada de gelo partiu em direção aos galeões e os circundou, prendendo-os. As fragatas estavam afastadas, embora restassem apenas dez das quinze que partiram. Fracos, sentaram-se no convés. Muito da energia de seus corpos havia sido drenada para criar aquela quantidade de gelo, mas até agora estava dando certo. Só precisavam descansar um pouco. Njord olhou para Yani que o sobrevoava.

– Yani, estão presos no gelo. Queime todos eles.

Pequenos indícios de fogo começaram a surgir, levados pelo vento de galeão em galeão. Logo, muitos estavam em chamas e, os que não estavam, lutavam para se soltar do gelo que os prendia. As rocas sobrevoaram mais uma vez a frota inimiga. Os barris de óleo que carregavam ajudaram o fogo a se espalhar mais rápido. Uma

enorme língua negra de fumaça subiu aos céus. O fogo consumia todos os navios.

As rocas retornaram à nau capitânia. Longe da costa e longe do fogo, Yani, Njord e Saxa observavam um dos gigantes de Nagakal queimar. Não conseguiram conter a felicidade e se abraçaram. Os navios estavam destruídos e a paz, restituída.

De volta ao porto, em meio ao tumulto festivo do povo, a Rainha Freja os aguardava. Seu olhar era frio e preocupado. Conduziu-os até o palácio.

– Parabéns pela vitória, mas acredito que ainda não podemos comemorar. Temo que isso seja apenas o começo.

– Como assim?

– Seu pai estava certo, Yani. Recebemos uma mensagem da Cidade do Fogo. Uma grande frota foi vista em sua costa.

– O quê? – perguntou Njord, pasmo.

– Também avistaram navios indo em direção à Cidade do Vento e à Cidade da Terra.

Todos fizeram silêncio. Presságio pior não poderia existir. A primeira batalha poderia ter sido vencida, mas a guerra estava longe de acabar.

– Devo voltar imediatamente.

– Deve, minha querida – disse a Rainha, de forma carinhosa.

– Vou com você – falou Njord, assertivo, como que dizendo à mãe que iria independente de sua vontade.

– Obrigada, mas deve proteger seu Reino. Preciso partir sozinha.

– Isso não é uma discussão, Yani. Vou com você e ponto final.

Ela sorriu. Despediram-se de Saxa e da rainha e partiram na direção de Simorg. Ao vê-lo, um pequeno frio percorreu a espinha de Njord e o medo recomeçou a controlá-lo. Respirou fundo para não demonstrar, mas Yani percebeu.

– Pensei que não gostasse de voar... – falou em tom de troça.

– Estou me acostumando – mentiu.

Sorriram.

Montaram e cortaram o céu. Aquela batalha era apenas o prenúncio da primeira grande guerra que Alluim teria que enfrentar, mas eles não a temiam, pois a enfrentariam juntos.

☐ Se quiseres a paz, prepara-te para a guerra.

Sobre guerras e deuses **Eduardo Kasse**

*“A guerra é mãe e rainha de todas as coisas;
alguns transforma em deuses, outros, em homens;
de alguns faz escravos, de outros, homens livres.”*

Heráclito

– São apenas cães sarnentos! – gritou o centurião apontando seu gládio para o céu. – Vamos mostrar para esses animais como trabalha o exército romano!

Os soldados urraram e bateram nos escudos com as espadas e os pilos de pontas muito bem polidas. Havia mais de 200 homens ordenados em duas fileiras perfeitas. Era uma parede intransponível e mortal. Os elmos e as lâminas reluziam sob o sol parcialmente encoberto pelas nuvens. Uma visão terrivelmente bela.

As flâmulas vermelhas e verdes tremulavam e os tambores iniciaram suas batidas ritmadas. Todos estavam calmos, lutariam e venceriam como de costume. Uma trombeta soou forte. Houve uma revoada de corvos. Então, a marcha começou.

Era um bom dia para massacrar os bárbaros insolentes.

Cynbel observava tudo de cima de uma elevação de terra. Ele segurava uma lança comprida e mantinha a postura ereta, ativa, até mesmo despreocupada. Os olhos azuis profundos mediam o exército do outro lado da planície. Apenas 1000 passos separavam os guerreiros. Ao seu lado, um velho druida, nu e coberto por desenhos feitos com carvão, fumava e balançava um pequeno saco com ossos. Tinha o olhar vazio, parecia alheio aos acontecimentos ao seu redor.

Os dois exércitos eram muito diferentes. Um mostrava o esplendor de um império, com lorigas bem polidas, estratégia militar rigorosa e soldados treinados à exaustão. O outro, apesar de ter praticamente o dobro do tamanho, era formado por guerreiros de clãs vizinhos, vestidos com peles ou gibões de couro encerado, portando armas precárias ou simples instrumentos agrícolas. Uns poucos trajavam cotas de malha ou tinham espadas e escudos de tília com bossas de ferro.

Mas na guerra, isso era apenas um dos detalhes.

Um pouco depois de o sol nascer, Aetius, o centurião e Cynbel se encontraram no campo de batalha. O romano propôs a rendição integral dos bárbaros, mas o chefe guerreiro recusou com uma cusparada no chão. Aetius apenas sorriu e voltou para seu exército.

– Melhor assim! – falou para o decano que cavalgava ao seu lado – Os homens precisam mesmo de algum exercício.

– Acho que eles nem irão suar – respondeu o decano. – Aqueles são homens sem

disciplina, mal armados e famintos. São apenas selvagens saídos de buracos na terra!

O centurião assentiu com a cabeça, mas não tinha tanta certeza. Já esteve em outras batalhas contra os nativos e, apesar das vitórias, essas nunca foram fáceis.

Quando o sangue se inflama, até os mais despreparados podem se tornar feras sem piedade.

Durante meio dia, todos os preparativos foram feitos e os adversários se estudaram. Seria fácil para o celta ordenar a fuga pelo bosque às suas costas. Entretanto, um guerreiro nunca recua. Na verdade, aconteceu o contrário e Cynbel precisou conter os homens, afoitos por vingança e pelo butim polpudo. Dariam suas vidas pelas moedas de ouro e pelas armas.

Cynbel observou a lenta marcha do exército rival, deu alguns passos para frente e assoviou. Todos o olharam. Era muito respeitado, apesar da pouca idade.

– Vamos chutar uns rabos romanos! – gritou com um sorriso largo no rosto.

Os guerreiros se levantaram com alvoroço e zombarias. Tentaram se ordenar, conferiram suas armas e seguraram os pintos para pedir proteção. Conseguiram apenas formar uma linha torta.

Alguns comiam os últimos nacos de toucinho defumado e bebiam os goles restantes de hidromel. Outros mal se suportavam sobre as próprias pernas de tão bêbados.

Dois homens dormiam e foram acordados pelos pontapés dos companheiros.

Cães comiam os restos pelo chão e lambiam o vômito dos seus donos.

As centúrias já avançavam e estavam a uns 700 passos de distância, com seu alinhamento impecável. Eles não traziam catapultas ou balistas e apenas poucos arqueiros participavam da marcha. Mesmo a cavalaria não havia sido requisitada e apenas o centurião e seus decanos estavam montados. Eles previam uma carnificina rápida.

O velho druida se agachou e fez com o dedo um círculo na terra. Abriu o saquinho de couro e jogou os ossos no chão. Pensou por uns instantes, remexeu-os, pegou um dos ossinhos e chupou-o. Um cão latiu em algum lugar e um dos homens espirrou.

Todos olhavam ansiosos.

O druida balbuciou algumas palavras estranhas e revirou os olhos, enquanto dançava, esmagando os ossos com os pés. Seu corpo estremeceu e ele arranhou o rosto com as unhas imundas.

De repente, estancou no lugar e olhou sério para os guerreiros ansiosos.

Fios de sangue escorriam pelo peito dele.

– Matem os desgraçados e alegrem os deuses! – vociferou antes de soltar um uivo agudo. – Alegrem os deuses com o sofrimento deles!

Os homens gritaram, riram e correram como lobos furiosos para cima dos romanos. Não lutavam em conjunto. Cada um ali queria ser o melhor guerreiro da batalha, queria ser bem visto pelos deuses da guerra.

300 passos, 200 passos, 100 passos, 40 passos. O centurião, à frente dos soldados, ergueu a mão e o exército estancou. E devido ao exímio treinamento, sem qualquer ordem, os homens da primeira linha abriram um espaço entre si e 70 soldados da segunda linha se adiantaram e atiraram seus pilos contra os bárbaros, que corriam ensandecidos em sua direção. Os arqueiros dispararam suas flechas, que zuniram ao cortar o ar.

Pelo menos 30 celtas tombaram com peitos, pescoços e coxas perfurados. Houve tropeções, xingamentos e gritos de dor. A morte não foi imediata para muitos deles. E a agonia no campo de batalha dura muito tempo para aplacar os deuses da dor.

Alguns guerreiros pegaram os pilos fincados no chão e atiraram de volta, sem grande impacto, pois apenas um romano teve o pé perfurado.

– Malditos! Filhos da puta! – gritou o soldado ao puxar a arma fincada no pé.

O sangue jorrou, mas mesmo ferido ele empunhou o pilo e avançou mancando, cego pelo ódio.

Os companheiros o empurraram para trás com dificuldade e a parede de escudos se fechou novamente, compacta. Somente as malignas lâminas dos gládios despontavam pelas frestas entre os escudos.

Eles eram a elite do mundo. Os conquistadores de povos.

Instantes de tensão e músculos retesados. Pés firmes na terra úmida.

Então veio a onda. Veio a pancada.

E ela foi mais forte do que os romanos esperavam.

Os celtas se chocaram contra os escudos e muitos pereceram antes de dar um golpe sequer. Outros berravam de dor com as virilhas rasgadas ou com os braços pendentes por um teco de pele ao lado do corpo.

Furar peitos sem armadura era fácil, mas mesmo na iminência da morte, os bárbaros não recuavam ou diminuía os ataques. E os romanos também sofreram, sangraram e buracos foram abertos nas linhas de escudos. Machados partiram elmos, podões rasgaram barrigas fazendo as tripas saírem e pedras foram atiradas, destroçando mandíbulas.

As poças de sangue e mijo faziam os soldados escorregarem e a organização militar foi desfeita.

Os celtas atacavam os cavalos e esses babavam e reviravam os olhos de dor e de medo.

Um garoto celta pulou sobre um decano e mordeu seu rosto, arrancando um pedaço do nariz. Morreu com a barriga perfurada pelo gládio afiado.

Toda estratégia coletiva dos romanos foi deixada de lado. Cada um contava com suas habilidades e experiências de luta. Chegara o instante do metal contra metal, dos olhos fixos e de sentir o bafo dos oponentes muito de perto.

O cheiro de sangue, suor e merda era forte, como sempre em um campo de batalha.

– *Alaisiagae! Alaisiagae!* – berrou o druida ao arrebentar os dentes de um soldado com um golpe preciso do seu cajado.

A barba do romano ficou empapada de sangue e isso o irritou muito. Ele ergueu seu gládio e avançou com o rosto vermelho. Estocou contra o peito magro e errou. O druida tinha uma agilidade impressionante para alguém tão velho.

Com um movimento rápido, derrubou o soldado com o cajado, deixando-o desorientado. Pulou sobre ele como um felino e esmurrou seu rosto até o deixar inconsciente.

Levantou-se e berrou com as mãos cobertas de sangue:

– *Alaisiagae! Alaisiagae!* Vamos seus desgraçados! Ainda há romanos em pé!

O druida estava fora de si e mesmo nu, armado com um simples pedaço de madeira, causava terror nos homens. Poucos tinham coragem de se aproximar. E quem se aproximava, enfrentava uma fúria sobrenatural.

Aetius acabara de cortar o pescoço de um jovem aparentando uns doze anos. O moleque gorgolejou uma espuma avermelhada e caiu inerte. Pelo menos meia dúzia de homens jazia ao seu redor.

Seu cavalo estrebuchava com a barriga furada por um pilo. Ele tinha caído em cima de um homem que morreu esmagado pelo peso do animal.

Aetius estava ofegante, cansado, mesmo assim mantinha seu escudo erguido e seu gládio apontado para os inimigos. Era um profissional da guerra.

Mas mesmo os melhores lutadores podem ser surpreendidos, e por descuido, ele teve uma físga de pesca fincada na parte posterior da sua coxa.

Ele se virou com ferocidade e perfurou a barriga do agressor. E ao se apoiar na perna ferida, dobrou-se de dor. Nesse momento de fraqueza, vários guerreiros o atacaram como um enxame de vespas. Ferroavam sem dó.

Ele tentou se defender como pôde e feriu alguns, mas logo foi morto com um garfo na sua garganta.

Como aves carniceiras os bárbaros arrancaram sua armadura, suas botas, procurando por algum objeto valioso.

A batalha acabou. Os celtas mataram os agonizantes e saquearam seus pertences.

E foi assim que todo o exército romano marchou para os portões do outro mundo. Os deuses da Britannia aprovaram a coragem dos seus guerreiros e se alegraram com a matança, pois o inimaginável aconteceu e eles venceram a batalha.

Os cinquenta homens restantes, exaustos e feridos, comemoravam. Cynbel tomava o vinho do odre de um morto aos goles, deixando a bebida escorrer por sua barba castanha. Tinha apenas um corte superficial na testa e um dedo quebrado.

O druida passava o sangue de um decano moribundo pelo corpo, gritando e se contorcendo de forma pouco natural. Ele parecia um demônio do mundo antigo.

– Vamos queimar nossos mortos – falou o druida. – Vamos deixar seus espíritos encontrar seus antepassados.

Então, os homens cortaram lenha no bosque próximo e amontoaram todos os celtas em uma pira imensa. O fogo foi ateado e as labaredas ultrapassavam a altura das árvores. O céu, agora escuro com o véu da noite, foi tomado por um clarão alaranjado.

Os corpos dos romanos apodreceriam ali. E os corvos bicariam os olhos e os vermes comeriam as entranhas. Eles mereciam isso.

Foi uma vitória para contar em volta das fogueiras.

Foi uma batalha que seria lembrada pelas próximas gerações.

Porém a guerra continuava e eles ainda não haviam conhecido o real poderio de Roma.

– O quê? – berrou o *rector* Gaius Suetonius Paulinus – Como os nossos soldados foram massacrados por um bando de selvagens sem tática e mal armados?

– Eles estavam em maior número, senhor – respondeu Plínio – Tinham o dobro de homens do nosso exército.

– Já vencemos batalhas com seis bárbaros para um romano, maldição! – Gaius esmurrou a mesa de carvalho. – Se o imperador souber do nosso fracasso, teremos problemas e eu não serei o único a cair. Entendeu? – ele berrou a última palavra e baba escorreu pelo queixo. – Entendeu, seu miserável?

Plínio abaixou a cabeça e se retirou sem dizer nada. Conhecía os ataques de fúria do governador e sabia que suas ameaças sempre se concretizavam. Já o vira executar homens e mulheres por simples desconfiança, por circunstâncias com menos importância.

A noite estava agradável, mas assim mesmo um frio estranho percorria a espinha de Gaius. Ele se sentia como se estivesse sendo observado, mas não conseguia ver ninguém, somente colunas e mármore e estátuas.

Sentia como se algum mal invisível zombasse dele.

Estava sozinho e toda a Britannia viria contra ele.

O governador assoviou e um jovem lhe trouxe uma bebida.

Gaius esvaziou um odre cheio de *cydoneum* sem respirar e arrotou logo em seguida. Abraçou o servo e beijou-o, enquanto tentava se despir da sua toga.

Rasgou a túnica do jovem e lambeu seu peito nu e sem pelos.

Suava e guinchava como um porco. O jovem expressava asco, mas nada disse. Gaius se sentou na cama e um leve formigamento tomou conta do seu corpo. Esfregou os olhos e desabou de costas, semiconsciente.

O jovem cuspiu no seu rosto e se retirou em silêncio.

Gaius Suetonius Paulinus dormiu um sono sem sonhos, escuro, como se estivesse na beira da morte.

Depois da vitória contra os romanos, há cerca de um mês, todas as tribos e clãs celtas se uniram. Aumentaram os saques, as escaramuças e os enfrentamentos. Alguns acampamentos romanos foram incendiados e muitas caravanas foram roubadas. Cargas valiosas com vinho, ouro e armas eram levadas para os esconderijos nas florestas.

A ilha da Britannia fervilhava.

Os celtas celebravam, homens se embebedavam e mulheres faziam sacrifícios aos deuses. Crianças brincavam de guerra e lutavam suas batalhas imaginárias.

Havia euforia coletiva.

Somente uma mulher se mantinha impassível e séria.

A rainha Buddug.

Cercada de homens de sua confiança, ela tinha o semblante preocupado e os olhos verdes pareciam irradiar brilho próprio. Ela observava um mapa roubado em uma das investidas contra um acampamento.

– Eles estão por toda a ilha – disse com pesar. – E há muitas fortificações.

– Mas são apenas homens e podem sangrar – respondeu Drust enquanto amolava sua faca. – Já os fizemos sangrar! E as construções podem ser demolidas, as pedras podem rolar!

– Sei disso! Mas não sei quanto tempo vai durar a benevolência dos deuses – falou Buddug.

– Eu prefiro confiar na minha espada e na força do meu braço – respondeu o guerreiro tatuado. – Essa é a nossa terra e devemos expulsá-los!

– Eles roubam nossas colheitas, matam nossos animais – falou Nynniaw, um velho caolho e muito respeitado.

– E estupram nossas mulheres e filhas – gritou um homem de barba negra trançada e ornada de anéis de ferro.

– Temos que matar todos esses porcos – vociferou Caoimhe, irmã de Drust. – Eles queimaram minha casa, mataram meus bebês!

A rainha fechou os olhos e suspirou profundamente. Tudo era verdade. Os povos da Britannia sofriam imensamente desde a invasão romana.

Havia muita tensão no ar, então Buddug levantou-se sem dizer nenhuma palavra e saiu da velha casa que lhe servia de abrigo durante aquela noite. A lufada de ar

fresco lhe agradou. Os homens no acampamento improvisado a reverenciaram e continuaram a se faltar com a comida saqueada.

Ela fez medidas com a cabeça e seguiu em frente. Caminhou por entre as árvores do bosque e depois de um tempo se sentou sobre um tronco de carvalho caído.

O cheiro da terra úmida lhe agradava, revigorava sua alma confusa.

Via distantes as luzes das fogueiras do acampamento. Sentia o cheiro de carne assada e de cerveja.

Mas estava enjoada, seu estômago fazia reviravoltas.

Respirou fundo e ficou em contemplação silenciosa por um longo tempo.

Até ouvir um pio ao seu lado. Apertou os olhos para enxergar melhor na escuridão. Viu algo se mexer detrás de um arbusto.

Aproximou-se e afastou os galhos com sua faca comprida. Uma bela coruja branca estava caída com a asa esquerda quebrada. Os imensos olhos amarelos a encararam.

Ela esticou a mão e pegou a ave. Duas bicadas fortes fizeram seu dedo sangrar. A rainha não ligou. Era uma dor passageira. Acariciou as penas macias da cabeça da coruja e ela se acalmou.

Era linda, magnífica.

Um animal perfeito. Uma ave mortal.

Uma caçadora sem piedade.

A rainha sorriu, pegou sua faca e cortou o pescoço da ave. O sangue jorrou quente e respingou no braço de Buddug. A coruja cravou as unhas na mão dela e se contorceu até perder as forças e morrer. O sangue das duas se misturou e pingou na terra.

– Andraste, conceda-me a vitória! – sussurrou ao espremer seus ferimentos para o sangue escorrer com mais força – Andraste, eu quero a vingança! Andraste, preciso da sua força! – gritou olhando para os céus.

Buddug lambeu seus ferimentos e bebeu do pescoço da coruja. Veio um vento forte que fez seus longos cabelos vermelhos balançarem como fogo indomável.

– Andraste, eu lhe darei sangue romano! – rosnou. – Andraste eu vou me banhar em sangue romano em sua honra!

O vento passou a ser uma ventania e assoviou forte entre as árvores, então o céu se fechou em nuvens pesadas e uma chuva torrencial caiu.

Relâmpagos rasgavam o céu. Trovões faziam a terra estremecer.

Os galhos chicoteavam o ar.

A rainha tirou suas vestes e se deitou sobre a terra molhada. Os pelos do seu corpo se eriçaram. Cobriu-se de lama e sangue.

Ria, gargalhava, como se tomada pela loucura.

Clamou novamente para a deusa enquanto cortava a pele alva da sua barriga com

a faca.

– Andraste! – gritou – Sangue e vingança!

Trovões ribombaram e o vento quase a derrubava.

Ela sentiu uma presença forte, estranha.

Levantou-se e cortou o ar com a faca.

Mas, uma grande escuridão a envolveu.

E ela viu o inominável.

Desde a morte de seu marido Prasutanag e a traição de Cato Deciano, que roubou toda a herança do rei dos icenos, Buddug havia unido as tribos da Britannia e incitado a revolta contra o poder de Roma. Porém, logo veio a repressão. Soldados tiveram ordens para assassinar homens e crianças. Queimaram vilas, mataram as criações, destruíram as plantações, arruinaram vidas.

Depois de uma batalha no sul da ilha, Buddug e seus irmãos foram acuados, mas prosseguiram lutando, mesmo feridos. Não puderam resistir por muito tempo.

Os homens foram mortos e as filhas da rainha foram violadas, enquanto ela via tudo, impotente. Implorou por misericórdia. Em vão...

– 100 chicotadas pela insolência da cadela – ordenou Cato Deciano. – Para aprender a não se intrometer em assuntos de homens.

O sangue escorria a cada estalo do couro cru em suas costas nuas. Mas Buddug se manteve firme e não gritou, apesar das lágrimas teimarem em escorrer.

A lembrança de suas filhas sendo estupradas por soldados romanos doía mais que os açoites. Animais rosnando enquanto se satisfaziam ao som das risadas dos companheiros.

– Porcos imundos – pensou a rainha quando, por mais uma vez, o couro castigou sua pele esfolada.

Depois da tortura, Buddug foi solta e atirada no chão sem qualquer cuidado, enquanto o procurador romano a olhava com desdém.

– Nunca mais ouse desafiar a minha autoridade! – falou com a voz rouca e calma.

A rainha se levantou com dificuldade, olhou Cato Deciano nos olhos e, antes de qualquer palavra, esmurrou-o, quebrando seu nariz.

Um soldado bateu no seu estômago com o cabo da lança e ela se dobrou de dor. Buddug pediu vingança aos deuses antes de desmaiar.

Cato Deciano gemeu de dor e partiu com a guarda pretoriana. Partiu para nunca mais retornar à Britannia.

Com a lua já alta no céu, os guerreiros celtas fiéis ao seu marido a resgataram e cuidaram dos seus ferimentos. Depois de dormir por três dias e três noites ela despertou. Colocou sua cota de malha, apesar dos cortes inflamados, afivelou o

cinto e empunhou sua espada.

Todos a olhavam espantados, como se uma deusa tivesse possuído o corpo da rainha. Ela montou em seu cavalo e partiu. E os celtas a seguiram em sua luta.

A Britannia ficaria encharcada de sangue.

Mas, a vitória parecia muito distante.

E alguns diziam ser até mesmo impossível.

– Londinium? – falou Cynbel espantado – Atacar Londinium?

– Sim – respondeu Buddug – Vamos fazer uma grande surpresa para eles!

Ela gargalhou e o som estridente permaneceu no ar ecoando por alguns instantes.

– Mas... Minha rainha, eles têm muitos homens e as defesas da cidade são fortes! Uma coisa é vencer uma batalha em campo aberto, outra é desferir o golpe no coração do exército!

Ela olhou incisiva para Cynbel e seus olhos emanavam ódio puro enquanto refletiam as labaredas da fogueira.

Desde sua ida ao bosque, quando foi encontrada nua e desacordada pelos homens, Buddug parecia outra pessoa. Sua pele estava muito pálida, tão pálida que era possível ver os contornos das veias azuladas.

Seus dentes também estavam estranhos, mais pontiagudos. Mas ninguém ousou dizer alguma coisa.

Buddug irradiava uma energia diferente, algo escuro, poderoso e os homens tocavam os pintos e os amuletos na sua presença.

Ela parecia conseguir ler os pensamentos e conhecer os segredos mais escondidos.

O respeito estava se transformando em temor.

– Levem-me para o acampamento! – falou Buddug com a voz trêmula.

Eles a cobriram com uma capa e a colocaram no cavalo. Buddug quase caiu por duas vezes, tendo de ser apoiada pelos homens.

Vomitava muito e tremia como se estivesse nua na neve. E assim que chegou ao acampamento, desmaiou, sendo reavivada por unguentos esfregados vigorosamente na sua pele alva.

Então, a chuva parou repentinamente, assim como começou.

A rainha falou com dificuldade e pediu para os homens lacrarem com madeira e couro a pequena janela do casebre que lhe servia de abrigo. Pediu para calafetarem todas as frestas e buracos. Estava ofegante e de tempos em tempos vomitava um líquido preto.

O velho druida, amigo de Cynbel, queria lhe dar uma infusão de cogumelos, mas Buddug recusou. Ele acendeu um chumaço de ervas e assoprou a fumaça no rosto dela. A rainha tossiu, vomitou novamente e quase desfaleceu.

O druida a segurou pelo braço e sentiu algo estranho percorrer seu corpo e nublar sua mente.

Sentou a rainha em uma pedra e se correu para a mata, gritando com os olhos revirados.

Os homens se alvoroçaram.

– Passarei todo o dia reclusa, pensando – falou com seriedade. – Não quero ser incomodada, mesmo que caia fogo do céu!

– Mas você está doente, pode ter sido pega por um mau espírito! – falou uma velha quase cega.

– Estou bem – respondeu ao se levantar com dificuldade. – Só preciso de silêncio e descanso. E preciso ouvir a deusa!

Todos assentiram e atenderam prontamente o pedido da rainha. E antes do sol nascer, ela se trancou no casebre e de lá não saiu até o anoitecer.

Houve gritos e choro, houve momentos em que alguns homens pensaram em entrar, mas foram contidos pelos companheiros apavorados.

Mas, depois que o último raio de sol desapareceu no oeste, Buddug abriu a porta. Estava radiante, como se o sofrimento do dia nada tivesse significado.

Seus cabelos vermelhos emitiam um brilho diáfano e seu sorriso se tornara branco como os picos nevados.

E todos a amaram ainda mais, apesar de tudo ser muito estranho.

Os homens se entreolharam. Os planos da rainha eram insanos. Era impossível vencer os romanos em Londinium. Agora Buddug queria atacá-los na penumbra. Queria que seus homens avançassem sob a luz da lua. Ou realmente ela falara com a deusa ou estava completamente louca.

Os chefes estavam irrequietos e muitos guerreiros discordavam de Buddug. A rainha estava sentada, inerte com os olhos verdes vazios, perdidos. Ela não tocara na sua bebida e tampouco comera qualquer coisa.

Dois enormes cães descansavam tranquilamente aos seus pés.

Momentos antes, ela havia chegado da floresta e uma mulher jurou ter visto sangue no canto de sua boca.

– Você está bem, minha rainha? – perguntou. – Sua boca está manchada de sangue!

– Não é nada! – respondeu seca, dando as costas para a mulher.

Houve murmúrios e desconfiança, mas, novamente, ninguém ousou dizer uma palavra.

– Meus fiéis guerreiros, meus amigos – falou a rainha com a voz poderosa.

Todos os homens se endireitaram na grande mesa e prestaram atenção.

– O momento da nossa vingança está próximo! – cravou a faca na mesa de

madeira. – Os cães romanos voltarão para sua terra amaldiçoada com os rabos entre as pernas.

Os homens gritaram, uivaram e esvaziaram seus copos. E toda a incerteza e medo se dissiparam no ar. A convicção de Buddug inflamou suas almas.

Durante toda a noite, os planos foram traçados. Aconteceram brigas, dentes foram perdidos, xingamentos desferidos, mas isso era normal quando se juntava guerreiros bêbados.

Mas, no final, pactos de sangue e de irmandade foram reafirmados.

– Perfeito, meus guerreiros – falou Buddug ao se levantar. – Todos já sabem o que fazer! Eu irei me retirar por uns dias para conversar com a deusa, mas quando as trompas da batalha soarem, a lâmina da minha espada se juntará às suas! Deixem pelo menos uma centena de veados romanos para mim!

Os guerreiros gargalharam e beberam um pouco mais.

– Preparem-se! – disse Buddug já saindo pela porta.

– Minha rainha, é perigoso andar sozinha! – disse Cynbel aflito. – Os romanos patrulham as estradas e as florestas!

– Eu conheço a minha terra melhor que eles! – respondeu com um sorriso encantador. – E a noite me protegerá.

– Andar à noite, sozinha...

– Não fale mais nada, Cynbel – interrompeu a rainha. – Minha decisão já foi tomada.

Ele fez uma mesura e se afastou.

A rainha saiu e montou em um cavalo baixo e peludo. E galopou para o abraço da floresta escura.

E por sete dias os homens prepararam-se para a guerra e não ouviram nada sobre o paradeiro de Buddug. Alguns a acusaram de ser uma traidora. Foram decapitados e tiveram seus corpos devorados por lobos famintos.

Mas, mesmo os mais fieis ainda tinham uma nuvem escura em seus corações.

Uma nuvem que nunca se dissipava...

O céu estava estrelado na noite da batalha. E a lua cheia despontava no horizonte.

Os celtas marcharam com as tochas acesas. O velho druida seguia à frente. Ele retornara da floresta depois de ter desaparecido naquela noite. Estava estranho, o silêncio costumeiro antes das lutas foi trocado por risinhos de escárnio e assovios descompromissados.

– O que há com você? – perguntou Cynbel.

– A noite está linda, meu jovem – respondeu o druida com um largo sorriso quase desdentado.

– Mas vamos lutar e morrer! – falou indignado.

– Meu jovem! A noite está linda! – respondeu o druida antes de sair rindo e saltitando na frente do exército. – Os deuses voltaram!

– Velho louco! – rosnou o jovem guerreiro.

– Totalmente! – falou o druida, ouvindo o resmungo apesar de estar distante. – Louco como uma marmota louca!

Então, Londinium surgiu à frente.

Uma cidade de construções esparsas, mas muito bem guarnecida pelo exército romano.

Eles esperavam com armas em punho, com sua formação impecável. Uma parede de escudos perfeita se estendia por centenas de passos, tal qual um muro de metal.

Fogueiras foram feitas no terreno para iluminar a noite e no chão havia algumas estacas de madeira, como se eles tivessem demarcado algo.

E quando o primeiro homem ultrapassou a primeira das estacas, as pedras das catapultas voaram e castigaram a vanguarda dos seis mil celtas surgidos no horizonte.

Não houve conversas antes da batalha ou troca dos costumeiros insultos. Havia somente ódio e raiva.

Algumas dezenas de guerreiros foram esmagadas depois da primeira chuva de pedras. Outros berravam de dor, com os membros destroçados. O impacto desse primeiro ataque não foi grande, mas gerou pânico e serviu para desestabilizar os homens.

– Não parem! – gritou Cynbel ao ver os homens recuarem – Pelos deuses, pela rainha, continuem, seus merdas! Alegrem seus antepassados!

Todos os chefes guerreiros berravam e instigavam seus homens. O velho druida, bem à frente dos guerreiros, parecia se divertir com aquilo. Arrancou suas peles e começou a pular pelado. Agachou, defecou na mão e esfregou no corpo. Alguns pilos voaram, mas todos erraram o alvo.

– Romanos mortos! – tinha a fala entrecortada por risos histéricos. – Romanos mortos! Romanos filhos da puta! A deusa, a nova deusa vai banhar-se no sangue! Romanos mortos!

Ele segurou seu cajado no alto da cabeça e vociferou palavras incompreensíveis, que soaram como os guinchos de um javali enfurecido. Olhou para trás e sorriu para os celtas. Correu como um louco para o embate da sua vida e os homens o seguiram prontamente, cada um gritando o nome do seu deus protetor.

E a maior batalha daquela ilha começou.

Os homens da Britannia avançavam como uma matilha de lobos, sem ordenação. Os soldados romanos esperavam em posição enquanto as catapultas, os scorpios e as balistas cuspiam seus projéteis. Alguns caíram, mas o enxame continuou.

– Preparem-se para esmagar os vermes! – gritou um dos centuriões. – Escudos

firmes, homens!

– Não quero nenhum selvagem vivo! – falou um velho vestido com uma armadura bem polida. – Matem todos os bárbaros!

O som dos corpos, das armas e dos escudos se chocando era ensurdecedor e abafava até mesmo os gritos de agonia.

O exército romano quase não sentiu a primeira pancada e os corpos dos celtas se amontoavam aos seus pés. Os guerreiros precisavam escalar os companheiros sem vida para alcançar o inimigo.

Eles estavam sendo retalhados. Poucos romanos haviam tombado. A batalha parecia perdida.

Mas, quando a lua atingiu seu ápice no céu, a rainha retornou, como prometido.

Cavalgava sozinha, sem sua armadura ou armas.

Os homens estranharam, mas sentiram enorme confiança quando a viram. O velho druida, coberto de merda e sangue gritava alucinado enquanto acertava sem piedade os soldados que tentavam, em vão, golpeá-lo.

– A deusa! A deusa das trevas! – gritou o velho druida. – A vitória é nossa!

Buddug sorriu, desceu do cavalo e seu semblante se transformou em algo maligno. Ela correu com uma velocidade impressionante entre os celtas e avançou contra os romanos. Suas unhas pareciam garras e seus cabelos vermelhos reluziam o fogo das fogueiras.

A rainha escalou os corpos dos companheiros mortos e voou sobre um centurião montado. Arrancou um naco do pescoço do infeliz com uma mordida e o sangue esguichou forte. Os soldados ao lado se assustaram e dois morreram antes de qualquer reação, com as gargantas rasgadas pelas unhas dela.

– A deusa! Buddug se tornou uma deusa! – gritou um dos celtas.

Os homens festejaram e o ânimo da batalha foi retomado.

Foi feito um círculo de soldados ao redor da rainha e todos hesitavam em atacá-la.

– Covardes! – desdenhou. – Sou apenas uma mulher desarmada!

Um jovem romano, em busca da fama pela morte dela, avançou e estocou com seu gládio. Ela se desviou com facilidade e, com agilidade felina, puxou-o pela armadura e mordeu seu pescoço, bebendo longamente.

Ninguém ousou interrompê-la.

Houve pânico, alguns tentavam fugir, mas eram impedidos pelos decanos e centuriões. A formação militar havia sido desfeita naquela parte e agora os celtas conseguiam avançar e matar.

– Homens da Britannia! – gritou a rainha. – Eu, Buddug, serva de Andraste, os levarei a vitória! Matem por mim e inundem essa terra com o sangue deles!

As palavras dela pareciam ter um efeito mágico e despertaram uma fúria insana,

do menino ao mais velho guerreiro. E mesmo com armas precárias eles lutaram sem descanso. Alguns usavam pedras ou mesmo as mãos nuas. Um jovem zombou de um centurião, já no limiar da morte, com um pilo enfiado no seu peito.

A matança estava descontrolada.

Buddug matava freneticamente, incitava o pânico pelas fileiras inimigas e em pouco tempo, o caos reinou em Londinium.

E a noite se tornou uma orgia de sangue. O massacre iminente dos celtas foi revertido e eles destroçaram o poderio de Roma. Apenas uns poucos conseguiram fugir, apesar do preço a ser pago pelos celtas também ter sido alto.

Cynbel, Nynniaw, centenas de bons guerreiros tombaram.

Mas, o fim do domínio romano na Britannia começou naquela noite. E a lua cheia ficou envolta por um halo avermelhado.

E uma deusa andava novamente entre os homens, como já havia acontecido quando a ilha era jovem e os grandes carvalhos ainda não haviam despontado na terra.

Uma deusa banhada de sangue.

O Peixe-Homem Lucas Rocha

Vovô adora me contar histórias. Sinceramente, não sei se elas são verdadeiras – vovô é pescador e todos sabem muito bem a fama que os pescadores têm –, mas sempre paro tudo o que estou fazendo quando ele começa a falar. Suas histórias são fantásticas e assustadoras, sempre com deuses, monstros e todos os tipos de criaturas sobrenaturais. Lembro que fiquei três dias sem dormir quando ele me contou a história do lobisomem que rondava a nossa cidade, matando crianças que não iam cedo para a cama. Eu ficava de olhos bem abertos, espreitando a janela em busca de um par de olhos vermelhos que nunca cheguei a ver.

Mamãe sempre reclama quando vovô conta suas histórias para mim, mas ele não se importa com isso. Na verdade, acho que ele se ofende com as reclamações, dizendo: “Ora, qual o problema de contar as coisas que acontecem no mundo para o menino? Ou você prefere que ele cresça como um palerma?”. Sempre que ele diz isso, mamãe se enfurece e diz que crianças não precisam ouvir histórias tão macabras e mentirosas, pois a realidade já é cruel demais. “E quem disse que essas histórias são mentirosas?”, ele pergunta, naquele ar misterioso que só ele sabia fazer.

Mamãe coçava a nuca, virava os olhos, expirava em impaciência. “Seu avô está ficando velho”, ela me dizia. “Não acredite nessas histórias que ele te conta”.

Mas eu não podia deixar de acreditar. Ele narrava seus contos com tanta paixão e emoção que era difícil não se contagiar por cada personagem e situação que ele descrevia.

Nosso ritual de todos os fins de tarde era praticamente o mesmo: ele chegava com seu barco – a expressão de cansaço estampada nas rugas –, descarregava os pescados minguados que conseguia pegar – “Os peixes estão sumindo”, ele vivia dizendo – e dava-os para mamãe limpar. Depois de se lavar, sentava-se numa cadeira de balanço e acendia um cachimbo velho e fedorento. Parecia um daqueles sábios das histórias que contava. Eu, na maioria das vezes, sentava no chão, olhando o sol ser engolido pelo rio que passava atrás da nossa casa. E era assim que ele começava as histórias.

– Você já ouviu falar do peixe-homem? – ele me perguntou dessa vez. Fumou o cachimbo e deu um gole na caneca de café que mamãe havia feito para ele.

– As sereias, não é? – perguntei.

– Não, elas não! Veja bem, as sereias são meio gente, meio peixe – ele me explicou. – Os peixes-homens são homens que resolvem viver com as sereias na água.

– Ah, é? – eu já começava a ficar curioso. Conhecia muito bem as sereias, mas nunca tinha ouvido falar em peixes-homens. – E como eles conseguem respirar lá

embaixo?

– Magia – ele me respondeu misteriosamente. – As sereias são criaturas cheias de magia, sabia? Muitas vezes, elas seduzem os homens e os afogam, só para se divertirem um pouco. Mas há vezes em que elas os transformam em peixes-homens.

– Mas e se o homem não quiser virar peixe-homem?

– É uma decisão só dele – vovô deu de ombros. – Quando as sereias hipnotizam os homens, eles não têm escolha, mas uma transformação como a do peixe-homem é diferente. O homem e a sereia precisam estar apaixonados para que a transformação aconteça.

Ele tragou o cachimbo outra vez. Depois tossiu roucamente e bebeu o café fumegante, limpando a garganta. Passou as mãos por seus cabelos grisalhos. Eu tinha certeza de que ele estava se preparando para enfim contar a história.

Isso havia sido apenas o prólogo.

– Sabe, eu já pesquei um peixe-homem uma vez – ele disse, olhando para as unhas manchadas de fumo.

– Ah, é? – ele estava esperando pela minha pergunta e pela minha curiosidade. Era assim que as coisas funcionavam entre nós.

– Uhum – ele passou os dedos pelos cabelos novamente, olhando para a água correndo rio abaixo. – Era um bom peixe-homem, esse que eu pesquei. Passamos o dia inteiro conversando e ele me contou a história de como ele se transformou. Uma bela história, se quer minha opinião.

Eu já estava completamente hipnotizado pelas palavras dele quando a história enfim começou.

O peixe-homem era um tanto quanto novo quando eu o pesquei. Eu lhe daria uns vinte anos, no máximo. Sabe, eu invejo ele. Nessa idade e já saber o que é o amor verdadeiro!

A história começa, na verdade, há muito tempo atrás, quando ele era apenas uma criança. O pai do peixe-homem, chamado Bartolomeu, havia sido um dos pescadores mais prósperos da cidade. Não importava se estava frio ou calor, se era dia ou noite, Bartolomeu sempre voltava com o barco repleto de peixes.

E a prosperidade, como você bem sabe, sempre desperta o interesse dos outros. Havia esse outro pescador da cidade, chamado Leopoldo, que era um incompetente. Vivia com sua rede embaraçada e suas iscas nunca eram frescas. Sempre olhava para Bartolomeu com olhos de cobiça e ganância, querendo saber como o homem conseguia tantos peixes.

Certo de que Bartolomeu tinha algum segredo, Leopoldo seguiu-o durante uma manhã de pesca. Ficou longe, observando a habilidade do outro com a pescaria.

No fim, não havia magia ou truques: tudo se resumia ao talento de Bartolomeu.

Frustrado ao ver que não descobriria nenhum segredo, Leopoldo fez o caminho de volta para casa. No meio do percurso, alguma coisa chamou-lhe a atenção. Ouviu um canto belíssimo vindo da nascente do rio.

Remou até lá, seguindo o som e, ainda de longe, pôde avistar uma sereia sobre uma pedra, penteando os cabelos dourados e cantarolando uma melodia para os peixes.

Leopoldo sabia que as sereias tinham o poder de hipnotizar os pescadores – seu velho avô sempre havia lhe contado todas as histórias –, mas isso não o amedrontou. Ao contrário, fez brotar uma ideia em sua mente traiçoeira. Sem pensar duas vezes, remou até perto da criatura, interrompendo-lhe a cantoria.

– E quem és tu que interrompes meu canto, homem? – ela perguntou, indignada, ao vê-lo se aproximar. – Vejo que és pescador e deves saber quem sou. Queres, por acaso, desbravar o fundo deste rio em minha companhia?

– Não, senhora tão bela! – ele tentou ser o mais educado possível, fazendo uma mesura. – Não venho aqui para desbravar as águas da senhora, mas para fazer com que a senhora leve um homem injusto para o fundo do rio.

Ela ergueu a sobancelha, curiosa e espantada com a audácia do pescador.

– Não sei se é do conhecimento da senhora... – ele apressou-se a dizer, antes que fosse interrompido. – ...mas há, entre os pescadores dessa cidadezinha, um que tira uma quantidade muito grande de peixes do seu reino.

– És tu esse tal pescador? – ela perguntou. – Por acaso vieste aqui vangloriar-te?

– É claro que não, minha senhora, longe de mim! Nunca pescaria tantos peixes do reino da senhora e deixaria eles apodrecendo debaixo do sol!

– Ora, e quem é o miserável que deixa isso acontecer aos meus peixes?

– O nome dele é Bartolomeu, minha senhora. Ele, mesmo quando já tem muitos peixes para comer e vender, ainda pesca mais e deixa todos apodrecerem na beira do rio.

É claro que isto era uma grande mentira, mas Leopoldo pouco se importava. A inveja havia tomado conta dele de tal forma que as consequências de suas mentiras já não tinham importância. Precisava convencer a sereia de qualquer forma possível.

– Tua audácia não é de todo inútil, pescador... – ela murmurou, avaliando Leopoldo de cima abaixo. – Esse tal Bartolomeu merece ser punido. Traga-o até aqui amanhã, nesta mesma hora, e prometo que serás recompensado. E não ouses dizer sobre minha existência, ou te arrependerás profundamente.

Leopoldo não disse nada sobre a sereia. Fingindo uma indisposição no dia seguinte, convenceu Bartolomeu a acompanhá-lo durante a pesca da manhã. Disse que tinha medo de passar mal, acabar desmaiando e cair dentro d'água.

Bartolomeu, solícito e despreocupado – já havia vendido muitos peixes naquela semana –, resolveu ajudar o homem. Quem sabe poderia dar-lhe algumas dicas para

a pescaria?

O que Leopoldo não esperava era que Bartolomeu levasse seu filho com eles. O peixe-homem, que nessa época era ainda um menino de sete anos, estava animado para sua primeira pescaria.

– O que esse menino está fazendo aqui? – Leopoldo perguntou, preocupado. Não estava em seus planos levá-lo para junto da sereia.

– Vou mostrar para o meu menino como se pega o peixe – Bartolomeu respondeu, sorridente. – Faz tempo que ele me pede pra vir, acho que ele já está na idade.

Com um nó na garganta, mas sem desistir de seus planos, Leopoldo remou o barco com a ajuda de Bartolomeu, guiando-o até a pedra onde a sereia os esperava.

– Que som é esse? – Bartolomeu já podia ouvir o cantar muito ao longe, e, à medida que se aproximava, ficava cada vez mais apaixonado pelo que ouvia.

Leopoldo também se envolvia com o canto, mas, como já soubesse sobre a sereia, tentou se controlar.

O único que não tinha reação era o menino. Sabe, o canto das sereias não afeta as crianças. Para o garoto era apenas um som agradável, nada que o pudesse preocupar. Era como o canto de um pássaro: bonito e inofensivo.

O barco ia se aproximando e, quando finalmente conseguiram ver a sereia, o garoto se assustou. Viu aqueles cabelos dourados e aquelas escamas que refletiam a luz do sol, explodindo em um milhão de cores diferentes.

– Pai, o que é isso? – o menino perguntou. Mas Bartolomeu não lhe respondeu. Tinha os olhos vidrados na sereia, apreciando seu canto e sua beleza. O garoto desistiu do pai e virou-se para Leopoldo. – Tio Leopoldo, quem é ela? Não é uma sereia de verdade como nas histórias, é?

– Fique quieto, moleque! – Leopoldo tinha os olhos fechados e as mãos segurando firme nas bordas do barco, tentando a todo custo não se deixar levar pela voz da criatura.

Ela parou de cantar quando os viu. Encarava Bartolomeu diretamente nos olhos.

– Então é este o pescador que vem matando desrespeitosamente meus peixes?

– É ele mesmo, minha senhora – Leopoldo respondeu.

– E de quem é este filhote? – apontou para o menino, que tinha o terror estampado em seu rosto. – Por que também o trouxeste?

– É filho do pescador, minha senhora. Tem o mesmo sangue ruim do pai. Se for do agrado da senhora, afogue o moleque também.

O menino estava mudo e amedrontado. Não ousava dizer uma palavra sequer.

A sereia desviou os olhos de Bartolomeu e fitou os do garoto.

E, para a surpresa dele, a sereia sorriu.

– Não tenha medo, meu filhote. Não ousaria fazer-te mal algum. Agora lhe peço

apenas uma coisa: ponha as mãos sobre teus ouvidos.

O menino viu que as palavras que saíam da boca da sereia eram verdadeiras. De bom grado e já livre do medo, colocou as mãos em forma de concha sobre os ouvidos.

No entanto, isso não o impediu de ouvir o que a sereia disse a Leopoldo.

– Sua criatura mesquinha! Como ousas trazer a mim um filhote inocente e pedir-me para que o afogue?!

A expressão dela era de fúria. O sangue havia escapado completamente ao rosto de Leopoldo.

– Minha senhora, o sangue... ele tem o mesmo sangue do pai.

– Pois um filho não merece ser julgado pelos crimes do pai! A recompensa por tua insolência será acompanhar-me até meu reino!

Dizendo isto, a sereia mergulhou na água e virou o barco onde todos estavam. Bartolomeu, desfeito repentinamente da hipnose, demorou a entender o que acontecia. Estava longe demais da beira do rio, mas ainda assim conseguiu segurar o filho, tentando nadar com dificuldade, enquanto o menino batia os braços e as pernas, assustado.

Leopoldo não teve tanta sorte: foi arrastado até o fundo das águas, e nunca mais se ouviu falar dele.

Vovô encheu o cachimbo com fumo pela terceira vez. A lua cheia iluminava o céu, tendo seu reflexo espelhado pelo rio. Milhões de estrelas se espalhavam pela infinidade da escuridão.

Ele colocou a chama do isqueiro sob o cachimbo e deu uma longa e prazerosa tragada.

– A história termina assim? – eu perguntei, quebrando o silêncio. Não havia dito uma palavra desde que a história havia começado.

– Pensei que você não estava mais prestando atenção.

– E quando eu já deixei de prestar atenção em suas histórias, vovô?

Ele me respondeu com um sorriso em meio à fumaça.

– Onde estávamos?

– A sereia afogou o Leopoldo, e Bartolomeu e o filho ainda estavam nadando pelo rio, tentando fugir.

– Ah, sim, sim... – ele se aprumou na cadeira de balanço e pigarreou, para enfim continuar a história.

Bartolomeu estava atordoado. Em um minuto estava sobre o barco, ouvindo a voz mais doce do mundo e, no minuto seguinte, estava dentro do rio, com o filho assustado e a cabeça doendo. Antes que pudesse chegar até a beira, a sereia voltou

à superfície, procurando pelos dois.

Ela cantou novamente, olhando profundamente para Bartolomeu. Logo, ele voltou a ter os olhos vidrados e a expressão séria, desligando-se de tudo o que acontecia à sua volta. Soltou o filho, que continuava batendo as mãos e as pernas desesperadamente.

– As palavras do pescador Leopoldo não me convencem mais. Ele não se mostrou digno de minha confiança. Dar-te-ei uma chance, pescador Bartolomeu. Poderás ir-te embora daqui, mas ouça o que te digo: se alguma vez suspeitar de que Leopoldo me falava a verdade, as piranhas lambuzar-se-ão em tuas carnes. Ouviste, mortal?

– Sim, minha senhora – respondeu mecanicamente.

– Assim está bom. Ótimo. Agora vai-te daqui. Só sairás do transe quando estiveres fora de meus domínios, e não terás lembranças do que aqui ocorreu. Ao invés disso, voltarás chorando para tua casa, lembrando-te de um acidente no qual teu filhote e Leopoldo se afogaram.

– Sim, minha senhora – ele repetiu, nadando tranquilamente até a beira do rio e andando devagar até que estivesse fora das vistas da sereia.

O menino, já perto da beirada do rio, mantendo-se com dificuldade de pé, bateu os braços na água, pronto para seguir os passos do pai.

– E tu, filhote, aonde pensas que vai? – ela perguntou, nadando até a beira do rio velozmente.

– Meu pai, eu... eu vou com ele – disse ainda amedrontado. Bartolomeu já estava longe demais.

– Tu não podes ir, filhote... teu lugar é aqui. Comigo.

– P-por que não posso ir com meu pai? – ele gaguejou.

– Porque tu não podes ser enfeitiçado, meu anjo – ela tinha a voz doce e afetiva de uma mãe zelosa. – Tu te lembras de tudo. Não posso arriscar que fales de minha existência para outros homens.

– Mas eu... eu não falo nada, prometo! Deixe que eu vá embora e juro que não contarei para ninguém!

– Por mais que eu queira, minha criança, não posso. Tu podes arriscar a minha existência e a de meus semelhantes.

– Eu tenho que voltar com meu pai!

Estava pronto para correr, mas a sereia foi mais rápida, agarrando-o e mergulhando o menino dentro do rio, de onde não poderia escapar.

O menino pensou que fosse morrer, mas, ao inspirar, viu que o ar entrava normalmente em seus pulmões. Abriu os olhos e se viu envolto em uma bolha, submerso.

– É o certo a se fazer, minha criança – a sereia lhe disse. – Tu ainda vais

entender meus motivos.

Ele não entendia, mesmo quando me contou essa história: não entendia por que não podia voltar para casa. Afinal, ela havia deixado Leopoldo livre para retornar com Bartolomeu, não havia? Ele não poderia, durante aquele curto período de tempo, contar sobre a sereia para algum conhecido? Por que então ele não poderia também voltar para casa com seu pai?

O menino cresceu em meio a sereias e peixes-homens, sempre à beira do rio, comendo da comida das sereias e escutando dia e noite o canto delas. A sereia que havia matado Leopoldo, chamada Azelar, era uma das mais belas dali. Sempre o olhava com olhos estranhos, ele chegou a me dizer: ao mesmo tempo em que tinha a ternura de uma mãe, tinha a urgência de uma amante. Ela colocou peixes-homens como sentinelas para vigiá-lo dia e noite, tornando sua fuga impossível – e não pense que ele não tentou fugir. Foram pelo menos uma dezena de tentativas, pelo que me disse.

Ele se perguntava se a sereia não estava apaixonada por ele.

Quando completou seus quinze anos, o menino passou a ver Azelar de forma diferente. Via os seios nus da sereia, firmes e redondos, ora escondidos por seus longos cabelos loiros, ora duros e arrepiados pela bruma da manhã. Ouvir o canto dela e de todas as suas irmãs tornava-se uma tortura: parecia que uma descarga elétrica passava por todo seu corpo, enrijecendo os músculos e levando seus pensamentos aos locais mais voluptuosos que sua mente adolescente podia fantasiar.

– O que é *voluptuosos*, vovô? – eu o interrompi.

– Eh... – por um segundo ele pareceu perdido, não sei se pela pergunta ou pela intromissão que minha voz causou na história que ele contava. Retomou sua linha de raciocínio. – São pensamentos que uma criança da sua idade tem, mas ainda não entende. São coisas de amor e de paixão, compreende?

Não compreendia, mas fez que sim com a cabeça. Precisava ouvir aquela história até o fim, e ela não terminaria se eu esperasse uma explicação em todos os detalhes.

Vovô retomou a narrativa.

Numa noite, o menino via Azelar de longe. A sereia cantava para os peixes e ele a admirava, sem ousar fazer barulho. Mediu-a com os olhos, vendo desde a ponta de seu cabelo até a última barbatana de sua nadadeira. Aquela visão o deixava arrepiado. Olhava-a como um amante olha a sua amada.

Deixando o medo de lado, o menino se jogou na água. Fez um barulho dos infernos, espantando os peixes e espirrando água na sereia.

– O que estás fazendo, menino? – ela tinha um tom autoritário e surpreso. – Queres, por acaso, ser afogado?

Ele nadou até a pedra e subiu nela, dividindo espaço com a sereia.

– Por que você não me deixa ir embora, mesmo depois de tanto tempo? – ele perguntou. – Já tenho idade suficiente para ser hipnotizado e não me lembrar de nada. Já sou um homem, não sou?

– Tu és um menino muito atrevido, é isso o que tu és, insolente! Assustaste meus peixes a troco de quê?

– De uma conversa sincera– ele respondeu, num tom surpreendentemente sério.

Azelar olhou-o e percebeu que os traços do que um dia havia sido uma criança já não existiam mais. Via agora um homem, com filetes de barba no queixo e sob o nariz, cabelos longos e cheios, negros como carvão, e olhos tão profundos e questionadores como os seus próprios.

– Queres sinceridade? – ela perguntou, num tom desafiador. – Pois aí está: ameite desde o primeiro momento em que te vi.

Falou assim de súbito, pegando o garoto de surpresa.

– Como pode ter-se apaixonado por uma criança? – ele perguntou enrubescendo, as orelhas quentes. Tinha aquela mesma sensação boa por todo o corpo, mas dessa vez a intensidade era extremamente maior. – A única coisa que você ama é afogar os pobres pescadores e cantar para esses peixes estúpidos!

Ela deu uma risada.

– E eu que julgavas tu maduro demais para entender-me. Não passas de um homenzinho inexperiente. Julgas como os homens e pensas como os homens, mesmo que tenhas sido criado entre as sereias. Teu pensamento é por demais limitado, minha criança.

– Então me explique como posso pensar da mesma forma que você.

– Não vejo o amor da mesma forma que tu vês. Tu és mortal e urgente, precisas amar com intensidade. Amas mais a carne do que a alma. Eu, por outro lado, sou uma criatura imortal. Para mim, o amor não é urgência, é paciência. É saber que, mesmo em face de qualquer problema, o amor continua. Mesmo na distância, mesmo na luta, mesmo na morte, o amor está ali. – ela parou por um segundo antes de continuar. – O que mais me agrada quando afogo um pescador é saber que levo para o fundo do rio um homem que não sabe amar. Pois quem ama de verdade não se deixa levar por cânticos ou palavras sedutoras. Quem ama verdadeiramente consegue suportar até mesmo a mais forte das magias – ela parou de falar, olhando para o reflexo da lua no rio. – Como devo estar parecendo estúpida falando dessas coisas para ti.

O menino estava completamente hipnotizado pelas palavras de Azelar.

– Pensei em muitas coisas, mas nunca em *estúpida*... – ele respondeu.

Ele não sabia exatamente de onde veio a coragem, mas ergueu um dos braços e colocou os cabelos loiros de Azelar por trás de suas orelhas. Olhou-a com olhos

simples e sinceros. Parecia que, naquele momento, amava como as sereias amavam.

Avançou e beijou-a com paixão e amor, misturados em um só. Nunca havia sentido nada como aquilo durante toda a sua curta existência, e sabia que Azelar também não.

Caíram nas águas do rio, numa dança de bolhas e de peixes. O garoto sentia o corpo da sereia contra o seu: sentia os seios nus e as barbatanas em suas pernas peludas, bem como os fios loiros dos longos cabelos dela contra seu peito liso. Ele sabia que, durante aquela comunhão, ele assinava uma permissão para se tornar peixe-homem. O menino não se importou. Na verdade, era o que queria desde que vira os primeiros peixes-homens daquele lugar.

Sentiu as guelras abrindo-se atrás de suas orelhas, a água passando por ali, tornando a respiração possível. Os pés alongaram-se e uma película fina esticou-se entre os dedos. A vista não embaçava mais debaixo d'água. O corpo nunca pareceu tão livre.

Juntos, os dois nadaram até as profundezas do rio, onde se esqueceram de tudo e amaram-se durante muito tempo.

– Vovô, menos detalhes! – eu reclamei.

Vovô tinha os olhos distantes, perdido entre as descrições que fazia e a fumaça que o fumo desprendia. Deu uma última tragada antes de deixar o cachimbo de lado.

– Desculpe – disse, sorrindo. – É uma história muito bonita, menino. Você não devia reclamar de tanta beleza desse jeito.

– Se eu soubesse que o senhor ia me contar uma história de amor eu ia ter dormido mais cedo! Pensei que o senhor fosse contar a história da mula-sem-cabeça hoje!

– Você já está velho para esse tipo de histórias. Precisa começar a ouvir as histórias que realmente importam.

– Ah, mas histórias de assombração são sempre mais legais!

– Quer ou não que eu termine a história? – vovô perguntou num tom de voz impaciente. – Está quase no fim.

Eu odiava admitir, mas estava realmente curioso para saber como a história de Azelar e do peixe-homem terminava. É claro que não poderia dizer para vovô, mas meu silêncio falou por mim.

Ele continuou.

Amaram-se muito pelos dias seguintes. Azelar nem mesmo se lembrava de cantar para os peixes durante a noite, tão absorta estava em seus próprios pensamentos. Ficava na beira do rio, escovando os cabelos, os olhos distantes em busca de uma agitação mais brusca na água que denunciasse a chegada de seu amor. E ele sempre

aparecia, cedo ou tarde, um sorriso bobo estampado em seu rosto adolescente.

Mas, em um dia qualquer, depois de quase cinco anos, o peixe-homem simplesmente não apareceu. Azelar ficou esperando-o até o amanhecer, mas não houve sinal dele. Perguntou-se, aflita, se alguma coisa havia acontecido. Esperou dia após dia naquela mesma pedra, inutilmente.

O peixe-homem tinha os seus motivos, mas não podia dizê-los a Azelar. Ele tinha certeza de que ela nunca o entenderia.

Por maior que fosse o amor entre eles, havia, no coração dele, uma semente que teimava em não secar, mesmo depois de tantos anos. As lembranças de Bartolomeu e de toda a sua família ainda passeavam nos vales mais obscuros de sua mente. A imagem daquele rosto tão duro e altivo de seu pai permanecia nítida, mesmo depois de quase dez anos.

Ele sabia que Azelar não compreenderia seus motivos, por isso preferiu deixá-la sem dizer nada. Ela era uma criatura solitária, diferente dos homens. Nunca poderia entender o amor entre um pai e um filho, por mais que se esforçasse. Ela não sabia o que era um pai ou uma mãe. Para ela, seus geradores eram apenas geradores e não passavam disso.

Por isso o peixe-homem fugiu. Doía-lhe profundamente abandonar a criatura pela qual estava sinceramente apaixonado, mas ele sentia que precisava fazer aquilo. Nem que fosse para descobrir que Bartolomeu e toda a família haviam morrido ou já haviam se esquecido dele.

Quando o pesquei, ele me contou que ainda não tinha conseguido encontrar seus parentes. Também me disse que não havia um só dia no qual não pensasse em Azelar.

Vovô sorriu, ainda olhando para algum ponto distante que não consegui identificar.

– É assim que a história termina. Linda, não é?

– A melhor que o senhor já me contou, vovô – eu fiquei quieto por um momento, olhando-o. Por fim, disparei. – Mas será que não poderia me contar a da mula-sem-cabeça? Por favor, por favor, por favor!

– Você é um poço de contradição, hein, rapazinho! – ele me disse, sorrindo. – Essa história já demorou tempo demais, está muito tarde. E eu já disse que você está crescendo para as histórias de terror. A partir de hoje, vou passar a contar histórias que realmente importam!

– Ah, vô, por quê?

– Porque não há mais graça em contar uma história de terror se você consegue dormir sem medo durante a noite – respondeu, enquanto se levantava lentamente da cadeira de balanço.

– Vovô...! – falei, antes que ele entrasse em casa.

– Hm?
– Essa história... ela aconteceu mesmo, não aconteceu?
– E eu já contei mentiras alguma vez, menino? – ele perguntou. – Por que está tão interessado assim?
– Por nada – dei de ombros.
Ele sorriu mais uma vez, entrando em casa e dando fim àquela noite de histórias. A minha noite, por outro lado, ainda não estava terminada.

Espero vovô e mamãe irem dormir. Assim que estão ferrados no sono – não demora muito, os dois estavam exaustos – deslizo sorrateiramente da minha cama, na ponta dos pés. Não ousa sequer respirar com muita força. Mesmo que já estivesse habituado a fazer aquilo durante as noites, ainda não consigo me acalmar enquanto não saio definitivamente de casa.

Giro a maçaneta e empurro a porta, que geme baixinho. Logo estou do lado de fora, descalço, andando em direção ao barquinho de pesca de vovô.

Desamarro-o da estaca, jogo a corda para dentro do barco e empurro-o até a água. Quando já está boiando – a água na altura da minha cintura – pulo para dentro. Começo a remar, ainda nervoso de que alguém pudesse me ver ou ouvir.

A sereia já deve estar me esperando. Não importa quão fria fosse a noite – aquela estava particularmente fria –, ela sempre está me esperando sobre aquela pedra limosa, escovando os cabelos sem parar, como se sempre estivessem embaraçados.

Lá está ela, exatamente como eu imaginava que estivesse. Seu canto, que antes não passava de uma voz muito bela, começa a me incomodar, ultrapassando os limites de meus ouvidos e seguindo por todo o meu corpo como uma corrente elétrica, envolvendo-me mesmo que eu não queira.

Ela para o que está fazendo quando me vê se aproximar.

– Olá, criança. O que tens para mim hoje? – pergunta, sem rodeios.
– Não tenho nada hoje, minha senhora – respondo educadamente.
– Como assim? – ela parece incrédula. – Por acaso esqueceste nosso acordo, criança?

– Ele... ele não me contou uma história de terror hoje.

– Ah, não? Mas ele te conta histórias de terror todas as noites, não conta? Lembro-me quando ouvi a primeira delas: estava aqui mesmo, sentada sobre esta pedra, quando ouvi teu avô contar-te uma das suas milhares de histórias. Foi como nos conhecemos, te lembras? Ou por acaso não te recordas?

– É... é claro que me lembro, minha senhora.

– Então é certo de que também te recordas de que eu poupei a vida do velho e a sua em troca das histórias, não é?

Ela fala com um misto de raiva por não ter sua história e medo de perdê-las para sempre.

– O vovô não me contou uma história de terror hoje. Mas me contou sua história, minha senhora.

Azelar tem agora o rosto completamente contorcido em dúvida.

– É por isso que gosta tanto de ouvir histórias dos homens, não é? – pergunto, tomando coragem. – Para que se lembre de seu peixe-homem?

– O que estás dizendo, menino? – ela tenta mascarar seu choque em um tom de voz raivoso. – Quem te contou essa história?

– O vovô, ele... ele achou o peixe-homem, senhora Azelar. E o peixe-homem contou toda a história para ele, e o vovô me contou tudo.

– E onde ele está? Onde está o peixe-homem?

– Eu não sei... vovô me disse que ele fugiu para procurar Bartolomeu e o resto da família, e nunca lhe disse nada por que sabia que a senhora nunca o entenderia.

– MENTIROSOS! Ele me ama, deveria estar aqui! EU o transformei porque nos amávamos!

Ela abaixa a cabeça, as duas mãos no rosto. Começa a chorar.

– O vovô me contou que você conhece o amor como ninguém. Como pode não entender o amor de um filho por um pai?

Fico em silêncio, apenas vendo-a chorar.

Quando ela levanta a cabeça, há uma lágrima molhando sua bochecha. Parece um filete de cristal, brilhando nas mais diferentes cores com o reflexo da lua.

Ela enxuga o rosto com o polegar.

– Quando te vi pela primeira vez, lembrei muito dele – ela me diz. – Meu primeiro ímpeto foi o de afogar teu avô e te ter só para mim. Mas então eu ouvi aquela história. Não sei o porquê, mas aquela história de terror me fez bem, por mais assustador que fosse. Me fez lembrar dele.

– Então foi por isso que a senhora fez esse acordo comigo? Para ouvir as histórias e se lembrar dele?

Ela apenas balança a cabeça, confirmando minha suposição.

– Então não tenho mais utilidade para a senhora: vovô me disse que já estou grande demais para continuar ouvindo histórias de terror.

Eu esperava por mais gritos, mais caretas de indignação, mais palavras raivosas assim que terminei de falar.

O que recebo, ao invés disso, é um sorriso. Parece o mesmo sorriso que o peixe-homem havia recebido quando era apenas uma criança.

– Acho que não preciso mais das histórias. Eu consigo senti-lo aqui, dentro de mim – aponta para o coração. – Já não dói tanto o fato dele estar longe.

Ficamos em silêncio naquele momento: ela, de olhos fechados e mãos no peito,

lembrando-se dele. Eu, olhando-a.

Começo a remar para ir embora, deixando-a lá com seus próprios pensamentos, quando ela me chama.

– Menino! Agora que nosso acordo chegou ao fim e tu já estás crescido, não posso deixá-lo simplesmente ir embora. Tu podes comprometer a minha existência e a de meus semelhantes, agora que não me deves mais nada.

Uma onda de pavor percorre meu corpo.

– O que vai fazer comigo? Me afogar?

– Eu não teria coragem, não com quem me fez tão bem durante tanto tempo.

Ela pega sua escova e volta a pentear os cabelos. Está sorrindo bondosamente, uma expressão de paz no rosto.

Quando ela começa a cantar, uma onda percorre todo meu corpo com uma intensidade incrível. Agarro-me nas bordas do barco, apertando-as até que as pontas de meus dedos fiquem brancas. Ela estava me hipnotizando, e pela primeira vez estava funcionando comigo.

– Tu voltarás para tua casa, menino, e de muito pouco te lembrarás do período que passamos juntos. Para ti, tudo não haverá passado de um sonho. Lembrar-me-ei de ti, e tenho certeza de que tu sorrirás e serás sempre invadido por uma sensação de bem-estar quando ouvires falar de uma sereia. Agora vá, meu menino, volta para tua casa e não te esqueças de ser sempre bom para teu velho avô, que sempre tem histórias boas para contar. Tu me esquecerás, menino, mas eu nunca me esquecerei de ti.

A imagem dela vai se desvanecendo aos poucos, até tudo escurecer.

Me mexo desconfortavelmente na cama, derrubando os lençóis que me cobrem. Meus pés estão frios, como se eu os tivesse mergulhado na água do rio. Esfrego os olhos, morto de preguiça de levantar, sorrindo com o sonho bom que acabo de ter. Ainda consigo ouvir o canto da sereia, um canto belo e hipnotizante.

As histórias de vovô sempre mexem comigo, mas essa foi a primeira vez que sonhei com uma delas. Um sonho cheio de vida, desses que parecem reais mesmo que a gente tenha certeza de que não passam de ilusões.

Um novo sol para contemplar **Hugo Vera**

O cantar de um galo distante há muito anunciava a chegada de um novo dia. Madrugada fria, como todas as outras, mas que em breve traria o suave calor do sol ainda escondido por detrás das montanhas distantes do horizonte. Incontáveis estrelas cintilavam no céu austral, exibindo incansável beleza à frente de uma negritude profunda, herança de uma noite sem lua.

A velha cafeteira elétrica já dava sinais de que a saborosa bebida estava no ponto de ser servida. Do refrigerador para a mesa, peito de peru fatiado e queijo branco. O pão de forma tirado da embalagem com cuidado, o espremedor de frutas gemia a cada laranja colocada. Adoçante à mesa, um bule de leite quentinho e ovos mexidos prontos.

Mesa humilde, quadrada e pequena, frente à janela entreaberta com cortinas de renda. Toalha xadrez, branca e vermelha e talheres de cabos coloridos. Assim como todos os dias, Melclan Sampayo fazia seu desjejum acompanhado de sua esposa Deborah. Ela o servia com dedicação, sempre com seu sorriso de anjo renascentista. Quarenta e dois anos de união, em uma época em que uniões estáveis como a deles era um fato raro. Ainda admirava aqueles olhos verdes, agora já enrugados com o passar do tempo, mas sempre brilhantes. Definitivamente ainda era apaixonado por sua velha esposa.

Não trocavam palavras. Era praticamente um ritual. Preferiam curtir o prenúncio da alvorada em silêncio, ouvindo os sons da natureza. Sampayo olhou para a janela e pôde ver o céu aos poucos mudando sua cor, sendo tingido com tons azuis escuros e violáceos, afastando definitivamente o breu até então intocável da madrugada. Suspirou e levou o pão com queijo branco à sua boca, mastigando lentamente. Estava pensativo. Voltou a fitar sua esposa que parecia alheia aos acontecimentos, permanecendo focada na rotina do café da manhã.

Terminado o desjejum, Deborah retirou a mesa, enquanto o velho homem caminhou com dificuldade para a porta da cozinha que dava acesso ao quintal dos fundos. Sentiu a brisa em sua face ao abrir a porta, seus cabelos grisalhos acariciados pelo vento. O céu já apresentava no horizonte os tons vermelhos que prenunciavam o nascer de Beta Hydri, mas isso ainda demoraria longos minutos. Caminhou para fora e sentou-se à varanda, em uma banquetta de madeira, contemplando o calmo cenário.

Sua casa era modesta, mas bem localizada. Ao setor oeste da pequena cidade de Gameliana, capital do planeta de mesmo nome, frente ao Vale das Flores Gigantes, com vista para as montanhas de Lundra. Tirou do bolso esquerdo da calça um maço de cigarros, acendendo um. Tragou-o com intenso prazer, fechando os olhos por

alguns instantes. Sampayo sabia que o tabaco há muito havia sido proibido em todos os mundos humanos da Liga Interestelar e ele mesmo já não fumava há pelo menos quarenta anos, desde que conhecera Deborah, em missão junto à Armada em Próxima Centauri. Contudo, o cigarro já não tinha o mesmo prazer de outrora. E como sentir prazer diante dos últimos acontecimentos?

Sampayo sabia que seria um dia diferente dos anteriores. Sabia que tudo mudaria. E sentia por saber que não haveria outra manhã como aquela.

Deborah saiu à varanda, repreendendo-o com o olhar ao sentir o cheiro do cigarro, incomodada com o ato de seu companheiro. O velho homem encolheu os ombros, constrangido. Apagou o cigarro e atirou-o ao terreno do quintal, para indignação da esposa.

– Será tudo diferente a partir de hoje, não? – o olhar triste e cansado do capitão aposentado da Armada Interestelar não escondia seu ar saudosista.

– Sim, meu querido – assentiu a mulher, colocando-se atrás do marido, massageando-lhe os ombros com frágeis mãos. – Ao menos é o que dizem as transmissões subetéricas.

Observavam em silêncio o horizonte e além das montanhas, os raios solares rasgavam preguiçosamente o céu alaranjado, aumentando a intensidade pouco a pouco, enquanto o astro ainda oculto ascendia vagarosamente. Beta Hydri parecia não ter pressa em consagrar o dia com seu resplendor. Talvez o sol daquele mundo também pressentisse que aquele dia não seria como os outros.

– Fomos muito felizes aqui, não fomos? – O capitão levantou-se da banquetta, espreguiçando seu velho corpo. – Morar aqui talvez tenha sido a melhor escolha que fizemos na vida.

– Foi a melhor escolha, querido. – Deborah abraçou o marido com carinho. – Mas não posso negar que senti muita saudade do dia-a-dia das missões em espaço profundo no início.

– E ainda sente? – Sampayo olhou no fundo dos olhos de sua amada, porém não obteve resposta. E ele sabia o motivo do silêncio. Deborah sempre buscou preservá-lo das lembranças do passado.

Após um breve silêncio, ela manifestou-se.

– Ainda é difícil acreditar que essa guerra insana chegará até nós.

– É o que as notícias do subetérico dizem, querida. Mas nossos rapazes estão fazendo o melhor para que isso não ocorra. De qualquer forma, temos que estar preparados para tudo. Gostaria de estar lutando com eles, mas sou apenas um velho incapaz, sobrevivendo com seus malditos implantes na coluna para ainda poder andar.

– Não, querido. Seus movimentos são imperfeitos, mas não o tornam um incapaz. Além disso, você é o herói da Grande Revolta de Épsilon Eridani e jamais

esquecerão seus feitos. Já fez a sua parte na história, agora é hora do merecido descanso.

– Descanso compulsório devido ao acidente, você quer dizer.

– Foi necessário, você sabe disso. Eu mesmo auxiliei na aprovação do seu laudo.

– Quem mandou eu me apaixonar justo por uma médica da Armada, não é? Ainda não me fugiu da cabeça a desconfiança de que você fez tudo aquilo só para que eu não partisse mais em missões e ficasse longe de você – ele deu um sorriso triste, mas com um leve esboço de malícia.

– Eu jamais o afastaria das suas obrigações na Armada por egoísmo da minha parte, Mel. Por mais que eu desejasse.

– Eu sei disso – ele aproximou-se dela, beijando sua mão. – Mesmo assim me afastaram do serviço. Quanta consideração com alguém que defendeu a Liga por tantos e tantos anos... Talvez essa seja minha maior amargura – E, voltando o olhar aos olhos da mulher: – Ao menos tive minha recompensa. Além dos anos de felicidade junto a você, neste mundinho.

Ela sorriu. Porém, era uma alegria comedida. Logo, seu semblante foi tomado por evidente preocupação.

– Eu não quero partir – disse a mulher, cruzando os braços. – Já deixamos para trás muitas coisas nessa vida. Não quero abandonar tudo aquilo que construímos aqui.

– Não iremos, se você não quiser.

O disco solar já despontava no horizonte e as estrelas já não podiam ser observadas. Pássaros cruzavam o céu de um azul profundo e borboletas silvestres embelezavam o canteiro de flores que Deborah plantara nos fundos do quintal.

De repente, o grito estridente de uma sirene interrompeu a suave melodia do alvorecer. O velho casal ouviu ao fundo a intensa movimentação de pessoas na rua.

– Nossos temores se confirmaram – disse o capitão. – É melhor entrarmos.

Ambos dirigiram-se até a sala de estar. Deborah abriu as cortinas da janela, observando o lado de fora. A vizinhança parecia enlouquecida. Mal tinha amanhecido e dezenas de pessoas corriam para lá e para cá, carregando de tudo. Uns transportavam caixas, outros sacolas e outros os mais variados objetos pessoais. Alguns traziam animais de estimação. Ao fundo, viaturas da Armada Interestelar estacionavam na parte baixa da rua, enquanto soldados seguiam pelas calçadas, conduzindo toda a movimentação.

A campainha sibilou. O velho capitão dirigiu-se calmamente até a porta, indiferente à insistência sonora. A campainha tocou outra vez, e outra, e mais outra. Abriu a porta de sua casa sem pressa alguma.

– Mas que impaciência, meu rapaz! – protestou o capitão ao ver o homem

fardado à sua porta.

– Tenente Kamin se apresentando, senhor – o militar bateu continência. – Desculpe o incômodo, senhor, mas como sabe, as notícias não são boas. É chegada a hora. O comboio aguarda a retirada dos civis de Gameliana. Não temos muito tempo.

– Qual a nossa situação, tenente?

– O inimigo avança por toda a Liga Interestelar, senhor. Lalande e Ross 154 foram tomadas há duas semanas e Barnard sucumbiu anteontem ao poder do inimigo. Alpha Centauri ainda resiste e creio que teremos alguma chance por lá. Porém, as forças draconianas chegaram às redondezas de Sírius, Épsilon Eridani e agora estão às portas de Eta Cassiopeia.

– Então Terra Longínqua corre perigo?

– As informações que temos é que o Conselho Interestelar tem solicitado às sacerdotisas do Templo de Cassiopeia que partam do planeta para sua própria segurança. O senhor bem sabe o quanto elas representam para toda a Liga. Contudo, as andrômedas se recusam a abandonar Terra Longínqua. Elas dizem que deixar o planeta seria sinônimo de desistir da luta e isso abalaria o moral dos nossos combatentes nas várias frentes de batalha em toda a galáxia. Ainda assim, há notícias de tumulto em Cidade Capital e nos povoados vizinhos. Todo o planeta parece estar muito apreensivo com a proximidade do inimigo, mas temos resistido às ameaças.

– Anos de resistência e agora isso... Finalmente chegaram ao nosso quintal... – resmungou o velho em tom quase inaudível. Ele se perdia em pensamentos, quase como se entrasse em transe, mas logo foi despertado pela afobação do jovem tenente.

– Os draconianos estão se espalhando como praga sobre nós, senhor. Há boatos de que os eridanianos pretendem se render, assim como os veganianos. Ontem nos chegou a notícia de que os kremikkovianos abandonaram a Liga e firmaram acordo de paz com Alpha Draconis. Enfim, aos poucos estamos perdendo nossos aliados estrangeiros. A humanidade está ficando cada vez mais solitária nessa guerra.

O capitão se recompôs.

– Quanto tempo para chegarem até Beta Hydri?

– Aproximadamente 5 horas. Mas há quem diga que uma parte da frota deles já está no sistema estelar, próximo à órbita do décimo terceiro planeta, a menos de uma hora de distância. Se partirmos agora, creio que não terão com o que se preocupar, afinal, a Armada está preparada para conter os draconianos enquanto evacuamos Gameliana.

– Esses desgraçados querem mesmo brigar! – Há muito Sampayo não sentia seu coração palpar tal como naquele momento. O ódio corria por suas veias e sentia

suas têmporas pulsarem. Observou sua esposa de rabo-de-olho e percebeu o quanto ela estava aflita. Tentou conter-se e engoliu em seco os palavrões que estava por proferir. – Está mais do que na hora de um contra-ataque aos planetas daqueles r pteis malditos!

Deborah ouvia tudo ao fundo. Angustiada, sentiu seus olhos marejarem. Ela queria ser forte diante do marido, mas não conseguia conter as lágrimas que começavam a cair sem permissão. Limpou o semblante e aproximou-se de Sampayo, sendo saudada pelo tenente   porta.

– Temos n t cias de Pr cyon, tenente? – a mulher, com sua voz tr mula, segurou com as duas mãos o braço direito do marido, temendo a resposta do militar. Sua família era de l  e temia pela sorte de seus parentes.

– Minha senhora, não temos n t cias de Pr cyon há semanas. As comunicações são precárias e tudo nos leva a crer que aquele sistema foi definitivamente tomado, apesar da resistência. Mas não temos certeza. Sabemos que nossos homens ainda lutam naquela região, porém não temos como informar o que está acontecendo por l . O comando da Armada espera pelo pior e reorganiza nossa frota em Alpha Centauri.

Deborah baixou a cabeça, arrasada. As lágrimas voltaram a cair, enquanto o capitão aposentado apressava-se em abra  -la com fôrça, abrigando sua esposa junto ao peito.

– Temos que partir, senhor – insistiu o tenente, em evidente impaciência. Ele sabia que não podia demorar mais. Cada minuto era mais que vital para a sobrevivência de todos. – Não temos muito tempo. Pe o que se aprontem, pegando somente o que for realmente necessário. O senhor já conhece os procedimentos.

Melclan Sampayo olhou para Deborah, visualizando seus olhos verdes visivelmente úmidos. Melanc lica, ela o encarou, entregando a decisão final ao seu companheiro. A partir dali, Sampayo já sabia o que responder. Voltou-se ao oficial, estufou o peito, franziu a testa e disse entredentes:

– Nós não partiremos, tenente. Avise o comando que o capitão Sampayo e sua esposa ficarão em sua casa, aqui em Gameliana, pois *este*   o nosso lar. E nós nos recusamos a entreg -lo aos draconianos ou a quem quer que seja. Lutaremos até fim, tal como os antigos terráqueos fizeram com a velha Terra, na época dos demônios de Neph lia.

– Mas, senhor... – Kamin fora pego de surpresa com a resposta do capitão. – O ataque dos nephalianos ocorreu há mais de mil anos! Além disso, a velha Terra foi totalmente destruída, mesmo com todas as condições que tinha para se defender. Quanto a vocês aqui, o que poderiam fazer diante de uma frota de belonaves draconianas? Se não partirem conosco vocês terão o mesmo destino dos antigos terráqueos. Temos que partir. Agora!

– Essa é minha resposta final, tenente. Desejo sorte a você e aos rapazes. Sei que estarão fazendo o melhor por nós e por toda a humanidade.

– Mas...

– Cuide dos demais, tenente. Cumpra sua obrigação e faça o seu melhor. Boa sorte e adeus.

Sampayo fechou a porta de sua residência, deixando para o lado de fora um oficial atônito e inconformado com a decisão de um velho capitão aposentado. A mulher, não aguentando segurar mais a angústia que só crescia dentro de si, desabou aos prantos.

– Tenha calma, querida. Ficaremos juntos até o fim.

– Até o fim – repetiu ela, soluçando. – Ai, meu amor. Quantos sonhos... Quantos desejos... Vida maldita! Nem filhos eu pude dar a você!

O capitão sorriu, afagando os cabelos ondulados da esposa.

– Foi melhor assim. Dessa forma não dividi meu amor com mais ninguém. Ele foi todo seu.

O capitão colocou-a sentada no sofá com cuidado. Dirigiu-se ao aparelho de som na estante e tocou o visor de menu, selecionando a opção *jukebox*. Na sequência, buscou a canção preferida de Deborah: “Um Novo Sol para Contemplar”, do grande cantor cassiopano Rique Carmat.

– Executar – ordenou ele.

A famosa canção tomou conta do ambiente, abafando o ruído exterior, onde a população corria em desespero, estapeando-se por um lugar nas viaturas que a levaria às naves do comboio de resgate. Envolvida pela música, Deborah teve seu pranto estancado e, para surpresa de Sampayo, sorriu.

– Querido... Lembra-se de quando ouvimos juntos essa música pela primeira vez?

– Baile de formatura em Sírius, quando fui promovido a capitão.

– E você estava lindo com aquele uniforme de gala! Eu não pude resistir e tive que falar com você. Quem diria que uma jovem subtenente, médica de bordo das naves das Forças Especiais, se apaixonaria pelo futuro herói de Épsilon Eridani?

– Fizemos amor naquela noite. Pela primeira vez.

– Pela primeira, segunda e terceira vez, não? – Deborah riu. Sua expressão saudosista alegrara o coração do velho capitão aposentado. – Como era bom ser jovem. Vivíamos em época de paz. E os draconianos eram apenas uma espécie estrangeira como qualquer outra, habitando o outro lado do Quadrante, sem oferecer ameaça aos mundos da Liga Interestelar. – O sorriso da mulher murchou gradativamente.

A música chegava ao final e Sampayo solicitou ao aparelho que a tocasse mais uma vez. E enquanto a canção se repetia, ele sentou-se ao sofá, deitando sua esposa

sobre si, colocando a cabeça dela sobre suas coxas, enquanto passava suavemente as costas de seus dedos pela face, um carinho tão agradável que a fez cerrar os olhos.

O capitão recordou-se quando viera para Gameliana, já aposentado e muito antes do início da guerra com os draconianos. Por recomendação de um amigo próximo, adquiriu o terreno naquele planeta, facilitado pelo Plano de Expansão Colonizadora que a Liga Interestelar empreendia entre os planetas habitáveis, mas ainda pouco populosos do Quadrante. Havia sido uma pechincha! Gameliana possuía atmosfera compatível, terras férteis, extensas bacias hidrográficas e recursos minerais altamente aproveitáveis. Investir naquele mundo parecia ser o mais lógico a se fazer, afinal, o progresso galáctico fatalmente o abraçaria, e sem dúvida seus herdeiros teriam uma boa vida por lá no futuro.

Tudo havia saído como planejava, à exceção dos herdeiros que nunca vieram. Mesmo assim, Sampayo julgava que os anos que viveu junto à sua esposa, desbravando um novo mundo ainda selvagem, sem dúvida foram os melhores de sua vida. Perdido com lembranças do passado, visualizou a época da construção de sua casa, um trabalho feito com esmero por suas próprias mãos. Rememorou a colocação das cercas para demarcar a propriedade e o retirar do capim alto e de ervas daninhas nativas. Lembrou-se dos dias incansáveis de cultivo de sementes no extenso terreno do quintal da casa e das primeiras verduras e legumes de sua horta, além de tantas outras coisas que pôde realizar. E desde sua chegada àquele planeta, procurava não perder sua bela alvorada, admirando-a fascinado sempre que o tempo colaborava.

O nascer do sol...

– Meu amor! – o velho capitão, tomado por uma súbita euforia, levantou sua esposa gentilmente de sobre suas pernas. – Vamos lá para fora! Para o quintal!

– O que aconteceu?

– O nascer do sol! Estamos perdendo!

O casal caminhou até a varanda e, abraçados um ao outro, observavam serenos o nascente. Beta Hydri irradiava luz e calor para louvor de toda aquela terra verdejante e, ao som dos pássaros que cantarolavam em saudação ao novo dia, Deborah e Sampayo sentiam-se privilegiados em presenciar tamanha beleza mais uma vez.

Não demorou muito para avistarem o comboio espacial, que partia alinhado em formação muito acima do horizonte, tal como um bando de aves rumando para terras primaveris, fugindo da iminência de um inverno rigoroso vindouro. As naves subiam rumo às estrelas agora invisíveis, ignorando os olhos cansados e saudosos do casal de velhos que as acompanhavam.

De repente, um brilho intenso iluminou todo o campo de visão por alguns

instantes, ofuscando a vista do casal, cujos olhos protestaram incomodados mesmo protegidos com as palmas de suas mãos. Um forte estrondo tardio estremeceu toda a terra, enquanto a primeira esfera ardente crescia lentamente no céu, engolindo uma das naves do comboio em fuga. Fragmentos em chamas caíam de volta à terra. Outras esferas ardentes seguiram a primeira, em *flashes* intensos que competiam com o brilho do sol nascente.

Os draconianos haviam chegado. Uma nova movimentação nas ruas denunciava: eles estavam próximos à sua residência.

Calmamente, o capitão rumou para a dispensa. Abrindo um armário, retirou algumas caixas velhas de uma das prateleiras. Ao fundo, finalmente encontrou o que buscava. O pequeno baú metálico, há anos escondido, retirou-o do local com cuidado. Sampayo não se recordava mais do quanto era pesado, culpando sua idade pelo excesso de esforço físico necessário para pegá-lo. Colocou o objeto sobre a mesa de centro da sala de estar e abriu-o com delicadeza.

Deborah sabia muito bem o que jazia dentro daquele baú. Ignorando as ações do marido, ela adentrou o ambiente e acomodou-se no sofá. Sentia-se velha e cansada. Não tinha mais a jovialidade de outrora, quando ainda servia na Armada. Definitivamente havia desistido de lutar. Entregaria sua sorte às decisões de seu marido.

Sem pestanejar, Melclan Sampayo retirou o artefato do interior do baú. Uma lembrança de seu famoso ato heroico, quando impediu que rebeldes destruíssem a sede do governo de Épsilon Eridani, durante a Grande Revolta. Recordações vívidas povoaram sua mente enquanto empunhava o objeto reluzente diante de si.

Evitando o extermínio de cidadãos interestelares, o capitão havia se embrenhado entre terroristas, lutando destemidamente no intuito de recuperar o perigoso artefato bélico que ameaçava toda a população. Ele conseguiu impedir que os terroristas utilizassem a terrível arma, mas não sem antes pagar o alto preço pelo seu momento de glória. Sem chances de se defender, foi atingido traiçoeiramente nas costas pela pistola microexplosora de um dos rebeldes. O estrago não somente o impediria de andar normalmente como também o retiraria para sempre do serviço militar.

Não bastaram os ajustes cirúrgicos, as condecorações e as homenagens pelo seu heroísmo. A decisão do Alto Comando era irrevogável. A Armada era sua vida e depois de anos lutando em defesa da Liga Interestelar, sentiu-se traído com a baixa compulsória que foi obrigado a aceitar. Seu destino seria agora viver pelo resto de seus dias à sombra do homem que um dia havia sido.

Inconformado, tramou meios para conseguir para si o temido dispositivo bélico que havia recuperado dos terroristas, não dando atenção aos apelos de sua esposa médica que implorava para que não cometesse nenhum ato insano. No entanto, Sampayo não queria fazer mal a ninguém. Apenas ansiava ter o objeto pelo qual

havia lutado como um troféu, um símbolo de tudo aquilo que sempre acreditou e batalhou. Sabia das consequências caso fosse pego, mas mesmo assim acreditava que era seu direito possuí-lo.

Após anos de planejamento e contando com a ajuda de antigos e fiéis companheiros das Forças Especiais convertidos à sua causa, ele conseguiu o impossível: conquistou finalmente para si aquela perigosa arma assassina. Não deixou vestígios. A investigação instaurada pela Armada Interestelar não identificou culpados, nem tampouco o paradeiro do objeto.

Seus pensamentos desanuviam-se com os acordes da melodia que podia ser ouvida na sala. Deborah pedira para executar sua canção preferida mais uma vez. Ela olhou para ele, com lágrimas nos olhos, sorrindo timidamente.

– Apoiarei você até o fim, querido. Acabe com eles!

A decisão estava tomada.

O esmurrar da porta sinalizava a iminente invasão dos draconianos à sua casa. Sem dúvida a música em alto volume havia denunciado a presença do casal no interior da residência.

Sampayo olhou para o dispositivo em suas mãos com a mesma paixão de um pai para um filho querido. Milhares haviam sido salvos em Épsilon Eridani. E apesar de tudo, ele sentiu que havia feito a escolha certa. Diante destes pensamentos, o capitão tomou coragem para o seu último ato heroico.

Ele não abandonaria seu lar. Não se renderia. E Gameliana não seria tomada pelos reptilianos de Alpha Draconis. Ao menos não enquanto ele vivesse. Sentou-se ao lado da esposa, segurou em sua mão e aguardou, ao som da doce melodia.

A porta da casa foi finalmente arrombada, dando passagem aos temíveis homens-lagarto que adentraram furiosos, empunhando seus rifles de plasma.

Melclan Sampayo ignorou a presença dos draconianos. Sem cerimônias, rompeu o lacre da pequena ogiva nuclear e ativou o detonador.

Seu nome seria lembrado mais uma vez por toda a galáxia.

Amor de Esqueleto **Dennis Vinicius**

Acordar da morte foi, para mim, como nascer.

Antes, tudo se resumia a escuridão e ausência. Noutro momento, senti um puxão na região que já abrigara meu estômago. E, na sequência, uma eletricidade vinda do nada percorreu meus ossos em tal intensidade que teria chegado à pele, se eu ainda tivesse uma. Quando dei por mim, cavava para cima feito um lunático. A terra e a falta de ar não me incomodavam, nem o fato de meus dedos serem falanges nuas.

Não me recordo do tempo que levei para subir, pois, de fato, minha primeira lembrança ao sair da terra revolvida vem dela, da Lua, minha querida. Tão formosa e cheia! Parecia dizer meu nome em silêncio. Nunca mais a vi igual depois daquela noite. Foi ela quem me trouxe de volta ao mundo dos vivos. O motivo me escapa. Conforta-me pensar que, talvez, tenha feito por carência de alguém que reparasse em seu esplendor.

Mas ela não me devolveu a carne, o sangue ou a pele.

Sou um esqueleto, um clichê magérrimo, duro e branco como se vê pendurado nas portas de casas durante as festas dos mortos. Ando e me mexo sem músculos, enxergo sem olhos e falo sem língua. Não sou desprovido do bom senso, por isso a roupa e o chapéu coco, doação do coveiro que me encontrara na noite de meu renascimento. Passado o susto que quase o levava para o lugar de onde vim, ele e eu conversamos e nos acertamos. Ele me chamou de seu segredo; e eu, de meu amigo.

– Os homens não podem saber de você.

Foi o que me disse Sebastião, meu único amigo de um mundo que se estende até os limites murados do cemitério. Não posso sair daqui, é a primeira regra. A segunda é me esconder dos vivos quando estes vêm visitar os que se foram.

Na minha primeira semana de não-vida, Sebastião pesquisara o mistério da minha existência. Descobrira apenas que nada iria descobrir. Iniciamos um debate acalorado sobre astrologia, deuses-pagãos e mistérios do hiperespaço. Assentamo-nos na esfera das hipóteses, cada um com a sua. Para mim, a Lua era viva e me amava, ponto final.

Eu, obviamente, não envelheço, mas minhas roupas sofrem a passagem do tempo. Sebastião fazia questão de comemorar meu aniversário – embora discordássemos em batizar a data com um nome pertencente à vida – e me presentear com roupas novas, afinal, o que eu mais poderia querer? Esqueleto não possui aquela fome de “ter coisas”, típica dos vivos.

O tempo foi passando e meu amigo, envelhecendo. A cada partida de xadrez, realizada na casa dele, uma nova ruga era cravada em torno dos seus olhos ou um novo fio branco substituía o antigo, castanho-escuro. Por fim, o topo da cabeça dele

ficou ralo, as costas encurvaram e tosses vinham com mais frequência. Já o vigor para tombar meu rei era o mesmo de quando nos conhecemos, trinta e seis anos atrás.

Numa noite de tabuleiro, aquela em que realmente começo minha história, Sebastião comeu meu bispo sob o som de Amy Winehouse.

– Ora, Sebastião, que movimento astuto!

– É a prática, meu amigo. Meus olhos podem estar velhos, mas minha mente continua jovem e disposta a ousadias.

Acenei com meu crânio e parei para analisar o meu próximo movimento. Ergui minhas órbitas vazias na direção de Sebastião e notei sua inquietação.

– O que tem, amigo? Está um tanto disperso. Algo lhe aflige?

– Desculpe – ele respondeu. – Mas é que me preocupo com o que será de você quando eu me aposentar. O tempo passa, velho amigo. Logo virá outro no meu lugar. Temo por ele não aceitá-lo como eu o aceitei. – E dito, ele tentou refrear a frase seguinte, porém não conseguiu: – Entenda que não é fácil para nós, os vivos, sabermos que alguém como você existe.

Sorri. O que, é claro, não fora notado. Sem lábios, sem feições faciais.

– Ah, quanto a isso não se preocupe. Serei aceito pelo próximo coveiro porque a ele não darei outra saída senão a de me aceitar. Tenho um plano infalível.

– E qual seria? Por favor, me diga e me aquiete – falou com tanto desespero que me arrependi da piada antes de finalizá-la.

– Ora, minha simpatia é um beco sem saída para qualquer um! Quem não aceitaria magnífica figura que sou?

Sebastião fungou para não rir, percebi. Coloquei os cotovelos sobre a mesa e uni as mãos, decidido a lhe dar uma resposta decente:

– Coveiros escolheram lidar com os que se foram. Portanto, vocês nos enxergam com outros olhos. O medo de corpos inanimados e gelados, que, para mim, é totalmente infundado, inexiste em quem se “arrisca” nesta profissão. Seu sucessor nada temerá de mim. Fique tranquilo, amigo.

Ele assentiu com a cabeça e emendou uma promessa:

– Virei visitá-lo, Tim.

Sorri novamente, sem saber por que o fazia, já que não era perceptível.

Tim. Minha lápide se encontrava tão gasta que apenas as três primeiras letras podiam ser lidas. Seria eu Timóteo? Timothy? Ou Tim poderia ser considerado um nome completo? Nada constava nos registros do cemitério. Sebastião procurara até gastar a ponta dos dedos virando as páginas. Isso significava que eu era antigo, bem antigo, antes da ampliação do terreno nos anos setenta.

Não me lembro de nada quando vivo, por isso não me faz falta o nome de uma mãe ou de um pai. Quem fui? Sei lá! E que ficasse assim. Sou Tim, jogo xadrez

muito bem e meu melhor amigo é um coveiro. Para mim estava tudo bem.

Até o dia em que a conheci.

Aproveito aqui para corrigir um equívoco: posso não me importar com a vida que tive, mas isso não quer dizer que o mundo dos vivos esteja morto para mim. Passei noites segurando as barras de ferro do portão do cemitério, olhando por entre elas para o cruzamento de duas ruas. Local em que a vida passa numa velocidade que, às vezes, tonteava-me.

Testemunhei batidas de carro, brigas de casais, assaltos, risos e choros, tudo em graus de intensidade díspares e jamais repetentes. A vida é muito complicada, um fato, mas como deveria ser doce viver esta complicação!

Desculpe o devaneio e voltemos à quando a conheci.

Naquela mesma noite, depois do xadrez (eu perdi), Sebastião tomou o rumo de sua cama. Eu, que não necessito de repouso, fiz o que fazia costumeiramente: caminhei pelo cemitério que, como sempre, morria de silêncio. Deixei minhas pernas decidirem o itinerário e, quando dei por mim, estava na parte mais antiga do terreno.

Do bolso, tirei uma peça de xadrez e comecei a poli-la. Este era outro *hobby* meu: esculpir peças de xadrez das mais nobres pedras que eu encontrava durante as andanças no cemitério. Tinha em mãos uma rainha negra já quase perfeita.

Um burburinho incomum despertou minha atenção. Ajeitei meu casaco e endireitei meus suspensórios – entenda que não há cinto que seja mínimo o suficiente para segurar a calça de um esqueleto, só suspensórios. Segui cautelosamente na direção das vozes. Encolhido atrás de um arbusto, avistei algo que faria o meu coração dar um salto.

Havia dois vampiros, uma múmia, um morto-vivo e uma bruxa conversando em torno de uma lápide. Não é o que está pensando, não delirei. Eram cinco jovens *fantasiados* para a festa de Halloween; minha data preferida, por que será?

– Não faz isso, Ricardo! – exclamou a bruxinha para um dos vampiros. – Isto é errado.

Ela se referia ao que este tal de Ricardo pretendia fazer com o objeto em mãos: um spray de tinta. Ele mirava o bico da lata em uma lápide, ao alcance de um braço.

Aquela não era a primeira vez e nem seria a última que eu encontrava vândalos zanzando no meu território. Ah, se eu contasse tudo que já testemunhei dos vivos fazendo no cemitério... Seria preciso um livro de muitos volumes e proibido para menores.

– Para, Ricardo! Solte a lata!

– Fica quieta, Samira. Deixa só eu assinar meu nome aqui – respondeu Ricardo, agitando a lata para melhorar a pressão do jorro de tinta.

Os outros pareciam considerar a ideia de pichar em cima do nome de um morto um ato divertido, para o meu descontentamento e o de Samira.

Ponderei aparecer e mostrar aos quatro garotos porque deviam respeitar os mortos. Com certeza o susto seria grande e mais do que suficiente para encerrar a baderna. Poderia fazer isso sem medo de represálias porque dois deles carregavam bebidas alcoólicas. Se falassem a meu respeito a alguém, o bafo deles testemunharia contra e os poria em descrédito.

Estava pronto para minha entrada triunfal quando Samira tomou uma atitude precoce.

– Devolve o spray! – ordenou Ricardo a Samira, com a lata nas mãos.

Ela, no entanto, rodou o braço e jogou a lata por cima do muro.

Os quatro a cercaram.

– Sua piranha gótica! Por que fez isso? – rosnou Ricardo de mãos cerradas.

– Porque o dono dessa cova deve ser mais digno do que você. Respeite os mortos, babaca!

Voltei toda minha atenção a ela. E, como consequência, senti uma comichão em meu peito oco.

Como descrever a sensação de uma pele arrepiada se não tenho uma? Como explicar a você sobre a falta de ar sem ter pulmões? Como contar as batidas rápidas de um coração inexistente? Samira tinha os cabelos negros como a noite, a pele alva como a lua e os olhos verdes como a copa das árvores no alvorecer. Era uma jovem linda, a mais linda dentre as vivas, mesmo vestida de bruxa.

– Agora você vai lá pegar a lata, sua maluca – ordenou Ricardo. A roda de meninos se apertou em torno dela.

Samira negou com a cabeça e não deu um único sinal de que obedeceria. Se estava em perigo ou não, parecia não se importar.

Mas eu dei.

– O que foi isso? – perguntou a múmia ao me ouvir mexer nos arbustos.

O grupo se virou na minha direção. Ergui-me devagar, sabendo que não poderia ser visto em detalhes naquela penumbra. Porém, minha silhueta causou o efeito desejado.

– Q-quem é você? – perguntou Ricardo, já sem a altivez de antes.

Nada disse. Retirei uma das peças de xadrez do meu bolso e a atirei na testa dele.

Depois do “Ai!”, a peça – minha rainha negra inacabada – rolou pela grama e parou no bico da bota de Samira, que se agachou e a pegou, colocando-a no bolso da saia.

– Vão embora! – conclamei com meu vozeirão cavernoso.

Eles não se foram. Estacaram-se no chão como árvores e tremeluziram como folhas ao vento. Dei um passo à frente e ergui minha mão. Apontei o indicador para eles, no instante em que um manto de claridade me revelava até metade do braço. O

horror nos olhos deles diante de minha mão entregava o sucesso do meu plano.

– Vá embora, Ricardo. Ou sofra as consequências.

Não sei se foi a minha mão ou o fato de eu ter dito o nome dele, mas Ricardo finalmente tomou uma atitude: saiu correndo, seguido pelos seus três amigos. Pretendia voltar à minha marcha solitária, mas ela ficou.

Samira me olhava –pasmem! –sem medo. Será que me tomava por um fantasiado? Seria possível numa noite de Halloween.

– O que é você? – ela perguntou.

Ela perguntou “o que” e não “quem”. Meus ossos gelaram. Por reflexo, dei um passo para trás e me deixei cobrir por inteiro novamente no manto seguro da escuridão.

Samira reagiu à minha ação dando um passo à frente. A garota deveria ser louca!

– Não se aproxime, por favor – pedi soando desesperado.

Ela obedeceu e não mais andou, mas ficou me tateando com seus olhinhos ávidos. Ou a garota era destemida ou uma completa insana.

– Quem é você? – ela perguntou, desta vez me tratando por gente.

– Sou um solitário morador deste cemitério, que passa as noites perambulando por entre as lápides, em busca de algo tão lindo quanto você.

Que ousadia a minha! Como pude ter dito a ela uma coisa dessas? Agi sem pensar! Se eu sentisse dor ou tivesse carne, teria me dado um beliscão naquele instante.

Ela pareceu absorver cada sílaba das minhas palavras com sofreguidão. Sua pele alva ficou rubra de vergonha, o que a deixara ainda mais linda.

– Obrigada.

O silêncio que nos separava era palpável.

Samira, a garota vestida de bruxa e dona de um olhar arrebatador, fitava-me com curiosidade mórbida e inconsequente.

– P-por que continua aqui? – perguntei arrematando o silêncio.

– Porque nada tenho para fazer fora daqui. É uma festa de Halloween, não é?! Que melhor lugar para passar a data do que junto das pessoas que não me fazem mal?

Pessoas que não me fazem mal? Não me atrevi a perguntar a referência da frase. Em vez disso, falei:

– Não há espaço para vivos, aqui. É triste saber que prefere este recanto fúnebre em vez da festa que ocorre do outro lado do muro. Vá ter com os seus!

– Os meus não me merecem e não me tratam bem. Se pudesse, viveria aqui – ela disse, num tom entre a decisão e a amargura.

Dos vivos pouco sei, mas sei mais que o suficiente para entender que a garota tinha problemas sérios.

– Um dia viverá esta não-vida, Samira, mas não é sadio desejar tal estado. Saiba que não há maior felicidade aqui do que lá de onde vem.

Ela cerrou levemente as sobrancelhas em sinal de curiosidade. Foi quando reparei que usava um piercing acima do olho esquerdo.

– Fala como se conhecesse bem o assunto de morto. Quem é você e por que sua mão é como é?

Não a queria mais ali. Por mais bela que fosse, ela me transtornava. Existem sentimentos que não pertencem a um esqueleto e esse deveria estar no topo da lista. Dei alguns passos para frente, revelando meu corpo abaixo do pescoço: um esqueleto dentro de uma roupa flácida e gasta.

Pela primeira vez, enxerguei medo no rosto dela.

– Saia, Samira. Deixe-me só em meu mundo. De tristeza eu entendo e sei que, neste cemitério, não há felicidade para nenhum de nós dois.

Ela engoliu seco. Seus olhos se arregalaram, as mãos tremeram. Notei sua tentativa de objetar, mas o temor finalmente a alcançou. Virou-se e correu para longe, sumindo nas sombras.

Suspirei. Que ser vil eu fui! Assustei a pessoa mais bela que já pisara naquele terreno. Eu, que já não dormia, teria perdido o sono de tanta amargura.

Por que o destino, já tão irônico comigo, pusera tamanha beleza intocável em meu caminho? Para que eu me apaixonasse? Que chances um ser como eu teria de ser feliz? Ah, Lua, por que não me deixaste descansando como tantos outros que aqui estão? Amor e paixão são invenções dos vivos. A mim, cabem as perambulações e as partidas de xadrez.

Voltei ao meu itinerário de caveira baixa.

Cheguei ao portão do cemitério e contemplei o mundo além. Festa. Muitas pessoas fantasiadas saindo de um bar. Foi quando a vi novamente, triste e só, caminhando devagar de encontro à multidão.

Não sei se fiz barulho, mas algo a fez parar de andar, virar-se e olhar na minha direção. Por reflexo, encolhi-me no canto, entre as grades e o muro. Eu tinha certeza de que, em hipótese alguma, ela poderia me enxergar. Ali, agachado, cerrei a vista e a fitei.

Os olhos dela, ah, os olhos! Borrados de tanto chorar! O que fiz, meu Deus? Não teria paz se não reparasse o mal cometido – e não há nada que um morto preze mais do que a paz. Tinha que tomar uma atitude alucinada e precisava ser naquele instante.

Fiz o impensável.

Pulei o muro.

Os meus pés nus tocaram a calçada que, por direito, apenas os vivos podiam pisar. Se tivesse coração, provavelmente teria sofrido um infarto. Estava em pânico.

Olhei em volta e percebi que não era visto ou, pelo menos, não reconhecido como um morto.

Bendita seja a festa de Halloween.

Ela já não estava mais do outro lado da rua. Avistei-a ao longe, caminhando de cabeça baixa, na direção de uma rua apertada.

Respirei fundo – um ato reflexo – e a segui com toda a cautela do mundo, tomando cuidado para não ser visto além de um instante. Se eu ficasse por mais de um segundo no raio de visão de alguém, seria reconhecido como o portador de uma fantasia perfeita demais.

Segui Samira a uma distância segura, por entre latas de lixo, caçambas, árvores e postes. Às margens da sociedade, vi de perto a vida acontecendo. Teria sido consumido de desejo se não tivesse tão apavorado.

Samira, por fim, chegou e entrou num prédio de quatro andares. Corri para o beco adjacente e subi pela escada de incêndio do prédio vizinho. Se tivesse sorte, poderia enxergar dali o interior do quarto dela. Se tivesse azar, alguma dona sairia da janela às minhas costas e me choveriam vassouradas.

Escutei gritos vindos do terceiro andar do prédio em frente, o dela. Parecia a trilha sonora de uma rixa de galos.

De repente, a luz de um quarto se acendeu. Samira se sentou na cama, para fugir dos xingos de um homem que tomei como sendo seu pai. Quanta violência naquelas palavras! Minha bela se levantou e bateu a porta na cara do ogro. Os gritos cessaram. Ela voltou a se sentar, cobriu o rosto com as mãos e chorou copiosamente. Era óbvio que, naquele lar, não existia amor. Comecei a entendê-la.

Como me doía vê-la daquele jeito! Sem perceber que meus braços e pernas ditavam as ordens, peguei-me arrancando uma flor de uma jardineira, postada ao meu lado. Em seguida, pulei até a escada de incêndio do prédio dela. O objetivo era deixar a flor no batente da janela, para que, de manhã, ela a abrisse e se sentisse melhor com a oferenda. Mas o vento, diachos, teimava contra!

Como solução, retirei uma das peças de xadrez do meu bolso e a coloquei sobre o caule da flor, para que o vento não a levasse. Deixei ali o meu rei branco. Espiei Samira uma última vez e parei de abusar da sorte. Passara a hora de voltar para a minha casa.

A volta foi bem mais tranquila. Ruas vazias, vivos dormindo e eu mais experiente na arte de me esgueirar.

Ao tocar os pés no cemitério, dei-me conta da loucura que fiz. Por que me arriscara tanto assim? Que ousadia sem propósito! Não contaria minha aventura ao Sebastião, que provavelmente me rechaçaria, podendo até adoecer. Bastava! Samira que cuidasse de sua vida e eu, da minha morte. Chegada a hora de retomar meu itinerário noturno.

E quem disse que consegui seguir meu caminho? Sentei-me numa pedra e contemplei o vazio da noite. Fiquei ali por horas, sentindo-me o mais ridículo dos esqueletos.

A madrugada avançava, emudecida. O silêncio se dissolveu ao som do estalido de um galho pisado. Virei-me e vi Samira, de mãos espremidas junto ao corpo, com olhar preocupado. Não mais vestida como bruxa, mas de vestes tão negras como uma. Parecia uma anjinha às avessas, com direito a crucifixo de madeira no pescoço e rímel pesado nos olhos. Meu olhar escorregou para as mãos dela, que seguravam a flor deixada no batente.

Ela disse em um quase sussurro:

– Voltei. Eu... vim lhe agradecer pela flor.

Meu queixo caiu (figurativo). Ergui-me devagar. Passados segundos, dei-me conta de que ela me via por inteiro. Sacudi os braços e me afastei cambaleando.

– Oh, não! Não olhe para mim, Samira. Não sou algo que deva ser visto. Eu...

– Mas já o vi. – Ela se aproximou um passo e parou. – E não me vê fugindo, vê?

– Mas como soube que a flor...

Ela antecipou a resposta e retirou do bolso duas peças: uma era a rainha negra que pegara aqui no cemitério; a outra, o rei branco. Samira somava dois mais dois.

Sumiu-me o dom da fala. Meus assuntos se davam com coveiros. Fiquei parado feito estátua, buscando nas profundezas da mente a maneira de controlar uma situação que já fugira das minhas mãos. A lei era clara: vivos de um lado, mortos do outro. Encontros só no Dia de Finados e, ainda assim, sem conversas entre as partes.

– O que quer de mim? – perguntei com a voz em um sussurro.

– Ser sua amiga.

– Mas não vê o que sou? Sou morto! Um esqueleto que anda!

Ela deu mais um passo em minha direção. Disse exasperada:

– E que fala coisas lindas, que deixa flores na minha janela e que se sente tão triste quanto eu. Precisa de mim como eu preciso de um amigo. Se estou aqui é porque não ligo a mínima que não tenha pele.

Deixei os braços caírem junto ao corpo. Desejei ceder à oferta, mas aquilo não era certo nem decente.

– Uma viva jamais deve ser amiga de um morto. É... é profano!

– É verdade que não haveria amizade se uma das partes fosse apenas permanecer deitada em um caixão. Mas você anda e fala como um poeta! Para mim, só lhe falta um corpo vivo, pois sua alma está bem viva.

A retórica me embasbacou. Nunca ouvira palavras tão preenchidas de ternura.

– E por que se importa comigo? – Quando percebi, já tinha me aproximado dela. Senti-me como se nu em um palco. – Por que ser amiga de algo como eu? Deve ter amigos fora daqui. Conheci quatro deles esta noite.

Os olhos dela se umedeceram e suas feições empedraram. Ela girou o corpo e caminhou em torno de mim. Era nítida sua aflição com o que viria a me revelar. Samira tinha uma história para contar e eu me dispus a ser seu ouvinte.

– Aqueles babacas não eram meus amigos e sim idiotas que achavam que uma gótica como eu seria uma boa companheira de bagunça. Provavelmente me descartariam assim que soubessem o quão triste sou. Falam da vida como se ela fosse boa. Deve ser para a maioria, mas não para mim. Não tenho amigos, não tenho namorado e minha família não presta. Sou tão só quanto você diz ser.

Ela parou e enxugou uma lágrima. Permaneci parado e calado, embora desejasse confortá-la com um abraço. Não o fiz porque sabia que ela não terminara de desabafar:

– Você tem ideia do quanto o ser humano pode ser porco e repugnante? Quanta maldade podemos desferir contra nós mesmos? Você se lembra da maldade?

– Não. – Fui sincero.

– Pois sorte sua! Os vivos são desprezíveis e hipócritas! Veja minha mãe, por exemplo: bebe, xinga os vizinhos, só reclama e não cultiva nada que não seja o ódio no peito. Mas ela é recebida na igreja como se fosse uma santa! E minha irmã, que não passa de uma vadia sem coração, que vive só para roubar o dinheiro que ganho trabalhando na locadora. Acredita que ela me roubou um namorado só para depois me dizer que podia?

– Eu... não sei o que dizer.

– Você não tem uma família como a minha. Nem um chefe que só quer te levar para a cama. Não tem amigos que só são amigos na farra, mas na dor te mandam catar coquinhos. E o meu pai então, o pior deles. – Nesta hora, ela torceu a cara e tremeu as mãos, fechando-as em punho. – Ah, se eu te contasse como meu pai é porco comigo e com minha irmã. Não existem palavras que digam o quanto sinto nojo daquele desgraçado. Só de me lembrar daquela mão peluda deslizando na minha pele desde os meus quatro anos... – Ela fechou os olhos com força, como se tivesse tomado um susto, e espremeu os lábios.

Não consegui imaginar os horrores que ela vivia com o pai e a família. Talvez a morte tenha me deixado inocente demais às desgraças dos vivos. Mas eu entendia que ela sofrera coisas sérias, coisas traumáticas.

Samira era uma garota dura e muito corajosa. Endireitou-se, enxugou as lágrimas fugidas e se virou para mim com dignidade renovada.

– Ainda acha que devo procurar amigos fora daqui?

Meneei a cabeça em negativa. Estava claro que a vida dela não era boa. Sua solidão era ainda mais triste do que a minha. Lápides não ofendem nem bolinam.

Estirei os braços para os lados e ela correu de encontro a mim. Abraçamo-nos, o morto consolando a viva, daria um filme. Deixei-a chorar no meu ombro até que lhe

esgotassem as lágrimas. Ainda me faltava a resposta de como seríamos amigos, mas, por hora, o que ela precisava era de um ouvinte. E isso eu podia ser.

– Sabe jogar xadrez? – perguntei ao fim do último soluço dela. Ela sorriu.

Fomos interrompidos por um burburinho próximo. Estávamos sentados em uma pedra, no sopé de uma grande árvore, quando quatro figuras conhecidas surgiram por entre as lápides. Eram os “amigos” de Samira, bêbados e com as fantasias em estado de fim de festa. Voltaram para o serviço de pichação não iniciado.

– O que fazem aqui? – perguntou Samira, levantando-se abruptamente.

– O que *você* ainda faz aqui, sua put... – Ricardo não conseguiu terminar a frase ao me avistar sentado ao lado dela.

Os quatro me notaram aos poucos. Os olhos deles esbugalharam numa lentidão cômica. Eu me levantei e retirei o chapéu em cumprimento. Ora, que não digam que os esqueletos são mal-educados! Minha cabeça devia reluzir, pois eu a havia polido dois dias antes.

Quanto mais cedo se assustassem, mas rápido iriam embora.

– O-o que é isso? – perguntou Ricardo com a voz rala, apontando para mim.

– Me chame de Tim – respondi no melhor tom amistoso.

A visão de um esqueleto falante, vestido com roupas antigas de suspensórios, deve ser mesmo apavorante para os vivos. Ricardo e os amigos fugiram aos gritos de socorro. Achei graça. Sabia que, de tão bêbados, provavelmente me tomariam por uma alucinação na manhã seguinte. Teriam uma ressaca merecida.

Já Samira não encontrou o humor na cena.

– Ah, não! Eles vão contar sobre você! Temos que impedi-los!

E minha defensora os perseguiu em disparada, sem me dar tempo de explicar que não seria necessário.

Sáímos todos correndo, serpenteando lápides. Os quatro na frente iam em direção ao portão. Samira, no meio do comboio, gritava para que parassem. E eu, atrás, pedia que ela parasse.

Ao chegarem ao portão, os quatro o pularam como se suas vidas corressem risco. Samira fez o mesmo e os seguiu cruzando a rua. Eu me mantive nas barras do portão, colando minha caveira nelas. Vi a luz dos faróis antes de todos.

– SAMIRA! – gritei, em vão.

Um carro em alta velocidade a atingiu e a fez voar. Caiu como uma boneca de pano e rolou no chão. Enxerguei o brilho vermelho do sangue que vazava da cabeça dela e desenhava um mapa dos mortos no asfalto.

Os meninos voltaram para vê-la, talvez mais por curiosidade mórbida do que por afeto. O motorista do carro teve a decência de parar e prestar assistência. Ouvi gritarem por uma ambulância. Outros diziam a ela que tudo ficaria bem. Estavam errados. Eram atos desesperados dos vivos diante do óbvio. Eu, com a experiência

de ser o que sou, sabia que ela cruzara a linha que separa o mundo deles do meu. Senti como se eu morresse pela segunda vez.

O enterro de Samira se deu no dia seguinte.

Dez anos de espera até que ela ressurgisse. Ela, a Lua mágica que, enfim, veio para atender minhas preces.

– Venha, minha Lua. Ajude-me a despertá-la.

A pá estava segura em minhas mãos. Cavei com a energia dos vivos, no instante em que a minha querida galgou o ponto mais alto do céu. Cavei, cavei e cavei.

Ao arranhar a tampa do caixão com a ponta da pá, parei e esperei. Olhei para cima e pedi a Lua que se apiedasse de minha solidão. Que fosse complacente com Samira, cuja vida fora uma desgraça e terminara cedo e injustamente.

– Por favor, Lua, dê uma chance a Samira para ser feliz na morte o que não foi em vida. Dê a ela a sua graça e eu prometo que honrarei fazendo dela a mais feliz das mortas.

Tive certeza de que fui atendido ao ouvir a batida oca vinda do caixão. Larguei a pá e me afastei um passo da cova. Outra batida, duas, e uma mão esquelética atravessou a madeira como o aríete em um portão.

Ela estirou o tronco pelo buraco e me viu. Estendi meu braço a ela.

– Seja bem vinda, Samira. A uma vida que não é vida, mas que não a machucará nem a entristecerá. Não há dor aqui, só paz.

Se ela tivesse lábios, garanto que estariam esboçando o mais doce dos sorrisos. Ela, enfim, segurou minha mão, sob a promessa de não largá-la por toda a eternidade.

O Relojoeiro Cego Pedro Vieira

– Todo poderoso! Onde estou?

– Não interessa.

Era um aposento pequeno, decerto uma residência humilde. Estava escuro e o único som audível, um *tictac* insistente, preenchia o silêncio com precisão matemática. Uma voz rouca e pastosa o respondeu, alternando longos goles de algo que cheirava a licor barato.

– Você é esplêndido – a voz pastosa declarou.

– O que está acontecendo aqui? Responda-me, mortal, por que não estou sentindo meus irmãos?

A resposta foi uma risada, nada muito ostensivo, uma risada contida, mas transparecendo deboche.

– Você... espere... não sinto a Criação, nem o amor do Pai, sinto apenas... vazio. Que ardil infernal é este!?

O homem acendeu uma vela e ele pôde ver. Era um mortal rústico, da mais baixa estirpe. Daqueles que não têm vergonha de terem se distanciado da imagem e semelhança divina. Se o rosto barbado e os cabelos desgrehados já não eram o suficiente para torná-lo *repugnante*, o porte corpulento, com ombros largos, barriga saliente, mãos calejadas, compunham a figura asquerosa, que representava, a seu ver, a antítese da natureza angelical de Yamiel e seus irmãos.

Mas o mortal continuava rindo, debochado. Yamiel irritou-se.

– Eu sou Yamiel, o Estrela Iridescente, Portador da Voz de Veludo Dourado, décimo sexto regente do Coral de Querubins de Nosso Senhor. Eu...

Yamiel olhou em volta e finalmente percebeu por que algo não estava certo. Ele se encontrava em pé, imobilizado, no centro de um círculo e no interior de uma máquina em forma de cilindro oco, enorme e vazado ao longo de sua extensão, composto de inúmeras engrenagens que, como no mecanismo de um relógio, rodopiavam em volta de Yamiel. Era como se ele estivesse dentro de uma composição de relógios superpostos, em movimento perpétuo. E, por algum motivo, aquilo o deixava indefeso.

– Sabe, Yamiel, estrela de voz de veludo e o escambau – o homem começou – não me importa o que você é. Porque hoje você será a *minha putinha*.

O homem tirou as calças e caminhou na direção do aterrorizado anjo.

Em 1802, o filósofo William Paley não imaginou, ao formular a famosa analogia que tornou célebre seu *Natural theology*, abrir caminho para que mentes de doentia criatividade desconstruíssem a Criação que tanto estimava. De modo a conciliar a

crescente mentalidade racionalista que as descobertas científicas da época impulsionavam e as verdades amplamente conhecidas pela população em geral acerca de Deus e sua Criação, Paley fez uso dos mecanismos de um relógio como parâmetro de comparação para provar que o universo – até o seu mais ínfimo detalhe – é fruto do projeto de uma mente consciente e benevolente. A assinatura divina estaria presente em cada minúscula pecinha da Criação, pecinhas que se encaixam como se meticulosamente projetadas pelo Senhor. E, desse modo, compõem todos os aspectos do universo em que vivemos.

Cientistas e engenheiros, partilhando do conceito formulado por Paley, se lançaram em pesquisas paralelas, tentando resumir e reproduzir as engrenagens que moviam o universo.

Muitas maravilhas tecnológicas foram desenvolvidas como frutos não intencionais dessas pesquisas, embora o objetivo principal, ainda não alcançado, continuasse sendo arduamente perseguido: a engenharia reversa da Criação.

– O senhor pode guardar a papelada. Não perderei meu tempo com essa idiotice – o cônsul inglês retrucou, enquanto o cientista, esforçando-se para equilibrar uma considerável carga de rolos de papel e instrumentos, tentava interrompê-lo.

– Você sabe que apenas foi permitido aqui graças à influência de sua família na corte do país. Se me permite observar, refiro-me à influencia da sua irmã com certo ministro.

– Vossa Senhoria, eu...

– Já ouvi que o senhor visitou outros embaixadores. Que tentou se fazer ouvir na corte. Aonde espera chegar? Ser taxado como louco não é o bastante? – O cônsul se aproximou da janela da helinave. Era um dos projetos recentes, o desenho do casco, em formato helicoidal, vinha sendo aperfeiçoado aos poucos e atualmente cada nave acabava sendo maior e mais veloz que as versões anteriores. Lá fora, aeronaves menores coloriam o céu: outras hélices, dirigíveis e, os mais numerosos, híbridos de propulsão a hélio e mecanismos helicoidais movidos a engrenagens, pequenos e populares entre os civis.

A engenharia helináutica não era a especialidade de Otávio, que sequer podia precisar a qual altura essas novas hélices podiam chegar. Engenheiros e filósofos especulavam que uma hélice perfeita alcançaria o Paraíso. Contudo, Otávio sabia que havia maneiras mais práticas de conversar com Deus.

– Vossa Senhoria, estamos em perigo! O senhor precisa me ouvir...

A reunião durou mais alguns segundos, quando Otávio foi escorraçado do recinto. Um mensageiro vinha trazendo a correspondência recente de Londres e também trouxera o último capítulo de um dos folhetins de Dickens, cuja leitura, aparentemente, não podia esperar. O cônsul *precisava* saber o que aconteceria com um tal de Pip ou algo do gênero.

– Não adianta gritar, querido – o homem disse assim que o zumbido das engrenagens diminuiu e o *tictac* onipresente alcançou um volume tolerável.

– Pelo Criador, os boatos eram verdadeiros! – o cativo exclamou.

– Boatos, você me diz? Eu sou famoso? – o homem riu, servindo mais uma dose de uísque. Esse era um espécime lindo. Tinha mais corpo do que a maioria.

– Sim. O seu nome é sussurrado com escárnio. Você era um servo do Senhor, mortal.

– Sinto muito se desapontei-O. Aliás, estou esperando para ver quando o próprio vai me dar a honra de aparecer aqui – gargalhou, ostensivamente exagerado.

Em seguida, o homem foi até a porta do recinto. A camisa aberta deixava a barriga à mostra, enquanto o seu andar trôpego já denunciava o abuso do álcool. Ele abriu a porta. Havia alguém à espera. A pessoa passou-lhe um maço de notas de mil-réis, que o homem guardou no bolso.

– Você tem 20 minutos – disse – divirta-se.

– O que... – a criatura aprisionada gaguejou –, o que significa isso? Você não sabe quem eu sou, mortal? Sou Miguel, um príncipe celestial! Eu comando hostes da infantaria angelical! Minha espada ceifou...

– Não me importa quem você é, Miguel. Aqui, vocês todos são iguais – o homem retrucou.

– Você não tem o direito – o anjo rosnou –, seu mortal imundo...

O recém-chegado se aproximou e já foi tirando as calças, enquanto o arcanjo pôde ver, pela porta entreaberta, que lá fora havia uma fila de *mortais* esperando. Todos iam ter a sua vez.

A única pessoa que deu ouvidos a Otávio foi o repórter de um tabloide. O cientista contentou-se em apelar para aquela audiência – não exatamente o seu público-alvo original – e descreveu a tragédia.

Otávio havia decifrado o código. Descobriu quais engrenagens sincronizar, testou a velocidade precisa para ajustá-las, desmantelou uma partezinha ínfima da Criação e conseguiu montá-la de volta, acrescentando um diferencial importante: os botões de controle. Criou uma máquina capaz de maravilhas.

Mas a máquina havia sido roubada. Na fazenda dos seus pais, em Vassouras, um traíçoeiro vigário havia se valido de sua autoridade religiosa para tomar o protótipo emprestado – deveria testar sua autenticidade, reunir-se com seus superiores espirituais para decidir se aquele invento não era uma farsa. O homem roubou a máquina e ela havia desaparecido.

Otávio precisava que as autoridades levassem seu apelo a sério. Ele registrou o roubo do protótipo, mas nada foi feito. Ou o crime era solucionado ou alguém deveria emprestar-lhe os recursos para construir um segundo protótipo. Só Deus

sabe que tipo de arruaça um homem mal intencionado, como o tal vigário, poderia estar fazendo com sua máquina maravilhosa.

O jornalista não achou a história muito boa. Aquilo ali não ia vender. Pediu-lhe que voltasse quando o caso tivesse um pouco mais de sexo. Sexo que vende.

Desta vez o anjo, tão logo surgiu, começou a chorar. O vigário achou aquilo muito estranho. Geralmente havia estágios, como fases, na reação emocional deles. Ira, descrença, negação... O choro sempre vinha por último.

Este já chegara chorando.

– Não, não...

– O que aconteceu – ele perguntou, debochado. – Estava no meio da missa?

– Seu desprezível! – o anjo esbravejou. – DE NOVO! É A TERCEIRA VEZ! A terceira vez que sou invocado para essa humilhação! Infinitos anjos no Paraíso e eu passo por essa vergonha novamente!

– Ei – o vigário respondeu, o tom de voz era quase como se oferecesse desculpas – eu não controlo a geringonça. Não me culpe. Vai ver é de propósito, vai ver você... gosta?

– Mortal sujo, houve o tempo em que pessoas eram transformadas em estátuas de sal por ofensas muito menores!

– E ainda assim, estou aqui, não? Não parece alguma brincadeira perversa em curso? Seu Criador talvez tenha simplesmente desistido?

– Não vou debater teologia com um mortal ignóbil. Os assuntos do Criador não nos dizem respeito. Agora ande logo com isso.

– Ah – o padre disse, indo até a porta onde o primeiro cliente esperava ansioso – eu sabia que você *gostava*.

Foi por acaso que Otávio esbarrou na pista seguinte. Estava sendo expulso de mais uma audiência mal sucedida. Decidira proceder da maneira mais óbvia: reclamar e insistir. Prestara queixa na delegacia local quando o vigário desaparecera com seu protótipo, mas ainda não viera a uma delegacia da capital, reafirmar o quanto fora lesado – até aí confiara que os seus contatos no governo o levariam a sério, eventualmente.

Contudo, o delegado – pasme! – o enxotou sem sequer ouvir toda a história. Em nada ajudou Otávio ter irrompido na sala do oficial espalhando seus esquemas e rascunhos – como se aqueles amontoados de equações e ângulos mal rabiscados significassem algo além de escrituras indecifráveis para as pessoas que vivem vidas pacatas sem almejar a descoberta dos segredos da vida, do universo e de tudo mais.

Na comoção decorrente de sua remoção forçada – algo que estava se tornando um hábito – seus preciosos rascunhos e plantas foram espalhados pela escada da

delegacia. Uma meretriz, que provavelmente passara a noite detida por uma ou outra indiscrição do ofício, foi quem se apiedou do pobre cientista e, enquanto resmungava algo sobre violência policial, deu de cara com o rascunho do protótipo.

– Ei, eu acho que já vi esse troço – a moça exclamou. – Foi isso que você perdeu?

De queixo caído, Otávio arrumou a papelada de qualquer jeito dentro da pasta, enfiou o resto dos projetos no canudo e tomou o helicóptero subterrâneo seguinte para a Zona do Mangue. Otávio não imaginou, quando veio à corte, que acabaria conhecendo a Vila Mimoza, famosa zona de meretrício da capital. Aparentemente, o pequeno pedaço da Criação que desmontara havia encontrado um santuário em uma vizinhança bastante inesperada.

Ainda era cedo e o cientista não se impressionou com a aclamada zona de prostituição. Ele não era um *connoisseur* do assunto (com exceção de uma ou outra breve aventura, que comprometera seus estudos enquanto morara em Paris), mas em seus devaneios mais imaginativos, havia pintado um quadro bem mais sórdido do que aquele que encontrou. Decerto, as moças da zona não tinham obrigação de serem *sórdidas* às 10 da manhã para preencher as expectativas do pudico cientista, mas mesmo assim Otávio sentiu-se meio decepcionado.

As vielas estreitas dos galpões estavam quase vazias, a maioria das casas ainda fechada. Alguns bares abertos serviam a primeira cerveja do dia aos bebuns solitários. Talvez pela falta de movimento, Otávio chamou ainda mais atenção. As poucas moças que preguiçosamente perambulavam por lá o provocavam sem muita insistência. Otávio pediu um café no bar, desenrolou o desenho do seu protótipo e começou a panfletagem como se tratasse de uma criança desaparecida.

A princípio, encontrou certa resistência. Até que, pressionada, uma moça morena que recém acordara para comprar pão respondeu-lhe:

– Querido, nós mandamos *isso aí* embora faz tempo.

– Como assim?

– A gente tem regras aqui, sabia? Só meninas. Se for isso aí que você curte, que procure em outro lugar!

– *Isso aqui* é uma máquina, um experimento valioso! O fruto de anos de pesquisa! – Otávio protestou, sem entender nada direito.

– A gente sabe muito bem o que essa coisa faz – a moça respondeu, dando-lhe as costas. Irritado e confuso, Otávio estava prestes a desistir.

– Ei, psiu – alguém o chamou. Ele olhou com cuidado. Uma jovem corpulenta, os seios mimosos se esforçando para escapar do decote repressor, chamava-o de uma das ruelas laterais. Ele se aproximou. A moça correu e Otávio a seguiu com bem menos cautela do que a situação sugeria. Não tinha muito a perder, afinal.

– A sua preciosidade ficava aqui – a jovem o levou até um casebre meio

obsuro, longe de qualquer via principal do galpão. Era menor do que a maior parte das demais moradias e parecia ainda mais humilde. Telhas caindo, a porta sequer se fixava na dobradiça. Estava abandonado e a única mobília era uma cama mal ajambrada, sem contar as garrafas de bebida espalhadas. A moça apontou para onde a máquina ficava e continuou a falar, com os olhos brilhando:

– Era linda. Os rapazes faziam fila, chegava a dobrar o corredor.

– Não estou entendendo. Eles faziam fila para ver o vigário?

A moça riu.

– Claro que não, bobo. Para alguém que diz ter construído aquela máquina maravilhosa você parece não ter a mínima ideia do que ela faz.

E a moça levou a mão dentro do sutiã e, com o cuidado de alguém que maneja um tesouro inestimável, retirou uma pena prateada de entre os mimosos seios.

Nem todo o dinheiro do mundo ia ser suficiente para comprar aquela pena, a moça garantiu. Não interessa que a mera existência daquela relíquia pudesse reescrever a ciência como conhecemos. Otávio, pelo menos, teve a sorte de examinar a pena de perto (e, admite com certa vergonha, passou-lhe brevemente pela cabeça a possibilidade de *sair correndo* com a pena rapinada debaixo do braço). Era prateada, mas, dependendo do reflexo da luz, adquiria certa translucidez. Também era flexível, mas Otávio suspeitava que nada seria capaz de danificá-la. Suspeitava, especulava. Sem a pena para conduzir os testes apropriados, não ia dar em nada!

Frustrado, Otávio deixou recado com seu contato no tabloide, informando o que descobrira. O repórter pediu por sexo, não é? Estavam, de alguma maneira, no caminho certo. Com sorte, a sua ida à zona de meretrício não terá sido apenas turismo *assexual*.

Otávio nunca tinha visto um demônio. Quando testou o funcionamento do seu protótipo, sequer pensou em se comunicar com o Inferno – o impulso inicial foi voltar-se ao Paraíso, ver querubins e serafins, vislumbrar a face do próprio Criador, afinal, não é por esse motivo que se estuda a Ciência?

Mas como não reconhecer um demônio quando ele vem rastejando por uma fresta incandescente no chão?

– Aí, Otávio. Se liga – o demônio disse, fazendo uso de um dialeto peculiar. O cientista, alarmado, tratou de buscar a pistola que guardava na gaveta trancada da escrivaninha. Sequer conseguiu achar a chave.

– Fica na boa, rapá. Eu fecho contigo – garantiu a criatura, de maneira enigmática e com um sotaque chiado, provavelmente de quem não está acostumado a exercitar as línguas mortais.

– Eu sou um homem pio – Otávio se defendeu – sabe quanto das patentes dos

meus inventos doe à Igreja ano passado? Não mereço isto!

– Porra, bicho, fica na tua e me deixa falar, tá ligado? – A criatura se levantou. O corpo humanoide era horivelmente deformado, alquebrado. As asas tortas ostentavam algumas poucas penas, nenhuma delas como a que vira com a meretriz. Não eram prateadas e nem tão pouco translúcidas. Pareciam apenas tristemente chamuscadas.

Otávio sentou-se, pregado à cadeira. Encontrou a chave da gaveta no bolso do colete e, enquanto a criatura falava, foi introduzindo-a, sorrateiro, na fechadura.

– O bagulho que tu inventou. Tá dando a maior merda.

– Você quer dizer... o meu protótipo?

– É, porra. Minha chefia mandou eu vir avisar que a chapa tá esquentando pro teu lado.

– A chapa... o que você quer dizer? – Otávio, confuso com o linguajar do ser nefasto, também ainda se digladiava com a fechadura da gaveta.

– Bicho, tu tá ligado no que o Criador falou pro chefe? *Se esses merdinhas continuarem com essa putaria, eu desfaço aquela merda e faço outra.* Isso aí foi o que o teu Criador falou. O bagulho tá noiado. E isso é tudo porque tem traíra usando aquela tua parada pra aprontar pra cima dos anjos lá do cara.

– Perdão. Não entendo o que você quer dizer. Você se refere a anjos?

– Tu é burro pra caralho, ein? Tá na cara que te fizeram com barro, *putaquemepariu*. Tu é surdo? O Criador tá se emputecendo, Ele é o dono do jogo. Das pecinhas, do tabuleiro, da porra toda. Se ele se emputecer, ele acaba com a parada e começa do zero. Tem um botão lá em cima pra isso, sabia? E tudo porque tem filhadaputa pirocando os queridinhos penosos lá de cima. Sacou?

– Ah. *Saquei?*

– Então já é. Tu adianta essa parada pra gente aqui que nós fica te devendo uma lá embaixo. Na boa, é um saco quando Ele resolve começar a porra toda do zero, quem fica com a trabalhadeira toda é a peãozada aqui, tá ligado?

Otávio olhou em volta, procurando o que estaria ligado, afinal. Nada. Estava tudo desligado. O demônio tomou o silêncio do cientista como uma afirmativa. Sorriu, uma careta bem mais simpática do que tinha qualquer direito de ser e se despediu:

– É nós. Fui.

Otávio tinha acabado de tirar a pistola da gaveta quando o demônio “foi” e a fenda no chão se fechou magicamente. Ainda precisaria limpar e carregar a pistola, caso tivesse que se defender. Bom, não custava nada fazer isso agora – periga daquela vil criatura voltar.

Ele não tinha entendido absolutamente nada do que o vilão dissera.

No dia seguinte, Otávio se trancou em casa. Surpreendeu-se quando o jornalista bateu em sua porta. Ele dissera ter feito uma investigação superficial por conta própria e, aparentemente, houve uma reviravolta no caso. Não quis entrar em detalhes, apenas entregou a Otávio um endereço e passou-lhe as seguintes instruções: *apareça depois de anoitecer e vá preparado*.

Era um casarão, no Centro. Otávio levou a pistola, claro. Quando chegou lá, uma longa e estreita escada levava ao segundo andar. Havia uma fila, com homens e mulheres, à espera de sua vez. Quanto mais se aproximava de *sua vez*, mais silencioso o ambiente ficava, com os ruídos da rua lá fora sendo abafados por um único *tictac* opressor. Era a sua máquina.

Não havia pressa. A máquina não iria a lugar nenhum, especialmente tendo que ser carregada por aquela escadaria. Talvez, se Otávio soubesse o que estava acontecendo lá em cima, teria agido mais rápido.

Quando o homem logo à sua frente entrou, Otávio não conseguiu se conter mais. A porta era frágil e as precárias dobradiças se arreventaram assim que ela foi chutada. Pistola na mão, o cientista interrompeu a cena grotesca.

– Não! – o vigário gritou.

Sem palavras, Otávio descarregou a arma nele. O cliente que havia acabado de entrar, genuinamente assustado, saiu em disparada, rolando escadaria abaixo e espantando os demais fregueses.

Otávio demorou alguns instantes para compreender o que estava acontecendo naquele recinto, tão sórdida era a situação. A belíssima criatura, de perfeição assexuada, estava encolhida naquela gaiola, que ele inadvertidamente construía.

– Mortal. Tire-me desta máquina profana – ele ordenou.

O cientista aproximou-se com cautela excessiva. Impossível compreender alguém disposto a macular tal pureza. Era um ser majestoso, cada detalhe de seu semblante esculpido com meticuloso perfeccionismo. Olhá-lo por si só já bastava para tirar-lhe o fôlego.

– Depressa, mortal. Alguém há de pagar por essa desfeita – o anjo insistiu.

Quando alcançou o protótipo, o cientista hesitou alguns instantes. Largou a pistola no chão e pensou: “ora, por que não?” e começou a desabotoar a calça.

Vender e vender Alliah

O céu era branco. A silhueta do sol perdia-se numa dança de sombras enegrecidas que esvaeciam com a mesma fugacidade com que se formavam. Os contornos incompletos dos prédios criavam um código de barras defeituoso que brotava de um mar de fumaça e silêncio. Lilly estava sentada na beirada do terraço, com os pés nus balançando alternados. A camisola branca esvoaçava com os ventos que a açoitavam. Seus olhos avermelhados refletiam o sanguíneo esfarelado que se perdia nas fagulhas e nas cinzas, caindo como neve suja.

– Ainda não sei por que infernos concordei em vir com você! – esbravejou a garota de cabelos castanhos e lábios finos, andando de um lado a outro nervosamente. – Olha! Eles fizeram! Aqueles filhos da puta apertaram a porra do botão e agora tá tudo indo pelos ares e você tá aí, com esse sorriso abobalhado na cara!

– Para de fazer drama. Senta e aprecia o espetáculo. O laboratório é longe daqui, então ainda temos um tempo considerável.

– Você tem noção do que fez? Aquela sua brincadeirinha de pós-adolescente adulterando e misturando os controles do interfone da câmara de testes com a fiação dos computadores fez com que um simples discar de números armasse e detonasse a bomba que tá comendo a porra do país todo! E como se não bastasse, ainda jogou uma cacetada de química experimental na atmosfera e mergulhou o planeta inteiro nessa boca de vulcão!

– A sequência numérica que eu armei era bastante improvável. Tanto que demorou alguns meses pra alguém acertar. Foi falta de sorte. Mas vai dizer que não valeu à pena? – retrucou Lilly de maneira debochada. – Eu não podia deixar passar a oportunidade de trollar alguma coisa naquela sessão de fotos no Complexo de Engenharia Xenotóxica Aplicada. Precisava alegrar um pouco aquele erotismo forçado e esterilizado!

– Meu Deus, você é impossível!

– É claro que eu sou impossível, Barbara, eu sou uma modelo! – respondeu Lilly ao levantar e virar-se. – Impossível é o segundo requisito pra ser capaz de posar para uma boa foto e vender um produto, ou qualquer merda que o valha.

– Você *era* uma modelo. Que eu saiba a grande Lilly Jones afundou a própria carreira depois de explodir a agência e aparecer desmaiada num pardieiro com mais pó do que uma porra de uma mina de sal. E eu ainda dei papo, achando que aqui na Instituição você estaria recuperada, mas não!

– Babi, eu só mudei de emprego. Antes eu vendia minha cara e meus peitos. Um pouco do meu corpo pra algumas capas e um ou outro escândalo pra animar os

ensaios. Depois fingi vender minha cabeça pr'aquele babaca do Rick.

– Ele é seu terapeuta, Lilly! E a maioria das pessoas se sentiria honrada em ter um doutor pesquisando suas vidas pra desenvolver uma tese, por mais perturbadas que essas vidas possam ser. Além do mais, as pessoas daqui queriam o seu bem!

– Claro, claro, confesse seus pecados e livre-se! Ou brinque com o intelecto egocêntrico deles e ganhe alguns choques de graça, tudo por conta do Estado! Talvez se eu chupasse o Rick por debaixo da mesa as coisas andariam mais rápidas. Afinal, quem realmente se importa com uma modelo superdotada e psicopata? Mas não, é tudo um ensaio fotográfico prostituído de tratamento, Babi. Vê? Eu continuo fazendo poses. E eles estão amando como sempre me amaram!

– Que se foda, eu não quero mais saber dessa merda.

Barbara deixou-se cair sentada no chão. Puxou um cigarro do bolso e acendeu-o com um isqueiro de metal do formato de um pequeno dragão chinês. Lilly aproximou-se. Seus braços úmidos ainda ardiam dos cortes recentes. Ela acreditara que havia tanto álcool em seu sangue que poderia cortar as veias, encher uma garrafa e fazer um coquetel molotov. Para espanto e desgraça dos que duvidaram e apenas observaram passivamente a cena, sedentos por arrancar nacos da pele nua dela que se mostrava pelos vãos da camisola, o coquetel funcionou perfeitamente. Mas apenas devido aos resquícios de uma droga injetável que ela havia consumido algumas horas antes. O subproduto químico correndo em suas veias era altamente inflamável. Ela lançou o coquetel à estação das enfermeiras e engolfou metade do andar num cogumelo de fogo e fumaça. Enquanto todos corriam desesperados, alguns em chamas e outros apenas babando frente ao terror com uma expressão lânguida, ela gargalhava histericamente, apontando para os corpos, com o sangue esguichando.

Inexplicavelmente conseguiram salvá-la a tempo. Bem a tempo de drogarem-na com uma cornucópia de fármacos e depois amarrá-la numa maca e aplicar uma sequência anormal de choques. Por pouco Lilly não arrancou a própria língua entre os espasmos. Cicatrizes e sensações fantasma eram tudo que ela tinha agora. Além de uma inigualável e deteriorada beleza.

A cidade agonizava as consequências das primeiras ondas de choque e calor que varreram os arredores. Mesmo enfraquecidas pela distância do epicentro, conseguiram causar um estrago considerável. Os céus tomados pela mescla de química criada e manipulada brilhavam com uma intensidade amedrontadora.

– Sabe, se o mundo não tivesse acabando essa noite, você poderia espalhar por aí que tá comendo uma modelo.

– Seria a única certeza sobre o que tivemos – respondeu Babi enquanto dava uma tragada e deixava os olhos se perderem em frustrações.

Lilly se sentou atrás de Barbara e a abraçou, apoiando a cabeça em seus ombros.

A brancura do céu resplandecia cada vez mais forte, ofuscando o horizonte e mergulhando-as numa infinidade aterradora.

– Acha que dá tempo de eu te narrar um conto de fadas? – indagou Lilly, os cabelos pretos cacheados mesclando-se aos cabelos castanhos e lisos de Barbara, enquanto suas respirações marchavam na mesma frequência.

– Vai, conta.

– Era uma vez... Era uma vez... – murmurou a modelo, como se tentasse resgatar o fio da história nos recônditos de sua mente estilhaçada. – Era uma vez um homenzinho, num mundo não muito distante daqui. Ele vinha caminhando pela estrada que era permitida aos homenzinhos como ele, a passos lentos e cansados. Arrastava seus pés sobre o piso irregular de concreto estufado, um trecho maltratado que não via manutenção há anos. Ao longo da estrada de pedestres, outras faixas de calçadas corriam lado a lado, separadas por cercas ou muretas, ambas devidamente adornadas por espinhos de ferro intimidadores. Postos de vigia erguiam-se a distâncias regulares, com câmeras e um ou outro guarda armado. As pessoas dali podiam andar apenas nas estradas que cabiam em seus bolsos, aquelas que possuíam pedágios acessíveis aos seus salários. Caso alguém tentasse passar de uma estrada para outra, sem autorização, podia pagar desde uma simples (e cara) multa, até sofrer encarceramentos e processos, dependendo do nível estrutural e social da estrada invadida.

– Isso que acontece quando eu dou papo pra maluco! Que doideira é essa? Resolveu enveredar pelo ativismo abstrato antes de morrer? É algum tipo de redenção pessoal?

– É só uma história, só um conto de fadas moderno que eu descobri faz algum tempo. Então... O direito de ir e vir tinha sido cerceado por taxas, desencadeadas pela venda desenfreada de cada metro quadrado de espaço urbano ou rural. O que antes era considerado apenas uma consequência natural da privatização de uma ponte, evoluíra monstruosamente para a apropriação de áreas públicas das mais insignificantes até as mais movimentadas. E eu sei que essa merda não é tão simples assim, mas é como eu ouvi a história, então é como eu a estou passando adiante. É só manter na cabeça que o cenário era uma selvageria industrial com todo aquele conservadorismo misógino, elitista e, hum, adoro essa palavra, *cor-po-ra-to-cra-ta* – ela falou pausadamente. – Bem, o homenzinho andava cabisbaixo, um tanto quanto envergonhado daquela posição social limítrofe, desviando dos buracos no percurso e tentando não encarar aqueles que o acompanhavam, quando uma dupla de rostos ocultados por capuzes se aproximou sorrateira. Puseram-se um de cada lado. Igualaram a frequência de seus passos. Ele sentia suas respirações controladas, escondidas por uma fina névoa de inquietação. Um deles esbarrou em seu ombro direito, ergueu a mão que estava escondida dentro do casaco e fez com que ele

percebesse que carregava uma arma. Nosso protagonista não pensou duas vezes antes de entregar aos assaltantes o pouco dinheiro que carregava, além de um celular velho. Eles estavam perto de um dos postos de vigia da estrada, e o homenzinho engoliu seco um grito inconformado ao perceber que o guarda ali presenciara toda a cena e nada fizera, já que não recebia pra isso.

– Bem, isso, pelo menos, não é tão conto de fadas assim – resmungou Barbara. – Esses babacas passam por você e tão pouco se *fudendo*. Pode ter um cano de fuzil enfiado na sua orelha que eles ignoram e fingem rondar o outro lado da rua.

– Mãos não são lavadas sozinhas, não é mesmo? Bem, os dois se afastaram do homenzinho a passos largos, provavelmente mirando outra vítima. Ele parou por alguns instantes, tentando recobrar o ânimo e conter a raiva, quando um policial passou. Ele o parou com um lampejo de esperança e explicou a situação. Coitado do homenzinho que achou que aquele estranho era um dos raríssimos policiais públicos. Não, aquele era um policial de uma empresa de segurança, e negou a ajuda que lhe fora pedida porque nosso protagonista não possuía a caríssima insígnia de proteção. Ele olhou o desgraçado continuar andando tranquilamente, passando pelos dois bandidos sem sequer virar o rosto. Sentiu vontade de pegar as pessoas pelos ombros e sacudi-las. Mas só Deus sabe quantas infrações ele estaria cometendo ao tentar fazer isso. Não duvidava que o comportamento impulsivo já não tivesse sido comprado através de algum gene patenteado.

– Eu vi uma matéria sobre isso outro dia na TV. Acho que era um documentário sobre monopólios no agronegócio ou qualquer coisa assim. Essas merdas que ninguém sequer sabe que existe, apesar de consumir as consequências no mercado todos os dias. Mas a transmissão saiu misteriosamente do ar. Sabotagem, saca? – e fez um olhar semicerrado parcialmente ocultado pela fumaça do cigarro.

Lilly esboçou um sorriso de canto de boca e afastou-se, caminhando lentamente até a beirada. Estava começando a ficar complicado respirar. Seus pulmões inflavam-se com relutância e sua garganta ardia e estalava. Parecia que um filhote de gato arranhava sua mucosa como se rabiscasse teias de aranha.

Gritos masculinos, vigorosos e enfurecidos ecoaram ao longe, transmitidos metalicamente pelos intrincados corredores claustrofóbicos da Instituição, vindo estourar fracamente nas portas do terraço. Os padrões luminosos no horizonte indicavam que não tardaria pra mais uma onda de calor resultante da explosão chegar ao prédio em que estavam. Elas não tinham muito tempo.

– Após passar pelos três pedágios das três estradas diferentes que ele precisava atravessar para chegar em casa, finalmente deixou-se cair no sofá puído da sala – continuou a modelo, com os olhos perdidos nos padrões geométricos dos prédios recortados lá longe, desalinhando o horizonte. – Pelo menos ele adiantara os pagamentos dos pedágios com uma mensalidade, senão teria ficado preso no

percurso por não ter um centavo no bolso. Estava sem fome, então apenas abriu a última cerveja e acendeu o último cigarro. Suas provisões estavam escassas. Eram tempos difíceis para os remanescentes da classe média baixa, aqueles que não estavam na pobreza propriamente dita, esmolando pelas ruas e escavando lixões, nem estavam nas posições de prestígio dos incorporados e seus sócios. Sem poder ligar a TV porque não pagara a conta de luz, apenas deixou-se absorver num sono parcamente inebriado pelo pouco álcool e pela fumaça do tabaco. Adormeceu sem perceber.

Quando acordou, encontrou-se tragado num redemoinho de fogo. Aparentemente o cigarro escorregara de seus dedos e caíra no carpete, começando um incêndio que se alastrara pela casa inteira e começara a lhe chamuscar os pés e as pontas do cabelo. Aturdido e desorientado, tropeçou seu caminho até o lado de fora, escapando de um reboco descolando aqui e uma viga caindo ali. Saiu engolfado em tosses e lambido de cinzas. Estava preto da cabeça aos pés. Os vizinhos saíam pouco a pouco de seus cômodos, observando passivamente o que se passava, espichando as cabeças pelas janelas. Ele berrava ensandecido por ajuda, mas ninguém se movia. Se cada embasbacado que contemplava as chamas de longe pudesse lhe fornecer um balde d'água, talvez ele pudesse salvar um móvel ou outro. Mas, novamente, o medo de infringir propriedades alheias era tamanho que acabava se apropriando, por tabela, das reações individuais. A água naquela região pertencia a quatro corporações diferentes. Uma detinha um lago, outras duas dividiam um rio, e a restante controlava um lençol freático em vias de se extinguir devido à contaminação por metais pesados. Que gota pertencia a quem, e quanto aqueles homenzinhos pagavam por cada uma delas era algo tão obscuro que nem mesmo o mais exímio calculista conseguiria descascar sem antes travar no meio de um raciocínio devido a um nó nos neurônios.

Então ele caiu de joelhos, com os olhos lacrimosos, enquanto via sua casa virar um amontoado de ruínas.

– Lilly, quanto drama! – interrompeu Barbara. – O que vem depois? Uma tempestade com direito a uma cena no cemitério e esse desgraçado lamentando em cima do túmulo de uma esposa ou namorada?

– Você não consegue ficar quieta por meia hora? – retrucou Lilly. – Assim, só o suficiente pra que eu consiga terminar essa maldita história!

– Querida, você sabe que eu só paro de falar se minha boca estiver ocupada com algo mais interessante.

– Deixe-me terminar o conto e então podemos trepar aqui com essa bela vista para o fim do mundo. Bem, onde eu estava? Ah sim, no incêndio. E eu sei o que você está pensando. Por que o infeliz não chamou os bombeiros? Simples. Porque ele não pagava esse serviço. E um serviço que estava vinculado ora a uma empresa

e ora a outra, afinal, eles precisavam comprar a água de alguém. Nesse mesmo molde, algumas estradas de pedestres, as mais caras, ofereciam pacotes que incluíam uma segurança particular. Monopólios efêmeros explodiam a todo momento. O troca-troca era criminoso e repugnante, assim como esse fechamento planejado que lhe obrigava a consumir tudo de uma única corporação que detinha todas as etapas do processo. Mas nunca ninguém reclamou dessas práticas mesmo. Não começariam agora. Pra que se importar com uma semente que foi preparada para um herbicida fabricado pela mesma empresa se você não faz nem ideia do que seja biotecnologia e o único vestígio de ruralismo que você já viu de perto é o gramado de um campo de futebol? Só nos mexemos quando algo nos atinge diretamente.

Sem lugar para morar e sem muito dinheiro sobrando, o homenzinho viu-se largado aos braços do infortúnio. Em outras épocas ele poderia esconder-se por becos ratiguentos e ruas embaratadas, abrigar-se embaixo de marquises e mendigar sua sobrevivência. Mas hoje em dia não se podia nem mesmo ser um miserável clássico. Pedintes e esfomeados pagam pequenas, mas significativas, taxas de habitação temporária, além de taxas de percentual de incômodo, que lhes permitem cutucar os passantes e lhes implorar alguns centavos. As estradas mais baratas oferecem espaços especiais pra isso, os mendigódromos. Quem tinha situação financeira para evitar essas zonas, pagava os pedágios de contorno. Quanto aos outros, restava-lhes a paciência de ignorar ou dividir seu parco ganho com os pobretões. Ele perdera a conta de quantas vezes ignorara os pedintes, enquanto em outras lhe dera uma ninharia vergonhosa apenas para retirar um peso da consciência. E duas ou três vezes já fizera hora extra apenas para juntar um dinheirinho a mais e ser capaz de pagar os pedágios de contorno. Ele vendava seus olhos para seu próprio espelho. E só quando cogitou com seriedade viver num mendigódromo que se deu conta disso.

E ele realmente mastigou o assunto, sentado sobre os escombros carbonizados do que restara do seu sofá. O contrato no trabalho terminava no próximo mês, e mesmo que economizasse tudo, não daria para comprar uma nova casa, muito menos reerguer a antiga. Ele não tinha dinheiro nem mesmo para pagar a água da chuva que caía em seu rosto e entranhava em suas roupas. O medo da repreensão era tão grande e material que não conseguia nem abrir a boca para os céus, temeroso de que lhe descessem um cassetete na nuca. Nunca se sabia quem eram os fiscais das corporações, camuflados para vigiar atos alheios e proteger o patrimônio de seus chefes.

Ele se lembrou de um dia em que estava conversando com um colega de trabalho sobre banalidades da vida, enquanto comiam um *fast food* numa lanchonete. Ironicamente, discutiam questões ambientais antigas, cotas de rastros de carbono e

como o mercado abraçara a moda ecológica com tanto entusiasmo, enquanto mastigavam um sanduíche com carne prensada que em sua produção gastou milhares de litros de água, derrubou áreas florestais que nunca seriam replantadas e liberou uma quantidade preocupante de gases do efeito estufa.

– Sabe, essas babaquices de economizar um pouco aqui, conscientizar um pouco ali, essas merdas não funcionariam nunca justamente por causa dessa indústria. Mas as pessoas gostavam desse placebo *eco-friendly*. Eu dirigia meu carro cuspidendo mais fumaça que uma locomotiva, gastava quilos de sacolas plásticas, desperdiçava água a rodo, comia carne que nem uma hiena e gastava eletricidade como se a filha da puta brotasse do vento. E olha aonde viemos parar! Bem na boca do inferno! E nada disso é minha culpa!

– Mais ou menos, Babi. Isso não é uma questão de inteligência ou esperteza. É uma questão de luxos e vaidades. Continuando...

Ao saírem, os amigos depararam-se com um canteiro que adornava a entrada do local, repleto de lindas flores de pétalas rosadas. Seu colega abaixou-se para pegar uma delas, comentando que ia dá-la à namorada. Assim que ele puxou o cabo da terra fofa, o homenzinho sentiu uma sombra crescer para cima deles e tudo que conseguiu enxergar foram vultos agigantados de três homens musculosos descendo a porrada no outro com a coroa de suas armas. Eles o largaram no chão, ensanguentado e murmurando perguntas numa voz falhada e confusa. Ele o ajudou a se levantar, e viram a flor que ele havia arrancado sendo replantada no canteiro por um dos brutamontes. Então ficaram avisados de que aquela planta era propriedade da Seeds&Roots Farmaceuticais, uma corporação que patenteara um princípio ativo aparentemente encontrado apenas naquela espécie de flor. Desde então o homenzinho nunca mais ousou interagir com o mundo ao seu redor, a não ser que soubesse ter pagado por uma permissão.

De volta à situação do incêndio... Ele estava desesperado, amargurado por ter alcançado um beco sem saída que não possuía nem mesmo um retorno. Sem conseguir mais viver naquela condição detestável, fedendo a queijo ardido pelos banhos negligenciados, magro como uma caveira pela comida negada e quase enlouquecido pelo cerceamento violentamente imposto, decidiu-se que terminaria com sua própria vida. Eles podiam deter a posse sobre todos os terrenos e recursos que constituíam esse planeta, mas o seu livre-arbítrio não estava à venda. Doce ilusão que veio abaixo em dois atos.

– Ah sim, estava demorando pra aparecer o suicídio...

O primeiro ato constituiu-se numa sequência sufocante de fracassos. Vasculhou os escombros atrás de uma faca, mas achou apenas uma faca pequena, sem ponta, sem fio, e sem lâmina serrilhada. Tentou enfiar aquele pedaço de metal no seu pescoço, mas a faca entortou e virou um caracol. Encolerizado, correu atrás das

encanações, pensando em ativar a válvula do gás. Mas a busca foi em vão, pois se lembrou que a conta de gás não estava paga. Assim como a da eletricidade, o que eliminou qualquer tentativa com fios expostos. Então pensou em se dopar com toda sorte de remédios e morrer feliz agonizando uma overdose, mas tudo que encontrou no que um dia fora o armário do banheiro era um frasco de suplementos vitamínicos, uma amostra grátis que recebera pelo correio. Internamente ele se maldizia e amaldiçoava todas as companhias farmacêuticas que haviam patenteado moléculas e encarecido absurdamente o preço dos remédios. Desejou que não demorasse a hora de começarem a patentear também elementos e privatizar áreas da atmosfera. Nessa hora ele seria um contente devedor da mensalidade de oxigênio. Mas o máximo que uma dessas sanguessugas corporativas havia conseguido era tomar posse de um trecho do ar em que a umidade era extremamente elevada. Umidade essa constituída por gotículas de uma água privatizada. E isso era um detalhe perturbador que o impedia de se jogar do alto de certos prédios porque seu corpo estaria violando território privado. Ele não duvidava que sua queda seria impedida apenas para terem a oportunidade de lhe processar.

O segundo ato foi um esclarecimento que lhe iluminou a mente após uma sequência de choros e lamentações, enquanto agonizava acovardado pela possibilidade de simplesmente dar com a cabeça num pedaço de rocha qualquer até esfacular o crânio. Seu livre-arbítrio era apenas uma fachada, uma embalagem colorida de plástico barato. E não estou falando sobre reações bioquímicas e remanescentes genéticos, essa biologia maldita que nos ensina que tudo o que fazemos pode ser explicado a nível molecular e evolucionista. Ele estava falando da apropriação de nossas mentes, muito antes da apropriação completa de nossos espaços. Uma corporação não é apenas um produto ou serviço, ou mesmo uma marca. É todo um conjunto de sensações e estilos de vida, que são constantemente enfiados por nossa garganta desde os primórdios de nossa existência, quando nosso cérebro infantil é uma esponja sem filtros.

– E então ele caiu de joelhos e pediu perdão ao nada, numa tentativa de expulsar o desespero agarrado no peito? – indagou Babi com uma expressão severa, enquanto apagava o cigarro na sola do sapato.

– Sim – respondeu Lilly enquanto se ajoelhava, preparando-se para encenar de maneira exageradamente dramática e com uma voz forçosamente falsa. – Perdoem meu conformismo, minhas palavras caladas e minhas ações desencorajadas. Perdoem minhas concordâncias oportunistas, meus medos egoístas e minhas desconfianças prostituídas. Agora, parte de meu corpo não pertence a mim, pois genes que eu possuo desde que nasci foram patenteados sob alegações disformes e nebulosas de novas descobertas e usos industriais (in)sustentáveis. Parte de minhas ações é controlada por uma miríade de corporações que detém o monopólio sobre algumas

de minhas sinapses. Sinto-me na obrigação de desculpar-me por ter permitido tamanha violação e tamanha agressividade, pois foi a minha omissão que, unida à omissão de outros tantos milhões, permitiu que essa brutalidade prosseguisse e se encorpasse para transmutar-se na quimera que é hoje.

– Okay, Lilly, isso tá patético, levanta daí e continua só narrando a história mesmo.

A modelo ergueu-se rindo.

– Eu finalizaria esse discurso com um “Obrigado e vão se foder!”.

– O que o homenzinho fez? Revoltou-se? Juntou-se a outros na mesma situação e criou uma insurreição? Escreveu um livro clandestino que mudou a história? Pichou um símbolo anarquista na cara de um CEO?

– Não – respondeu a modelo aproximando-se da namorada e sentando-se a seu lado, abraçando-lhe o ombro. – Ele tentou arrumar um emprego qualquer na fábrica de automóveis, aquela que tava poluindo o lençol freático com metais pesados, provavelmente oriundos de pastilhas de freio, baterias, tintas e pneus. Com sorte, talvez ele conseguisse dormir por lá mesmo, em meio ao maquinário, ou encolhido do lado de fora, pelos lados do depósito de equipamentos. Ele ouvira a lenda de um cara que conseguia sobreviver apenas lambendo o ferro das chaves de fenda e bebendo da água contaminada. Uma xícara toda manhã, uma sopa de metais, com direito a espuma e tudo. Parecia absurdo, mas se ele já bebia desse coquetel de zinco, cobre, cádmio e chumbo quando ele era mal diluído no sistema de tratamento de água da cidade, por que não beber direto da fonte dessa vez?

– Termina assim? Essa é uma merda de história, sabia?

– Claro, é um conto de fadas.

– Não era pra terminar com um “felizes para sempre”?

– Nenhum conto de fadas termina com um “felizes para sempre”.

– É justamente isso que costuma caracterizar um conto de fadas!

– Não pra mim. Mas você pode interpretar o conto à sua maneira. Pense que o homenzinho continuou vivo e trabalhando. Era isso que ele fazia antes. E que seus ancestrais faziam antes dele. E que os ancestrais de seus ancestrais faziam, assim até o começo dos tempos. E assim seria eternamente. Essa continuidade mantinha a rotina, a imobilidade, a calma, a previsibilidade, o reconhecimento de padrões. A eternidade. Se é feliz ou não, vai depender do seu ponto de vista, não é mesmo? Agora vamos, os gritos estão ficando mais fortes. Daqui a pouco irromperão por essa porta, atrás de mim.

– Vamos pra onde? Estamos presas nesse terraço! Lá fora só há tédio e pó!

– Eu sou uma modelo, Babi, o que acha que farei desse cenário? Ele é meu palco, meu objeto, meu servo! Até mesmo as explosões calculam suas intensidades e expansões, destinadas a lançarem suas luzes nas direções corretas. Acho que ainda

tenho um pouco da droga no sangue. Deve ser o suficiente para mais um molotov!

E cortou os pulsos mais uma vez, com um caco de vidro que colheu do chão. O corte lacerava por cima dos curativos e o líquido vermelho jorrou indo desaguar numa garrafa de cerveja, misturando-se aos resquícios da bebida. Assim que o sangue atingiu o gargalo, um estrondo denunciou a porta sendo estilhaçada e derrubada por pés e mãos grossos e monstruosos. Homens sem rosto, desfigurados pelas ondas de calor remanescentes da explosão, e munidos de choques elétricos que pipocavam de seus dedos avançaram como uma manada de mamutes ensandecidos e magnetizados. Deformados e enlouquecidos para botar as mãos na responsável pela desgraça.

Lilly rasgou um pedaço da camisola, enfiou no gargalo, acendeu com um isqueiro e atirou-lhes a garrafa, tragando-os numa rosa de fogo. Ao longe, um paredão de fumaça e calor aproximava-se como se cuspidor de um vulcão, pulverizando tudo em seu caminho. A modelo puxou Barbara pela cintura com uma mão e com a outra lhe afagou os cabelos na nuca, colando seus corpos e deixando seus lábios próximos por centímetros. Assim que a luz intensa atingiu-lhes numa mescla de explosões e labaredas, seus corpos banharam-se num branco amarelado, e seus contornos pretos delinearam um beijo apaixonado. O último, antes que o paredão vaporizasse suas existências e memórias, eternizadas numa última cena fotografada pelas chamas e revelada pelas ruínas.

O Último dia de Bad Block **Renan Barcellos**

Alguns diriam que ele nunca foi tão bom quanto os rumores que circulavam na rede, outros que havia conseguido alguns dados realmente importantes – lendas naquele meio – e resolvido sumir do mapa. No entanto, a maioria concordava que, de uma forma ou de outra, ele havia vacilado. Compreensível. Sempre um deslize, um detalhe idiota que não fora capaz de se lembrar na hora certa, acaba terminando com a carreira de um *cowboy* da rede, um surfista do Stream, um *hacker* –ou qualquer outro termo floreado que estivesse na moda na época.

Contudo, apesar das predições de seus colegas, admiradores e invejosos, Bad Block não havia vacilado. Ao menos, não de todo.

Enquanto Bad Block dançava através do Stream de dados de uma notória gigante irlandesa, um vizinho discutia aos berros com sua mulher. O prédio era pequeno e tinha paredes finas. Uma construção antiga – o tipo de lugar que ainda podia ser encontrado nos subúrbios paulistanos – e isso significava que, para o desgosto dos moradores que tanto apreciavam o sossego de seus próprios barulhos, todos podiam ouvir a violenta discussão. Ou, pelo menos, *quase* todos.

Aquilo não era um problema para Bad Block. Diferente da maioria da população, ruídos externos não lhe causavam o incessante e monótono eco no limiar dos sentidos que, embora baixo e distante, podia quebrar a atenção de quem lidava com coisas delicadas na realidade aumentada. O *feedback*, como alguém erroneamente batizara anos atrás.

“Algo a ver com genética”, disseram-lhe certa vez sobre sua vantagem incomum; uma imunidade que certamente vinha a calhar quando se precisava de agilidade e precisão nos labirínticos canais de uma rede protegida, mas que, naquele dia, causou sua captura.

Enquanto penetrava por *backdoors* e outros acessos que criara com o esmero de uma mãe e escondera em áreas pouco expostas, calculava em um aplicativo separado com o mover de seus dedos qual rota lhe traria mais eficiência, quais caminhos lhe permitiriam causar mais estrago às operações da grande empresa. Bad Block já havia estado ali antes. Passeara por aqueles túneis sobrecarregados de informação e segurança da última vez que a Banshee cruzara a linha, que passara dos limites. Contudo, as mudanças eram tantas que não podia desandar na atenção, a inteligência artificial que a cada ciclo reestruturava as defesas daqueles corredores era de qualidade, quase sem falhas, e seus padrões tinham o mau costume de serem quase imperceptíveis.

Mas, na verdade, o maior perigo que corria não era a infame retroalimentação que poderia “acidentalmente” fritar seu cérebro, Bad Block conhecia aquelas defesas

como a porra de seu próprio *firewall*, bastava manter centrada sua atenção e iria sair dali sem ativar nenhum alarme ou levantar quaisquer suspeitas. Não. O que realmente ameaçava sua vida eram as chamas que irrompiam do andar superior.

Por mais que suas habilidades em invasões e roubos beirassem a arte, o famigerado *hacker* não podia prever padrões que estivessem fora da rede e, para completar o seu infortúnio, os afamados *softwares* de imersão total, somados com sua imunidade ao *feedback* excluía completamente sensações “do outro lado”. Então, quando a cozinha dos vizinhos de cima explodiu, fazendo tremer a construção, destruindo paredes e libertando chamas vorazes – que, famintas, lambiam tudo o que encontravam – Bad Block nada percebeu. Sua mente estava em outra realidade, um mundo com regras diferentes, de luzes, padrões e velocidades. E, a despeito do quão bem estava se saindo na rede, o fogo já se espalhava por seu próprio apartamento. Se tivesse um companheiro, alguém com quem revezar nos ataques e desplugar por fora caso fosse necessário, não teria passado por aquilo. O caso é que Bad Block dispensava ajuda. “Companhia atrapalha e abre a boca quando não deve”, dissera certa vez. Agora estava só e as chamas continuavam a avançar.

Como se dizia na Grande São Paulo, Bad Block estava fodido.

Apesar do perigo, como poucos vieram a saber, aquele não era o dia de sua morte. Talvez exista algum deus e ele tenha decidido que um *cowboy* como aquele não deveria morrer por algo em que não houvesse se conectado. Ou então talvez, muito mais provável, Bad Block fosse apenas um filho da puta muito sortudo que escapou de ser queimado vivo por outro acidente.

De uma forma ou de outra, a lenda da rede não morreu naquele incêndio. Pois Jeremias, um policial que fazia as vezes de bombeiro, percebeu a porta do apartamento fechada e imaginou se não haveria alguém ali que ainda não tivesse escapado. Calor e fumaça atingiram sua face quando conseguiu arrombar a porta, arrancando seu fôlego, mas não deixou as adversidades o demoverem de seu intento – pensou ter visto uma silhueta na sala daquele apartamento pobremente mobiliado e seguiu os seus instintos.

Atravessou a cortina cinza que se formava, pulou destroços, objetos em chamas e chegou até seu objetivo. Minutos mais tarde, quando chegou à rua onde uma multidão esperava, Jeremias foi aclamado como um herói. Corajosamente ignorara ordens de seu superior e salvara uma vida que seria perdida em meio àquele acidente estúpido, caso não houvesse intervenção. Histórias exageradas sobre como descera seis lances de escada em meio a um incêndio e carregando uma pessoa em alta conexão, junto com todo o equipamento, chegariam aos ouvidos de seus netos; por anos ainda comentariam sobre seu feito na delegacia.

A verdade é que o policial estava no pico de uma nova droga que rondava pelas ruas de São Paulo, algo que injetava adrenalina, alucinações e uma grande dose de

coragem, que o fez disparar em direção ao prédio que se consumia em chamas sem pensar muito nas consequências. Percebendo a atenção que começava a receber, logo se esquivou, alegando que era chamado em outro lugar, temeroso de que sua condição fosse descoberta. Não estava presente, portanto, quando o resto da força policial chegou até o lugar, afastando com violência os espectadores que se amontoavam, nem quando os médicos e peritos começaram seu trabalho de desconexão, descobrindo no processo a identidade do paciente.

Quando Bad Block sentiu *aquela* tranco, assinatura característica de uma desconexão forçada, tudo o que viu foi uma mistura psicodélica de neon azul, amarelo, vermelho e verde. Nunca imaginou que as cores vibrantes das placas e letreiros que anunciavam produtos e boates pudessem ficar tão sinistras quando refletidas nos canos de uma profusão de pistolas.

E foi assim que um dos maiores criminosos do mundo moderno encontrou sua ida para trás das grades, capturado não porque vacilou em rede, mas porque um vizinho cometera violência doméstica e, por uma estupidez, acabara se explodindo. Merda acontece para todo mundo.

Por alguns anos ninguém nunca mais ouviria falar de Bad Block. A história oficial era que havia queimado até o osso durante aquele incêndio, fomentando um mar de teorias e conspirações acerca do incidente.

Mas o que aconteceu de verdade não entrou nos registros e ficou no conhecimento de pouca gente. Sua identidade nunca foi revelada ao mundo. Para as grandes massas, morrera com o nick.

...

– Caralho! Bad Block é a porra de uma garota. Uma menina! Quantos anos essa magrela filha da puta tem? Dezesseis?

– Vinte e cinco, senhor. É o que diz a análise sanguínea.

Uma caneca antiga caiu no chão e se quebrou.

– Foda-se, Luciano. Foda-se! Dezesseis, vinte cinco, cinquenta, não importa, caralho! A minha delegacia captura o maior filho da puta que se tem por aí e o que o desgraçado é? Uma menina que nem mesmo tem peitos! Que inferno eu devo fazer com essa informação? Se eu liberar isso pra mídia ninguém vai dar atenção. Isso aqui vai continuar na mesma merda de sempre. – O delegado colocou uma mão na cabeça e suspirou, furioso.

O assistente não parecia muito feliz de estar ali. Sempre pensara que trabalhar na polícia seria algo justo. Que poderia fazer alguma diferença. Amaldiçoava a si mesmo todos os dias por sua credulidade na ficção. Não havia assinado para aquela merda, mas agora teria que aguentar. Ou estaria tão fodido quanto a *hacker* que haviam prendido horas atrás.

– Bad Block é uma figura muito cultuada na rede, senhor, cheia de lendas e histórias. Com certeza a equipe de analistas de rede sociais pode fazer uso disso e trazer algum retorno para a Divisão.

Se olhos atirassem, Luciano estaria morto. Pois o olhar que recebeu poderia fuzilá-lo. Ramirez se aproximou, o corpo tenso, cada músculo transparecendo uma clara vontade de matar.

O policial pensou que seria levantado pelo colarinho ou até mesmo estrangulado. Olhou para o gigante que era seu chefe em um desafio mal disfarçado, mas o delegado não concretizou as ameaças que seu corpo não natural prometia.

– Não. Não, caralho. Não tem nada a se fazer. Peguei o filho da puta mais escorregadio do mundo e não posso fazer inferno nenhum com isso!

O delegado Ramirez se virou de supetão e se afastou. Os cacos de sua caneca favorita, uma peça cara e antiga, estalaram sob suas botas reforçadas.

– Não se faça de imbecil. Você sabe como essa merda funciona. Se a aparência deles não for o que se espera, ninguém dá um caralho. Se não forem como os fóruns e comunidades e canais famosos ficam falando por aí ou pelo menos como os últimos filmes da semana dizem que um *hacker* deve ser, ninguém dá a mínima, vão ficar decepcionados, se sentir enganados e prestar atenção em alguma outra desgraça. *News* inútil e sem atrativo, sem retorno, sem gente falando um monte de desgraças por aí e criando *buzz* e barulho em tudo quanto é buraco sem motivo algum.

Ele pareceu esquecer Luciano e proferiu, como que para si, ainda exaltado, mas esquecendo de colocar a culpa dos males do mundo no subordinado:

– Não precisava ser nenhum galã com cara de malandro e *cyberware* da última moda. Até um gordo fedido, suado e virgem bastaria para os *feeds* atraírem toda a maldita atenção que preciso. Mas uma garota? Uma porra de uma garota raquítica e com equipamento de dez anos atrás? Minha filha de onze anos parece mais mulher que essa tábuia branquela! Teríamos que armar algo grande. Grande e mentiroso, para que os navegadores acreditassem na gente.

Um monitor exibiu uma nova ligação e Luciano agradeceu ao acontecido, isentava-o de uma resposta imediata. Atendeu a chamada de vídeo 3D agradecendo a qualquer deus por sua intervenção, mas logo em seguida lembrou-se de que era ateu. A notícia que lhe foi dada não era algo que alguém gostaria de passar ao delegado.

– Senhor, Taggart está subindo – Luciano disse, sem emoção, e torceu para que o outro não culpasse o mensageiro.

– Taggart? *Aquele* Taggart?!

– Sim, Taggart... O Americano. – No fundo, bem no fundo, existia um prazer sádico em anunciar o visitante.

O delegado se virou para a grande tela – uma peça antiga – que exibia a sala onde a prisioneira se encontrava e lançou um olhar irritado, os dentes à mostra em um rosnar. Luciano abriu a boca para uma nova resposta, mas um movimento brusco de seu superior interrompeu sua fala. A caneta chocou-se contra a tela, como era de se esperar, esta se deformou e logo voltou ao seu estado original. O projétil se perdeu em meio às bancadas e nunca mais foi encontrado.

– Aquele filho da puta não vai roubar meu prisioneiro. Não importa que desgraça ele queira, não importa que ameaça ele use, qualquer merda que ele fizer não vai tirar Bad Block DAQUELA-MALDITA-CELA!

O delegado apoiou as duas mãos numa mesa e olhou para baixo. Ficou alguns instantes naquela posição, como se, de alguma forma, reunisse forças para o que viria a seguir.

– Bad Block não sai daqui! – disse entre dentes.

...

Os passos de Taggart ecoavam pela sala mal iluminada como se sua presença fosse tudo o que compunha aquele ambiente. Seu andar era austero, caminhava como um rei, tudo em seus modos evocava uma aura de ordem, na qual planos, cálculos e estratégias predominavam sobre a emoção. Até mesmo a forma como movia as mãos para navegar através da realidade mista trazida pelas suas lentes e ler seu mais novo e-mail parecia combinar com a compleição de seu porte régio; de alguma forma, seus passos faziam os sapatos estalarem, como se o chão não fosse feito de azulejos, mas de pequenas pedras de cascalho.

Aquele era o andar de um homem de outra época, de um ser de outros tempos, o modo de se portar de um indivíduo que estava além do mundano, fora da vida corriqueira que a todos captura. Uma pessoa que carregava o ar com uma estática indecifrável e trazia o odor da terra molhada, tendo o bater de asas do corvo como melodia. Um arauto da tempestade, uma presença que evocava aos grandes jogos traiçoeiros que regem o mundo moderno das mega-corporações. Alguém com poder, alguém com influência.

O velho de olhos inclementes andou até o centro da sala como se, no fim das contas, não tivesse interesse algum na prisioneira que ocupava o outro lado da pequena mesa quadrada. Nunca passaria pela mente de um observador casual, como era o guarda que esperava na porta do outro lado da sala, que minutos atrás o americano havia chantageado, manipulado, subornado e mentido, apenas para ter aquela conferência com Bad Block. Uma conversa verdadeiramente privada, onde nada era registrado por terceiros e até mesmo o acesso à onipresente rede sem fio era impossibilitado pela estrutura e material do lugar. Mas um homem como Taggart tinha seus meios e suas lentes digitais mantinham-se conectadas, captando e

analisando cada pequeno bit de informação.

Um movimento circular com a mão direita escondeu o GPS que lhe mostrava um mapa 3D da delegacia, não precisava de ajuda para saber onde se sentar. Além disso, em conversas como aquela, precisava de toda sua atenção. As únicas telas que a realidade aumentada lhe exibiam eram a visão da micro-câmera que lhe mostrava a porta pela qual entrara e o *software* que agora se dedicava a analisar mesmo as menores expressões e até mesmo a fisiologia da *hacker*.

Ele puxou a cadeira e se sentou. Seus movimentos pareciam calculados, rápidos olhares voltavam-se para as direções certas, demonstrando precaução e sabedoria. Quando falou, sua voz era como um trovão, alta e clara, mas com a elegância de uma nobreza há muito perdida. E ele nascera com ela.

– É um prazer conhecê-la, Laissa Jagnow. Já faz algum tempo que gostaria de ter esta conversa.

Qualquer um estaria nervoso diante de tal situação, perdido em paranoicos devaneios ou sonhos de grandeza, imaginando o que, afinal de contas, queria aquele homem que exalava uma aura de importância, que com todos os seus gestos e maneirismos mais parecia uma caricatura tirada de outro mundo, da distante e isolada realidade das grandes arcologias empresariais, com seus mistérios e suas alturas impenetráveis. Lugar onde os grandes jogadores do mundo moderno viviam, tramavam e traíam.

Mas não Laissa.

Imóvel e pálida como um cadáver exangue, sequer parecia ter notado a presença do senhor de roupas caras e *cyberware* velado muito melhor do que os disponíveis para o público. Olhava para um horizonte inexistente que jazia além da orelha esquerda do visitante, os *dreadlocks* quase escondendo seus mortíços olhos verdes. Nem mesmo a menção de seu nome, há muito apagado de qualquer registro reconhecível no Stream, o fluxo de dados que compunha a onipresente rede *wireless*, pareceu chamar sua atenção.

– O que está achando de suas novas acomodações? Pergunto-me se ficar desconectada por tanto tempo não tem sido um problema. Prisões não têm muito para se ver. Paredes, grades, celas... E pessoas. Pessoas desconhecidas. O tempo todo.

Não havia sinal de sarcasmo agora, os lábios do homem eram como duas retas. Secas e imóveis. O semblante era pesado, curvado sob o jugo de uma régia seriedade. Seu tom foi quase de um sermão, talvez algo próximo de uma ameaça. Um olhar cáustico e inquisidor completava aquele rosto, uma face que parecia produzida e lapidada apenas para quebrar a resistência dos homens e trazer todo o desconforto de um interrogatório.

A prisioneira, contudo, manteve-se imóvel, uma expressão de desinteresse quase

felina estacionara em seu rosto. Olhos comuns não seriam capazes de enxergar a efêmera ruga de insatisfação, aparecendo e sumindo naquele rosto autista como um *flash*, quase inexistente. Mas os olhos de Taggart já não eram os mesmos que a natureza lhe fornecera e nada lhe escapavam.

– Mesmo eu tenho dificuldade em me manter longe da rede. Um homem como eu tem responsabilidades como ninguém mais e muitos lugares têm que estar sob minha atenção. Além disso, a todo instante preciso do retorno de programas e informações, a cada instante preciso de dados, enviar e receber, e a cada instante que eu estou desconectado pessoas perdem dinheiro, pessoas morrem e as pessoas erradas continuam vivendo. Felizmente eu sei como conseguir o que preciso e, mesmo numa sala como essa, ainda estou conectado – disse, tentando, sem sucesso, impressioná-la.

Com a atenção de um tigre a espreitar sua presa, ele observava Laissa, procurando por pistas. Seus olhos biônicos trabalhavam freneticamente na varredura que enviava os sinais para o *software* que analisava todos aqueles dados. As respostas eram claras e apareciam de imediato em sua frente, dentro de caixas digitais que só ele conseguia enxergar. Mas não precisava delas naquele momento. Ainda que a tecnologia fosse imprescindível para qualquer um e qualquer deslize significasse a diferença entre a vida e a morte de muitos quase-inocentes alheios ao significado do ramo solitário daquele homem, não era o melhor de todos só pelo *cyberware* experimental e aos inúmeros servidores dedicados a uma maior quantidade de processamento.

Ele precisava ter tino, entender e possuir o bom senso daqueles que não possuíam o luxo de deixar toda a sua avaliação sensorial a cargo de um programa de realidade aumentada. Porque, muito embora as análises piscassem em vermelho sangue, havia uma grande probabilidade da garota possuir níveis alarmantes de sociopatia e autismo, além de outros complexos e excentricidades difíceis de controlar. E, muito embora 95% dos programas de análise excluíssem qualquer possibilidade de Laissa ser bem sucedida em um delicado trabalho em equipe, Taggart sabia que ela era exatamente quem estava procurando.

Os trejeitos excêntricos diziam isso e seus transtornos reforçavam o fato. Entretanto, era a absoluta falta de interesse que mostrava ao homem que ali estava o tipo de pessoa que procurava. Diferente do que o delegado imaginava, os melhores hackers não *eram* os falastrões que seguiam o barulho midiático e vendiam seus talentos para quem pudesse pagar mais. Taggart tinha ciência disso e de muitas outras coisas. Contudo, não chegara aonde estava sem exercer uma cautela paranoica, pelo contrário, isso mais de uma vez salvara sua vida. Ele avaliava quem, de fato, era Laissa, re-checava o que havia descoberto e procurava por padrões.

– Os outros *cowboys* que conheci e, acredite, foram muitos, costumavam falar

bastante. Na verdade, não paravam de falar. Sempre comentavam sobre essa ou aquela invasão, sobre quem conheciam, para quem trabalharam. – Um movimento rápido com a mão esquerda e um *feed* que não era importante naquele momento saiu de seu campo visual. – Bastava perguntar o *nick* e eles discursavam sobre toda a merda da internet, além de, claro, fornecerem informação suficiente para que fossem rastreados. – Fez uma pequena pausa e, quando falou novamente, foi seco: – Se eu soubesse que ficar numa cela sem *hardware*, sem aparelhos e sem nenhuma conexão colocaria um pouco de humildade na cabeça bitolada de vocês e os faria calar a boca por alguns instantes, tomaria por prática fazer com que curtissem o ambiente da cadeia por alguns dias. Ou esqueceu como se fala, talvez de tanto usar um *nick* não se lembra que seu nome é Laissa Jagnow.

Como calculado por ele, não houve resposta falada. A única reação foi um mínimo riso de desdém, nasalado e duvidoso, mas ainda assim perceptível mesmo para olhos normais, desde que seu dono fosse alguém atento. E Taggart era.

Mesmo com aquela visível reação, a meia-luz daquela sala conferia algo sobrenatural à *hacker*. Sua tez naturalmente pálida refletia ao mundo uma aparência doentia, certamente ajudada pelo vermelho de seus cabelos que desciam pelo rosto, pescoço e costas, escorrendo como gotas de sangue quente. Os olhos semicerrados lançavam dúvidas sobre se ela estava realmente ali ou se sua mente não estaria perdida, vagando em recantos obscuros e antigos; para muitos mais pareceria com uma sinistra aparição, uma entidade vinda do mundo dos mortos ou, para os mais realistas, no mínimo, uma psicopata. Mas para Taggart ela não era nada disso e ele sabia exatamente o que esperar. Os batimentos cardíacos da criminosa revelavam muito do que sua frente escondia.

– Se bem que nos fóruns e *boards* mais escondidos por aí, em áreas escuras da rede, comenta-se sobre algo que iria espantar muitos usuários comuns, muitos *wannabe*, também. Aliás, quase ninguém fora desse meio iria dar muito crédito. Talvez pessoas mais velhas, mais espertas... Mas hoje em dia já não tem muita gente assim, não é mesmo?

Ele fez uma pausa, como que esperando alguma reação, alguma resposta. Já sabia que ela não viria.

– Posta-se por aí, em lugares secretos, longe do *buzz* e do grande fluxo, algo como reclamações, na verdade... Pilhérias, até mesmo ofensas diretas. Sacaneiam bastante esses *hackers* que estão sempre aparecendo por aí, comentando re-posts de re-posts... – ele girou os olhos e bufou. – Que eles não fazem jus à fama, basta alguém ser sensato para descobrir, esses *kiddies* ou celebridades, como chamam em alguns lugares. Os que realmente são espertos ficam com seu nome escondido e sua identidade guardada o máximo que podem, nessa era onde nada do cidadão comum é escondido dos grandes. Esses são os verdadeiros *cowboys*, os que cobram pelo seu

conhecimento e são dignos do dinheiro que cobram aos seus contratantes.

Um sorriso quase invisível, manifestação física de uma personalidade predominantemente sarcástica, despontou no semblante frio e hostil de Taggart.

– Mas diferente do que mesmo os *peers* mais informados acham, esses não são os fodões do Stream. Tem gente maior, gente que sabe como as coisas realmente funcionam, que são paranoicos. Que ainda lembram como a rede era antes de cada movimento ser monitorado, cada clique ser registrado, quando a internet ainda era livre e que querem fazer algo a respeito disso. E que por isso ficam à margem das coisas, em canais escondidos. São chamados de *ghosts*, porque tudo o que se tem sobre eles são suas aparições: nenhuma identidade, nenhum registro que não seja do momento em que atacam.

Ele se inclinou para frente, como se fosse beijá-la, mas parou no meio do caminho.

A *hacker* não olhava para ele, mas para algum ponto da parede às costas do homem.

– Conhece alguém assim, Bad Block? – perguntou o velho, estalando a língua na última palavra, como uma pilhéria.

Respondendo ao uso do *nick*, a *hacker* devolveu o olhar, encarando o homem com um misto de desafio e indiferença. Não respondeu ao interlocutor. Seus olhos verdes – encimados pelo mar de revoltos dreads vermelhos – mostravam apenas o vazio de uma área sem rede.

– Eu sei quem é você. Sei sua história, como chegou aí, sei quem te guiou e sei o que te motiva. – Fez uma pausa em que se limitou a enfrentá-la com os olhos. – Sei também que não é alheia ao social; às redes, aos boards, às comunidades e às news. Nenhum de vocês é. Você as frequenta como todos dessa época, consome como todos dessa época e, como todo mundo, também foi traída, mas faz questão de se lembrar disso.

Taggart era ríspido. Cruel. Suas palavras eram como acusações, seu tom como uma navalha. Intrigas e manipulações eram seu campo de batalha natural. Para ele, toda conversa era uma guerra. E não fazia prisioneiros.

– Diferente da maioria, o Stream não é uma realidade aumentada para você, um algo a mais que altera, modifica, guia e controla a vida. – Juntou as mãos sobre a mesa e voltou a sentar-se corretamente em sua cadeira. – A rede é a sua realidade. Seu viver, o mundo que lhe importa e que lhe dá valor. Você viveria apenas do *online*, se pudesse. Jogando, viajando, se drogando e discutindo. Porque você é uma insider, uma *add*. Viciada e dependente da imersão total, como a maioria dos filhos da puta que se dizem *hackers* de verdade, imagina um *ghost*. Faz as coisas que faz, ataques, sabotagens e roubos, porque se sente ameaçada, porque aquele é seu mundinho, não é?

Com um movimento automático da mão direita, selecionou um *pop-up* e respondeu a uma mensagem que havia recebido com uma resposta pré-programada.

– E tem sempre alguma das Big Ones, como a Banshee, querendo sacanear fora ou dentro da rede, passando pelo seu pedaço, ameaçando o que você diz que é seu... E bem, no fim das contas, tudo, tudo passa pelo Stream.

Toda a reação de Bad Block foi expressa num único piscar. Taggart sabia que estava certo, suas informações não o decepcionaram, eram certas e provinham das fontes mais confiáveis que o dinheiro poderia conseguir.

Mas não era o suficiente, não era o principal. Mesmo com toda informação, mesmo com toda a potencia dos fervorosos algoritmos que perscrutavam a cena por pelo menos treze ângulos diferentes, captando cada pedaço de expressão e jorrando suas análises e dados direto aos olhos de Taggart, cabia ao homem e não aos recursos interpretar todo aquele retorno.

Outra pessoa já teria abandonado a sala, confiando nas análises computacionais que insistiam em, uma atrás da outra, afirmar que a jovem não estava apta para os fins desejados. Mas o velho tinha décadas de estrada naquela vida e confiava em seus instintos, sabia que era ela, e apenas ela, que poderia suprir as habilidades e conhecimentos de que precisava.

Mas ele ainda não havia chegado aonde queria. Preparava o terreno, criava uma armadilha perfeita.

– Você conhece o que conhece porque essa é sua maldita vida. E no que você faz, bem, você é a melhor. Outros podem até ter mais habilidade que você, mas não o mesmo espírito. – O rosto era inexpressivo, sério como a morte: – Posso te tirar daqui. Você vai ter sua conexão de volta, poder percorrer os túneis da rede novamente, dançar no Stream mais uma vez. – Se o diabo alguma vez havia sorrido, ele sorriu como Taggart naquele instante. – Basta fazer um trabalho pra mim. Um único trabalho. E então você vai ter o que quer.

Por um instante a *hacker* pareceu ponderar sobre aquela proposta indecorosa. Mas foi só por um instante e só pareceu. Quando abaixou a cabeça, um gesto que tanto lembrava uma possível ponderação, não foi para pensar no que lhe fora dito, mas sim para logo em seguida levantar-se vagarosamente, com a letargia de um longo despertar e então deixar a mesa sem proferir uma resposta sequer.

Ela não faria acordo com um homem de negócios, nenhum deles faria. Caminhando passo a passo, sem pressa, como se o tempo e o mundo fossem objetos à sua disposição, seguiu até onde um guarda a esperava para retorná-la à sua cela, tão claustrofóbica se comparada à imensidão da internet. Os movimentos eram lentos, arrítmicos, *Real Life* não era um mundo de velocidades, de pensamento, de fúria. O corpo não acompanhava a mente e tudo parecia ser em câmera lenta, tudo parecia ter limites. Não tinha porque correr.

O alvo de Taggart ia se distanciando com sofreguidão. Tomando distância a cada trôpego pisar. Mas os lábios do homem ainda exibiam o sorriso dantesco de outrora. Aquela disputa ainda não havia terminado e suas armas ainda possuíam munição. Iria ganhar aquela batalha, uma das primeiras daquela guerra e uma de importância vital. Nos seus olhos, o brilho diabólico de um ser manipulador que sabe que já venceu. Já não dava mais atenção ao que lhe diziam seus programas, enxergava além do mar de informação que ainda fluía em seus olhos.

– Nesse trabalho você vai ter acesso não só à darknet, mas aos *servers off* e aos equipamentos frios da Banshee.

A cascata de *dreads* naturalmente ruivos ondulou uma última vez da raiz até as pontas, quase como a vida, com suas idas e vindas, sempre a girar.

A *hacker* havia parado.

Bad Block e Taggart já saíam daquele andar. Juntos. Depois de algumas palavras e certificados digitais o velho conseguiu a liberdade da garota. No dia seguinte, nenhum registro faria referência a uma Laissa Jagnow.

Já estavam junto às escadas que levavam para o térreo quando Bad Block puxou a manga do terno do único empregador que tivera em vida, pedindo por sua atenção.

– O delegado vai tentar te matar antes de a gente sair de São Paulo – era a primeira vez que falava. – Ele tem muito medo de tentar alguma coisa agora. Mas ele não consegue. O assistente atira nele.

Os lábios de Taggart mostraram desconforto pela primeira vez.

– Como sabe? – ele disse, tentando manter a frieza de sempre.

– Internet. Padrões – e sorriu de forma estranha.

O homem fez menção de responder alguma coisa, mas seu rosto se tornou sombrio e ele se virou para a escada.

A *hacker* não subiu de imediato, olhou para o caminho o qual viera, com arrependimento em seu rosto. Mas ela estava onde tinha que estar.

Galgou os degraus e logo saiu da delegacia, não sem certo pesar. Tomara um partido, corrompera-se. Não tinha mais direito ao *nick*.

Estava em liberdade, mas, Laissa sabia, já não era Bad Block.

#cinema&celebridades Notório hacker F1r3Skullbl4z3-47 é contratado para estrelar em mais um filme de ação. 1.203.037 compartilhamentos (meia hora atrás).

#NotíciaNow Delegado é assassinado a sangue frio por policial em ação terrorista no aeroporto de Guarulhos. <Aperte o botão para ver a projeção 3D por 107 ângulos diferentes no momento da morte. Cena remasterizada para melhorar texturas.>

Relacionados: Conhecido diretor de cinema faz filme sobre a morte do

delegado Ramirez. 250.412 Compartilhamentos. (dez minutos atrás).

#BlogDoVieira Delegado está em estado crítico no hospital após fogo-amigo. 2.000 compartilhamentos. (9 minutos atrás).

#thedarkpost Dados vazados implicam participação da Banshee em atos ilegais. Ações da empresa despencam como nunca antes. 27 Compartilhamentos (5 minutos atrás).

Senhora Dolores Bruno Nunes Ribeiro

Dolores se admirava com uma resolução que havia vindo à sua mente: o tempo passa como o vento, de início frágil, mas depois implacável. Carrega dunas, traz tempestades, erode montanhas.

Montanhas como Maurício, seu marido.

Dolores, no alto dos seus sessenta anos, nunca tinha se metido a grandes filosofias. Era racional, turrona, pé no chão: achava que reflexões eram para quem queria questionar o imutável, fugir da responsabilidade de ter que lidar com a realidade. Nos últimos quarenta anos, havia transformado as ambições de Maurício em objetivos, as ideias em planos, e os sonhos em realidade. Orgulhava-se da sua importância na vida dele e do homem que ele havia se tornado: forte, tenaz, inteligente, impetuoso e ainda com uma doçura e vitalidade que a fascinava.

Portanto, não havia nada que quebrasse mais seu coração do que vê-lo deitado num leito de hospital, com aparelhos sustentando sua vida em seus fios. O tempo havia erodido sua montanha e tudo que ela podia fazer era refletir sobre isso.

Estava sentada ao lado do leito, com um casaco de *tweed* e uma saia de veludo. A memória que tinha de Maurício, seu senhorão de setenta anos, bigode e sorriso perpétuos, não combinava com aquele idoso doente de pele acizentada e respiração lenta. Ela mantinha sua mão sobre a dele. Algumas vezes se pegava acreditando que isso o ajudaria a se curar, como se alguma energia mística fluísse entre seus corpos.

Quem sabe não funciona?, pensava consigo mesma.

Senhora Dolores, a mulher de aço, estava entregue ao sentimento e às reflexões, porque depois de uma vida enfrentando a realidade, ela havia descoberto uma verdade da qual preferia fugir.

Enquanto isso, os ventos traziam uma tempestade.

Alguns Dias Depois

O tempo voltava a fechar.

Dolores, metida numa camisola, trazia nas mãos uma bandeja com cafés. Abriu a porta do seu quarto com o quadril.

Sorriu para Maurício, que estava sentado na cama. Ele se animou com o cheiro de café mocca, seu favorito. Dolores só o preparava em momentos especiais. E era um momento especial, não era?

Ela colocou a bandeja sobre o colo dele e fechou as janelas para o vento úmido não esfriar a bebida. Puxou da gaveta uma cartela de remédios e pôs alguns comprimidos na bandeja em dois montinhos coloridos. Beberam-nos com um gole do

café.

– Como você está? – perguntou Dolores, deitando-se na cama ao lado de Maurício.

– Estou ótimo. Senti falta desse quarto, da minha tevê, dos meus filmes. Não estar em coma induzido ajuda também.

Ele sorriu. Dolores comentou:

– Senti tanta falta do seu sorriso, sabia?

– Senti nada, a maioria dos meus dentes ficam dentro de um copinho d’água.

– Não é isso, seu velho gagá.

– Eu sei que não. Agora venha cá, deite aqui.

Dolores se aninhou debaixo do braço dele e ele apertou-a contra si. Ficaram assim, bebendo café e sentindo o calor um do outro.

Maurício tinha retornado para casa na noite anterior, dirigindo seu próprio carro. Os médicos que lhe deram alta não sabiam explicar sua cura repentina. Um deles chegou a brincar: “Se eu chegar a ver um outro caso desses, vou me tornar religioso.”

O velho tomou um bom banho, comeu bem, assistiu a um filme e dormiu de mãos dadas com sua esposa. Sentia-se aliviado pelas coisas estarem como eram antes.

Só havia um detalhe novo.

– Dolores, quem está no quarto de visitas?

– Hã? – ela acordou repentinamente de um cochilo. – Ah, é a neta da Judite. Ela me ajudou bastante enquanto você estava doente, então estou retribuindo. Ela viajou, foi para a Europa se não me engano. Então estou cuidando da Maria.

– A Judite tem neta? Não sabia nem que ela tinha *filha*.

– Tem sim. Umas três filhas, na verdade. Elas moram fora do Brasil.

Com isso, Maurício deu de ombros. Uma visita animaria as coisas, para variar. Sentia-se tão renovado que estava ansioso por situações novas.

Após assistirem aos programas da manhã e conversarem sobre últimas notícias, Dolores pousou um beijo na testa de Maurício e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Virou-se e entrou no quarto de visitas.

Dentre os cômodos da casa, aquele era o que Dolores menos entrava. Tinha tudo para hospedar visitantes que nunca apareciam: toalhas e pijamas no guarda-roupas, uma penteadeira com maquiagem, uma cama de viúva com um edredon bem macio. As paredes eram brancas e o carpete, cinza escuro. Um quarto preto no branco, assim como era Dolores.

E assim como era o corpo de Maria.

Aparentava estar nos seus dez ou doze anos – *apesar disso ser complicado de se*

definir nessas meninas de hoje, pensou Dolores –, com cabelos pretos e a pele mais branca que já tinha visto. Ela estava de joelhos na cama, metida num vestido branco simples, olhando a São Paulo nublada pela janela. Dolores fechou a porta com força para chamar sua atenção e Maria olhou-a por cima do ombro.

– Bom dia. Como você está? – perguntou, mas a menina não respondeu. – Você está precisando de alguma coisa? Eu não sei o que você come ou bebe.

– Não preciso de nada disso.

A voz de Maria era um meio-soprano alto e claro, incondizente com seu porte físico franzino. Dolores já tinha ouvido-a antes, mas continuava se surpreendendo. A senhora deu de ombros e virou-se para sair, mas Maria disse algo que a fez parar seu movimento:

– Minha mãe virá. E você vai se arrepender, escute o que eu digo.

Dolores, porém, apenas ignorou-a e saiu do quarto.

Hospital

A chuva começou a cair quando o doutor avisou desanimado sobre as chances de Maurício. Já era a segunda opinião, igual a primeira. Dolores apertou a mão de seu marido para ver se conseguia ao menos uma resposta. Por menor que fosse. Queria que ele acordasse nem que fosse para se desesperar com ela; só não queria vê-lo partir desse mundo, inerte.

O doutor pediu licença e chamou a enfermeira, que fechava as janelas. Saíram silenciosamente do quarto, deixando a senhora com os ruídos dos aparelhos e o martelar da chuva.

Então, num estalo, os aparelhos pararam. A luz se apagou. No corredor, médicos e enfermeiras começaram a correr para descobrir o que tinha acontecido. O hospital era munido de um ótimo gerador de energia elétrica, não deveriam ocorrer blecautes. Dolores ouviu gritos de pais, mães, filhos e irmãos desesperados por conta dos aparelhos inoperantes, fundamentais para manter vivos seus entes queridos.

Apertou a campainha da enfermeira diversas vezes, mas ela não fez som algum. Então se levantou e bateu com a aliança no metal da cama, nos aparelhos e em qualquer coisa ao seu alcance que fizesse barulho. Viu enfermeiras entrando em outros quartos, menos no do seu marido.

Até que a porta se abriu.

Após Alguns Dias

Chovia na casa de Dolores.

Maurício voltava de uma caminhada com amigos, contente por ter conseguido chegar antes da chuva forte. Mas deparou-se com uma cena inusitada: sua esposa

corria enlouquecida pela casa, fechando as janelas.

– Você trancou a porta? – ela perguntou.

– O que você está fazendo, Dolores?

– Trancou ou não trancou, Maurício?

Ele levantou as mãos num gesto de paz. Não tinha trancado, então o fez.

– Minha velha, o que deu em você?

Dolores parou no meio da sala, aparentemente desnorteada. Respirou fundo e cruzou os braços para controlar sua ansiedade.

– Medo d’água, Dolores?

– Não é nada – ela finalmente disse. E então, mudando de tom: – Olhe para você, está todo suado! Vamos, vou lhe dar um banho.

– Como quiser, enfermeira.

Ele deixou as chaves sobre a mesa e foi para o banheiro enquanto ela abria as torneiras e enchia a banheira de água quente. Maurício se despiu e vestiu um roupão de banho enquanto esperava. Dolores jogava algumas essências na água.

Ele a abraçou por trás e sussurrou um “olá” em seu ouvido.

– Pare com isso, seu velho tarado – Dolores avisou, mas sem nenhuma ameaça real na voz.

– Se eu sou um velho tarado, você também é uma velha tarada.

– Nem venha com essa!

Ela jogou água nele e os dois gargalharam feito adolescentes. Ela disse, rindo:

– Devia ter jogado água fria para ver se abaixava esse seu fogo! – e correu para a torneira.

Ele a segurou por trás e a girou. Deu-lhe um beijo longo, apertando-a contra seu corpo. Quando a força cessou, ela estava sem ar:

– Maurício, não temos mais idade para isso, pelo amor de Cristo.

– Eu te amo, minha velha – ele disse e a seriedade da sua voz fez Dolores notar como o achava bonito. – Sempre vou amar, não importa quanto tempo passe. Então não me venha me dizer que estamos “velhos demais”.

Ela sorriu e se rendeu. Eles se despiram e entraram na banheira, onde se esqueceram do tempo e da chuva.

Foi então que o maior trovão ribombou.

Os vidros do cômodo vibraram nas suas frestas, ameaçando explodirem. O brilho súbito deixou o banheiro branco por uma fração de segundo e queimou as retinas dos dois. Dolores gritou de susto e abraçou Maurício com força. Ele riu, mas também tinha se assustado.

O estrondo foi diminuindo, rolando para longe. Então a senhora ouviu alguém batendo em sua porta.

Pôde ouvir pés descalços no assoalho do corredor e o meio-soprano de Maria

perguntou:

– Mãe?

Dolores saiu apressada da banheira, enrolando-se precariamente num roupão. Maurício tentou acalmá-la, mas foi sumariamente ignorado. Ela destrancou a porta e saiu para o corredor. Maria estava há poucos metros na sua frente e gritou de susto. Correu.

O bater na porta havia se tornado murros e ombradas.

Dolores tentou correr atrás, mas nunca conseguiria alcançá-la, nem de longe tinha a vitalidade necessária. Viu Maria chegar até a porta e virar a maçaneta. Mas ela estava trancada. Os golpes se intensificaram: a porta ondulava e o concreto estalava com os impactos. Maria gritava de raiva.

Ela procurou pela chave, mas não estava na fechadura. O coração de Dolores saltou no peito de felicidade: abençoado fosse seu esposo.

Um outro relâmpago e trovão explodiram e iluminaram a sala. O molho de chaves brilharam sobre a mesa de jantar. Dolores correu para elas; Maria notou o movimento e correu também.

Dolores se lançou sobre a mesa e pegou a chave primeiro por uma fração de segundo. Maria pegou seu pulso, arranhando sua pele. Ela empurrou a menina no chão e recuou, derrubando uma cadeira.

A pessoa que batia à porta – mais parecia uma *coisa* – começou a berrar. O som era tão alienígena que Dolores temeu perder seus sentidos. Seu labirinto se embaralhou e suas pernas perderam a força. A chuva lá fora parecia estar enfraquecendo.

Com a queda, as chaves escaparam da mão de Dolores e caíram distantes, debaixo de uma estante. Maria, que já tinha conseguido se levantar, disparou para pegá-las.

– Agente firme, mãe! – ela gritou para a porta. Mesmo assim, os golpes não diminuíram.

Maria agachou próxima da estante, mas uma mão segurou a sua.

Era Maurício.

Com um tapa firme, ele desacordou a menina, que caiu flácida no chão.

O grito da criatura invasora fez uma pausa, como se compreendendo o que tinham feito com sua criança e então voltou cinco vezes maior. O som era tão absurdo que Maurício e Dolores sentiam seus olhos vibrarem nas órbitas e os tímpanos ameaçaram estourar. Não sabiam se seguravam os olhos ou tapavam os ouvidos e rezavam para o som parar.

Foi então que o grito virou uma voz, quase humana:

– *Amanhã! Eu voltarei amanhã e vocês irão devolver minha filha! E irão pagar caro!*

E sumiu. No silêncio que caiu sobre a casa, era possível ouvir apenas a chuva parando e as respirações aceleradas de Dolores e Maurício. Ambos estavam no chão, encolhidos em seus esforços de sobreviver aos gritos. Ele se arrastou até ela e pegou em sua mão. Um olhou para o outro. Riram de nervoso.

– O que foi isso, Dolores? O que *diabos* foi isso?

– Eu não sei – ela mentiu.

– Dolores. Somos casados há trinta anos, eu sei quando você me esconde algo. Quem... o *que* foi aquilo? A menina a chamou de mãe, era a mãe dela?

A velha olhou além de Maurício e viu Maria deitada de barriga para cima, totalmente inerte.

– Você a matou?

– Cristo, claro que não! Foi só um tapa. Deve estar desmaiada.

– Venha – Dolores se apoiou nas mãos e sentou-se. – Vamos levá-la para o quarto.

Maurício respirou fundo e se levantou. Ajudou sua esposa a ficar de pé também e os dois levaram Maria para o quarto de visitas. Deixaram-na na cama e saíram apressados. Maurício mandou Dolores se deitar enquanto ia buscar a chave. E complementou:

– Nós precisamos conversar.

Quando Maurício voltou para o quarto, encontrou Dolores vendo como as luzes da cidade brincavam por dentro das gotas no vidro. A chuva tinha se reduzido a garoa e, de maneira semelhante, tinha diminuído o nervosismo de Dolores. Maurício pode sentir a decisão na voz dela quando ela disse:

– Sente-se. Eu vou lhe contar o que aconteceu.

Hospital

Quem tinha entrado pela porta era um médico. Era tão alto que tinha que se curvar um pouco para entrar no quarto. Usava óculos redondos que ocultavam suas sobrancelhas e sua boca era caída, dando-lhe um ar de perene desinteresse. Fechou a porta, abafando o tumulto dos corredores.

– Olá, Dolores. Eu vim ajudá-la.

Sua voz era monótona, controlada e analítica. Falava com a imponência da sabedoria inquestionável que sua aparência lhe conferia. Ele caminhou até próximo de Dolores, observava Maurício com cuidado. E a chuva martelando na janela.

Ele colocou uma mão no ombro da senhora, fazendo-a sentir um conforto incomum.

– Você o ama.

– Muito – ela concordou sem titubear.

– E se eu dissesse que sou capaz de salvá-lo? Que posso fazer o que nenhuma pessoa deste lugar é capaz de fazer? O que você faria, Dolores?

– Qualquer coisa. *Mesmo*.

O médico sorriu de esgar. Deu-lhe um tapinha no ombro e removeu sua mão.

– Muito bem. O que vou lhe pedir é algo simples, perto do que posso fazer pelo seu marido. Mas antes de falar, acho cabível lhe mostrar meu rosto, para que não desconfie da veracidade do que proponho.

Foi sutil como o levantar de uma máscara. Numa hora, ela via o rosto do doutor; no outro, era algo alienígena, sem definição, como uma imagem borrada que o cérebro não consegue compreender à primeira vista. Ele parecia muito maior, tomando o quarto inteiro.

Dolores sentia um arrepio que ia até os ossos, mas não era exatamente medo. Na verdade, era uma espécie de êxtase e uma sensação absoluta de inferioridade.

Um relâmpago iluminou o quarto e Dolores viu a verdadeira face do demônio.

– A única coisa que lhe peço, Dolores, é um pequeno favor. Cuide de uma menina para mim. Tenho meus motivos para precisar de um lar temporário para ela, dos quais não lhe cabe saber. Irei buscá-la dentro de algum tempo, por hora indeterminado. Até lá, cuide dela com sua vida. Se ao meu retorno ela estiver sã e salva, seu marido não sofrerá mais deste mal. Aceita?

Dolores apenas confirmou com a cabeça, atônita.

O demônio tirou uma das agulhas que estava injetando remédios em Maurício e a apontou para Dolores. Esta, como se ouvisse vozes em sua cabeça, sabia o que deveria fazer: picou a ponta do dedo na agulha e deixou uma gota de sangue escorrer. Ela caiu na mão do demônio, que a apertou em sua palma.

– Está feito. A menina, chamada Maria, estará esperando na sua casa. Talvez você possa passar por apuros para cuidar dela, mas pode ficar tranquila: sua casa é um lar e estará protegida dos demônios. Até meu retorno, Dolores. Passar bem.

E como se nunca estivesse ali, o doutor sumiu e as luzes voltaram.

Maurício puxou uma longa golfada de ar e abriu os olhos.

Alguns Dias Depois

– É por isso que você fez tanta questão de entrar no apartamento antes de mim – entendeu Maurício.

Maurício estava sentado na cama, com as mãos cruzadas nos joelhos. Lentamente a história que Dolores havia lhe contado se assentava na sua cabeça. Boa parte dela ainda procurava outra resposta, mas desistia ante a lembrança daqueles gritos demoníacos. E, olhando nos olhos de Dolores, que estava agora de costas para o vidro, observando-o, ele sabia que ela dizia a verdade.

Os olhares se mantiveram por um longo tempo. As décadas juntos haviam lhes conferido a habilidade ímpar de saber o que o outro estava pensando por meio dos olhos e o que a boca tinha medo de falar, eles não tinham. Talvez fosse alguma espécie de mágica: naquele ponto, já não duvidavam mais disso. Do que tinham certeza, subitamente, era do que queriam fazer.

Maurício levantou-se e abraçou demoradamente sua esposa.

Quando o sol chegou na manhã seguinte, eles não tinham dormido. Dolores ligou para suas empregadas e disse que não precisavam vir. Depois disso, passaram o dia na cama, abraçados, ouvindo as ameaças e xingamentos de Maria, vindos do quarto ao lado.

A noite trouxe a chuva. Relâmpagos colossais pintavam a cidade de azul. O apartamento de Dolores e Maurício era pura chuva e trovões. Então veio o blecaute. Das portas, as ameaças de Maria e de sua mãe se acumulavam.

O casal de levantou e andou lentamente até o quarto de Maria. Esta, esbravejando tal qual sua mãe, parou ao notar a fechadura se abrindo e um objeto sendo passado por debaixo da porta.

Era o molho de chaves.

Ela abriu a porta e olhou pelo corredor. Dolores e Maurício tinham caminhado cada um para um lado, oferecendo espaço para ela passar.

Explodindo de alegria, a menina correu com a chave na mão. Não suspeitava de nenhuma armadilha; e de fato não havia. Abriu a porta para sua mãe.

Ela era uma mulher alta, magra, tão branca quanto a filha. Seus cabelos chegavam aos joelhos e quando abraçou a filha eles se espalharam pelo chão e ao redor da criança. Então, num lampejo de movimento, ela deixou Maria para trás e pulou na direção de Dolores.

Maurício tomou a frente e derrubou a criatura em pleno ar. Ela bateu com as costas no chão e Maurício tentou segurar seus braços. Mandava-a parar.

– Nós queremos devolver sua filha! – gritava Dolores.

Maurício era um homem idoso, mas ainda assim forte. Contudo, a mulher conseguia ser ainda mais e jogou-o para o lado. Levantou-se e investiu sobre Dolores, pegando-a pelo pescoço e prensando-a na parede. A velha repetia:

– Leve sua filha embora! Não queremos mais ela!

– Mentira! – disse a mãe. Agora que ela não estava mais gritando seu grito demoníaco, notava-se a semelhança entre sua voz e a de Maria. – Você não pode quebrar o pacto, ou vai morrer!

– Não importa – Dolores conseguiu dizer, quase engasgada.

A mulher observou-a com desconfiança por mais alguns segundos, antes de saltar para trás, para perto da sua filha.

– Não queremos mais sua filha – disse Dolores.

– É uma armadilha *dele*, não é? Do sequestrador da minha prole!

Maurício levantava-se, apoiado na parede.

– Não é – disse. – Nós queremos colocar um ponto final em tudo isso.

– Vocês não fariam isso – ela disse, mas não havia muita certeza em sua voz. – Assim que eu sair por esta porta com minha filha, ele ficará ciente da quebra do pacto. Das punições que vocês podem sofrer, a menor é a morte.

– Não importa – disse Dolores. Ela abraçou Maurício – Eu errei. Tentei adiar o inadiável e envolvi mais pessoas no meu sofrimento. Eu não me importo com o que você ou sua filha são; não é justo que eu as separe.

A mãe observava o casal com curiosidade.

– Não acho justo que a vida me separasse de meu marido também. Mas pelo menos neste caso, não tenho que carregar o fardo – ela fez um gesto brusco para a mãe. – Vá! Saia da minha casa.

O demônio sorriu brevemente e disse, numa voz mais doce.

– Eu acho sua atitude admirável. Não conheço nenhum humano disposto a fazer o mesmo. Então proponho protegê-los do perigo, em troca de um pequeno favor.

Maurício e Dolores gritaram em uníssono:

– *SAIA DAQUI!*

A palavra de ordem foi forte demais para a invasora resistir. Ela pegou sua filha no colo e correu para fora, sumindo na escuridão.

O casal se entreolhou.

– É agora? – perguntou Maurício.

– Nossa vida é nossa – disse Dolores. – Nenhum demônio irá tirá-la de nós.

Ambos abriram juntos as portas de vidro que davam para a varanda. A chuva caía pesada e encharcou suas roupas em um instante. Eles arranjaram duas cadeiras uma ao lado da outra. Subiram delas, de mãos dadas. E cada um apoiou um pé na murada.

Observaram juntos o espetáculo de fogo, água e vento que era a tempestade. Deixaram-se envolver pelo poder primal do fenômeno. Então trocaram um beijo rápido.

– Até breve, meu amor – disse Dolores.

– Até.

Pularam da murada, de mãos dadas até o último instante, sentindo o calor um do outro. Tinham a sensação de que, caso não se soltassem, suas almas iriam juntas para o outro mundo.

Quem sabe não funciona? Pensaram consigo mesmos.

Então, fim.

Jim Anotsu

é uma lontra. Ou um dinossauro. Sua aparência muda cada vez que come alface – ele é uma orca há dois anos. Nasceu, cresceu e aprendeu a ler numa caverna no Tibete. Decidiu ser escritor porque é a única profissão que permite exercer agorafobia em paz. É dono de algo chamado Humbug, um alienígena disfarçado de labrador. Seus autores favoritos estão mortos ou reclusos. Sua família e os cientistas afirmam que a razão de seu comportamento agressivo e antissocial – que inclui morder a perna de idosos no ônibus – é a extensa audição de *hardcore* emocional e música britânica triste.

Eduardo Kasse

É paulistano, nascido em 10 de abril de 1982. Escritor, palestrante e analista de conteúdos, vive nos mundos da literatura, do planejamento estratégico da informação e da edição de textos. Autor do livro *O Andarilho das Sombras*, primeiro volume da série *Tempos de Sangue*. SITE www.eduardokasse.com.br TWITTER @edkasse

Alliah

É escritora e artista visual. Natural de Niterói, Rio de Janeiro, nasceu em 1991 e desde então desenha e escreve compulsivamente. Pela Tarja, é autora do livro ilustrado *Metanfetaedro*. Participa das coletâneas *Paradigmas Definitivos*, *VII Demônios - Inveja*, *Deus Ex Machina*, *A Fantástica Literatura Queer - Volume Vermelho*, entre outras. Pela Draco, publicou o e-book *Fritei minha dignidade no bacon*. TWITTER @AlliahArt

Alícia Azevedo

é professora por formação e escritora por tentativa e erro. Já publicou em várias antologias, entre elas: *FC do B – 2008/2009 (Tarja)*; *Insanas e Sociedade das Sombras (Estronho)*; *Sagas II – Estranho Oeste (Argonautas)*; *Caminhos Fantásticos (Jambô)* e *Bestiário (Ornitorrinco)*. Organizou a antologia *2013 – Ano Um (Editoras Literata e Ornitorrinco)*.

BLOG alluim.blogspot.com TWITTER @alicia_azevedo

Renan Barcellos

Escreve para criar mundos e, com a ajuda do grupo de escrita Taverna do Trapeixe, tenta dar vida às suas histórias. Principalmente fantasia e *sci-fi*. Além de diversos livros, entre suas maiores influências estão *graphic novels* e filmes *crime comedy*. Publicou também dois contos na antologia *Sinistro! 2* e não pretende parar por aí. Baiano de 21 anos, tem desvelado seu cenário *steamlesspunkless* no BLOG eoutroscenarios.wordpress.com

Pedro Vieira

É carioca e cursa mestrado em Literaturas de Língua Inglesa na UERJ, onde pesquisa ficção científica e fantasia. Publicou dois romances, *Nerdquest* (2008) e a paródia *Memórias desmortas de Brás Cubas* (2010), além de estar presente nas antologias *Brinquedos mortais* (2012), *Super-heróis* (2012) e *Cyberpunk* (2010). Seu próximo romance, o *thriller* de zumbis – e *heavy metal* – *Metal contra os mortos* tem publicação prevista para o início de 2013. Mora em Copacabana com a esposa e um *dachshund* chamado Croquete.

BLOG nerdquest.wordpress.com TWITTER [@nerdquest](https://twitter.com/nerdquest).

Dennis Vinicius

Mora em São Paulo com esposa e filha. É formado em Publicidade e Propaganda e pós-graduado em Comunicação Visual. Desde criança, cria histórias com um toque de fantástico. Escreveu *A Grande Criação de Nicolas* (2011), seu primeiro romance de fantasia urbana, publicado pela Llyr Editorial. O conto *A Última Aventura do Pardal Mecânico* consta na antologia *Super-Heróis* (2012), da Editora Draco. SITE www.dennisvinicius.com.br

Hugo Vera

Paulistano, escritor e publicitário formado pela Universidade Metodista de São Paulo, publicou nas coletâneas *Paradigmas 3*, *Solarium*, *FC do B*, *Dieselpunk* e *Paradigmas Definitivos*, além da revista *Scarium* e blogs literários. Classificado no *Prêmio Bráulio Tavares* com o conto *O Homem Bicorpóreo*, é criador do universo ficcional de *As Filhas de Cassiopeia*. Organizou as antologias *Space Opera* e finaliza seu primeiro romance *Revolução em Vera Cruz*.

SITE www.hugovera.com.br TWITTER [@HugoVera](https://twitter.com/HugoVera)

Bruno Nunes Ribeiro

Paulistano nascido em 1990, escreve contos de terror e fantasia em seu blog desde os 16 anos. É Game Designer, formado em Jogos Digitais pela PUC-SP. Esta é sua publicação de estreia. Trabalha atualmente em outros contos e no primeiro livro de sua série de fantasia.

TWITTER [@brunowriter](https://twitter.com/brunowriter) BLOG brunonunesribeiro.wordpress.com

Lucas Rocha

Nasceu em 1992, em São Gonçalo – RJ, e depois de alguns anos em Brasília, voltou para sua terra natal, onde reside até hoje. Estuda biblioteconomia na Universidade Federal Fluminense e passa todo o seu tempo livre baixando discos, filmes e livros que nunca vai ter tempo de consumir. Publicou na antologia *Cursed City*, pela editora Estronho.

BLOG leituraseresenhas.blogspot.com TWITTER [@lucasdlrocha](https://twitter.com/lucasdlrocha)